

Maria Aparecida Perez

**Soziale Inklusion durch Erziehung,
Bildung und Kultur**

**Eine Studie über Programm und Realität der "Vereinigten Bildungszentren" in
São Paulo**

ANNHANG

ANEXO 1

MAQUETES CEUs

MAQUETES EXPOSTAS NO SALÃO AZUL

CEU INÁCIO MONTEIRO PERSPECTIVA I
(VISTA AÉREA)



3

CEU INÁCIO MONTEIRO PERSPECTIVA II

Regional :	Guaianazes
Distrito :	Cidade Tiradentes
Endereço :	Rua Barão Barros do Amazonas / Rua Barão Joaquim do Amparo / CEU Inácio Monteiro
Terreno (m ²)	12.633,00
Bloco	Área (m ²)
Bloco de Classes	9.054,00
Criche	424,00
Toilet	3.643,00
Área Construída Total (m ²)	13.121,00



(VISTA AÉREA)

4



CENTRO CULTURAL (VISTA EXTERNA)

7



CENTRO CULTURAL (VISTA EXTERNA)

6



CENTRO CULTURAL (VISTA EXTERNA)

5



CENTRO CULTURAL (VISTA DO TEATRO)

8



EDIFICAÇÃO PRINCIPAL CEI / EMEI / EMEF (VISTA EXTERNA)

11



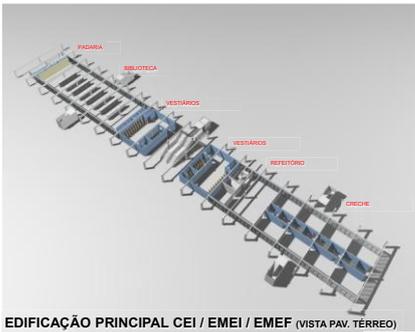
EDIFICAÇÃO PRINCIPAL CEI / EMEI / EMEF (VISTA EXTERNA)

12



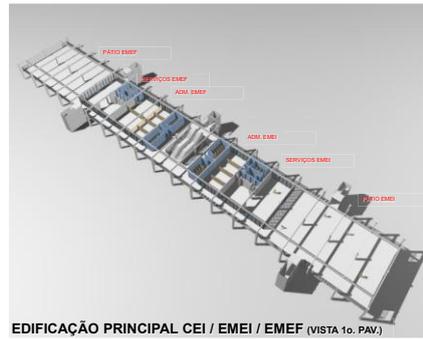
EDIFICAÇÃO PRINCIPAL CEI / EMEI / EMEF (VISTA EXTERNA)

10



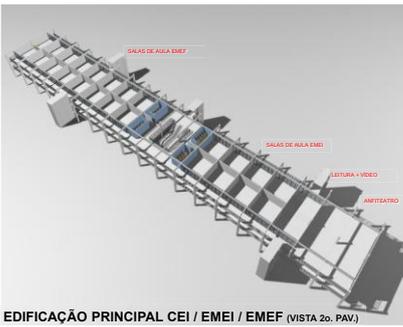
EDIFICAÇÃO PRINCIPAL CEI / EMEI / EMEF (VISTA PAV. TERREO)

13



EDIFICAÇÃO PRINCIPAL CEI / EMEI / EMEF (VISTA 1o. PAV.)

14



EDIFICAÇÃO PRINCIPAL CEI / EMEI / EMEF (VISTA 2o. PAV.)

15

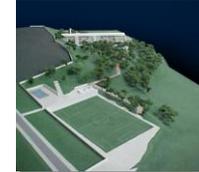
CEU ALVARENGA



Regional :	Cidade Ademar
Distrito :	Padroeira
Endereço :	Estrada do Alvarenga
Terreno (M2)	66.701,82
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	13.653,00
Crache	424,00
Área Construída Total (m2)	14.077,00

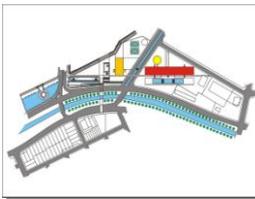


CEU ALVARENGA (VISTAS)



16

CEU ARICANDUVA



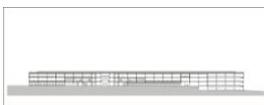
Regional :	Raquelera
Distrito :	Cidade Lúler
Endereço :	Av. Aricanduva – Quadra 250
Terreno (M2)	25.483,36
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	9.054,00
Crache	424,00
Quadra e Sala de Ginástica	1.308,00
Teatro	2.205,00
Área Construída Total (m2)	12.991,00



CEU ARICANDUVA (VISTAS)

18

CEU BUTANTÃ



Regional :	Butantã
Distrito :	Região Tereza
Endereço :	Av. Eng. Nelson Ant. E. Garcia, Alt. 1700
Terreno (M2)	42.830,00
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	9.054,00
Crache	424,00
Quadra e Sala de Ginástica	1.308,00
Teatro	2.524,00
Área Construída Total (m2)	13.310,00



CEU BUTANTÃ (VISTAS)



20

CEU CAPÃO REDONDO



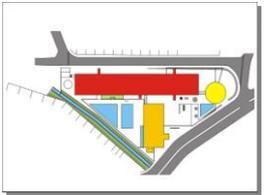
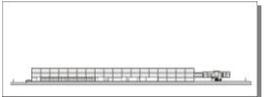
Regional :	Campo Limpo
Distrito :	Capão Redondo
Endereço :	Av. Carlos Lacerda, 678 (Clube Chacara S. Pedro)
Terreno (M2)	33.713,47
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	9.054,00
Criche	424,00
Quadra e Sala de Ginástica	981,00
Teatro	2.205,00
Área Construída Total (m2)	12.864,00



CEU CAPÃO REDONDO (VISTAS)

22

CEU CIDADE DUTRA



Regional :	Capela Socorro
Distrito :	Cidade Dutra
Endereço :	Av. Interlagos
Terreno (M2)	11.049,46
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	9.054,00
Criche	424,00
Quadra e Sala de Ginástica	817,50
Teatro	3.943,00
Área Construída Total (m2)	13.338,50

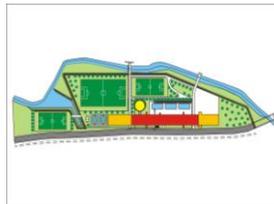
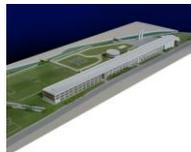


CEU CIDADE DUTRA (VISTAS)



24

CEU JAMBEIRO



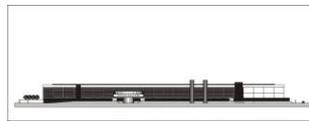
Regional :	Quilomazetas
Distrito :	Lajeado
Endereço :	Rua Flores do Jambeiro (Pascal)
Terreno (M2)	48.556,77
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	9.054,00
Criche	424,00
Quadra e Sala de Ginástica	1.308,00
Teatro	2.205,00
Área Construída Total (m2)	12.991,00

CEU JAMBEIRO (VISTAS)



26

CEU MENINOS

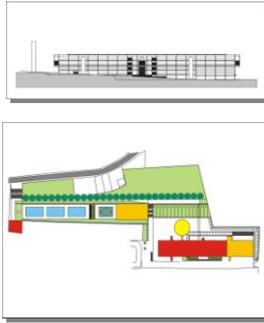


Regional :	Ipiranga
Distrito :	Ipiranga
Endereço :	Rua Barbilhos
Terreno (M2)	32.646,30
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	9.054,00
Criche	424,00
Quadra e Sala de Ginástica	1.308,00
Teatro	2.205,00
Área Construída Total (m2)	12.991,00

CEU MENINOS (VISTAS)

28

CEU MONTE AZUL



Regional :	Campo Limpo
Distrito :	Jardim São Luiz
Endereço :	Rua João Damasceno, 85
Terreno (M2)	25.452,78
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	12.096,00
Cachoeira	424,00
Quadra e Sala de Ginástica	1.308,00
Área Construída Total (m2)	13.798,00

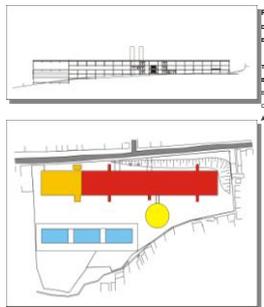


CEU MONTE AZUL (VISTAS)



30

CEU NAVEGANTES



Regional :	Capela Socorro
Distrito :	Grúipó
Endereço :	Rua Maria Moazzabi Barbour
Terreno (M2)	13.646,00
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	12.057,00
Cachoeira	424,00
Área Construída Total (m2)	12.382,11

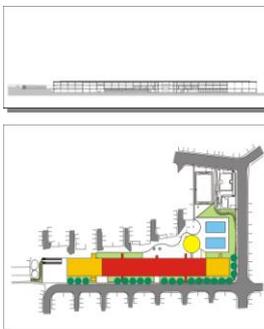


CEU NAVEGANTES (VISTAS)



32

CEU PARQUE SÃO CARLOS



Regional :	Ermilino Matarazzo
Distrito :	Vila Jacaré
Endereço :	C. H. Jardim São Carlos - Av. César Romero
Terreno (M2)	17.440,00
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	9.054,00
Cachoeira	424,00
Quadra e Sala de Ginástica	1.308,00
Teatro	2.200,00
Área Construída Total (m2)	12.991,00

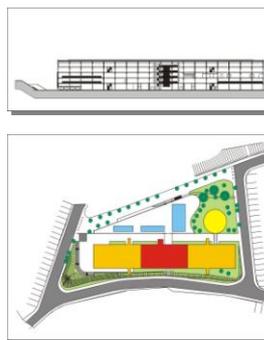


CEU PARQUE SÃO CARLOS (VISTAS)



34

CEU PARQUE VEREDAS



Regional :	Itaim Paulista
Distrito :	Itaim Paulista
Endereço :	Rua Daniel Pedro Muller / Rua Bitúia Negra (Parque Veredas)
Terreno (M2)	11.800,00
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	13.643,00
Cachoeira	424,00
Área Construída Total (m2)	14.067,00

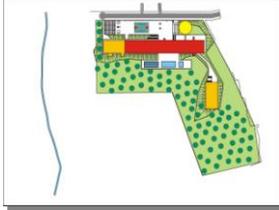


CEU PARQUE VEREDAS (VISTAS)



36

CEU PAZ

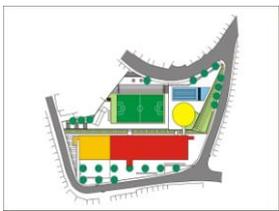
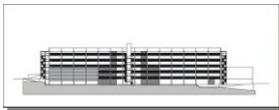


Regional :	Freguesia do Ó
Distrito :	Via Brasilândia
Endereço :	Rua Fernandópolis / Rua da Paz (não oficial)
Terreno (M2)	44.652,46
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classe	11.200,00
Crachá	424,00
Quilote e Sala de Cirúrgica	1.308,00
Área Construída Total (m2)	12.952,00



38

CEU PERA MARMELO



Regional :	Pirituba
Distrito :	Jaraguá
Endereço :	Rua Pera Marmelo / Rua Libero Tolentino Braga
Terreno (M2)	11.084,94
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	11.883,00
Crachá	424,00
Área Construída Total (m2)	12.307,00

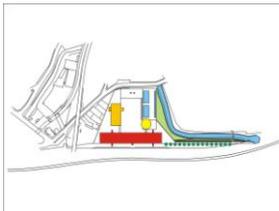


CEU PERA MARMELO (VISTAS)



40

CEU PERUS



Regional :	Perus
Distrito :	Centro Perus
Endereço :	Bernardo José de Lencina
Terreno (M2)	19.217,00
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	9.024,00
Crachá	424,00
Tanque	3.843,00
Área Construída Total (m2)	13.291,00

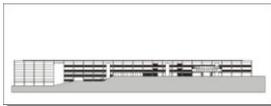


CEU PERUS (VISTAS)

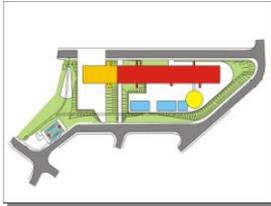


42

CEU ROSA CHINA



Regional :	Vila Prudente
Distrito :	Agropecuária
Endereço :	Rua Clara Patrícia / Rosas da China
Terreno (M2)	10.076,70
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	9.054,00
Criche	424,00
Teatro	3.543,00
Área Construída Total (m2)	13.121,00



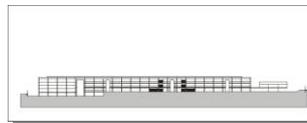
CEU ROSA DA CHINA (VISTAS)

44

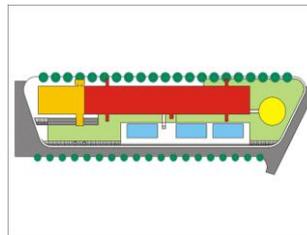
CEU SÃO MATEUS



CEU SÃO MATEUS (VISTAS)



Regional :	São Mateus
Distrito :	Iguatemi
Endereço :	Rua Francisco de Melo Palheta - ZB
Terreno (M2)	11.135,74
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	11.772,00
Criche	424,00
Área Construída Total (m2)	12.196,00

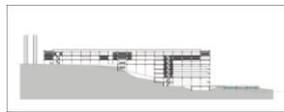


46

CEU SÃO RAFAEL



CEU SÃO RAFAEL (VISTAS)

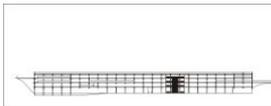


Regional :	São Mateus
Distrito :	São Rafael
Endereço :	Rua Miguel Ferreira de Melo
Terreno (M2)	13.255,88
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	13.466,00
Criche	424,00
Área Construída Total (m2)	13.890,00

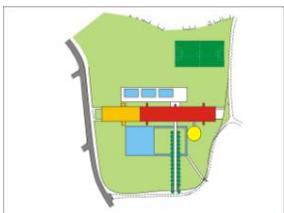


48

CEU TRÊS LAGOS



Regional :	Capela Socorro
Distrito :	Ondelândia
Endereço :	Estrada do Barro Branco
Terreno (M2)	47.990,40
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	12.977,00
Criche	424,00
Área Construída Total (m2)	13.401,00

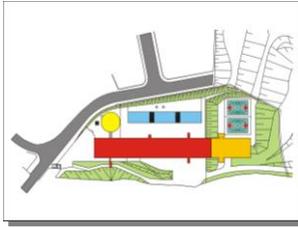
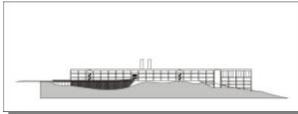


CEU TRÊS LAGOS (VISTAS)



50

CEU VILA ATLÂNTICA



Regional :	Pirituba
Distrito :	Jaraguá
Endereço :	Rua João Florêncio Pereira
Terreno (M2)	21.482,86
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	9.054,00
Criche	424,00
Teatro	3.070,00
Área Construída Total (m2)	12.548,00



CEU VILA ATLÂNTICA (VISTAS)

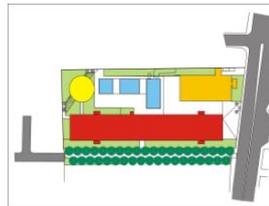


52

CEU VILA CURUÇÁ



CEU VILA CURUÇA (VISTAS)



Regional :	São Miguel
Distrito :	Vila Curuçá
Endereço :	Av. Marechal Tito, 3400
Terreno (M2)	10.807,44
Bloco	Área (m2)
Bloco de Classes	9.054,00
Criche	424,00
Teatro	3.643,00
Área Construída Total (m2)	13.121,00

54

ANEXO 2

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Ana Cecília

Entrevista realizada em 2007:

Local: São Paulo

Ana Cecília – foi a segunda gestora do CEU Butantã, quando a primeira gestora saiu. Teve uma gestão atuante. Participou da elaboração dos textos de metas e de apresentação dos CEUs. Depois fez a transição do governo que atuava para o novo governo que entrava. Hoje é supervisora de educação da região do Butantã, onde fica o CEU.

ANA CECÍLIA – Num momento em que São Paulo retoma a discussão da educação popular e pública, gratuita, de qualidade social pra todos, e como essa proposta [dos CEUs], vem dentro deste contexto se nutrindo no processo anterior. No nosso primeiro governo popular de 1989-1992; e neste segundo governo popular, 2001-2004, o nascimento da proposta e da organização da política. Então, Cidinha, a gente esta junto a muito tempo, mesmo não de corpo, longe, está perto de alma. Queria que você contasse um pouco desse movimento, na verdade, aqui da cidade, mesmo antes de assumir a Secretaria de Educação, e como você viu uma história se cruzando com a outra. Porque foi esse momento que sucedeu 89. Em 2001 sucedeu o momento de 89 e fico pensando, relendo as questões da educação para a cidade, as questões que o Paulo [Freire] coloca durante a gestão dele, na Secretaria de Educação, os desejos, os sonhos, as vontades, o círculo de leitura, essa heranças todas que tentamos fazer jus a elas durante a nossa gestão. Queria que você falasse um pouco dessa historia do ponto de vista da gestão democrática.

CIDA – Eu acho que sem querer a gente resgatou as questões do Paulo Freire na primeira gestão. Relendo coisas – até saiu um livro agora da Prefeitura falando das políticas de inclusão da nossa gestão (de todas as Secretarias). Em um capítulo eu tento fazer essa ligação, mesmo sem querer, por ter vivenciado a época dele, a gente foi resgatando as políticas e projetos. Quem começou na Secretaria qual era o primeiro objetivo? Era ver como estavam as escolas, tornar aqueles espaços melhores e, principalmente, retomar as questões da gestão democrática, com a revitalização dos conselhos de escola, toda aquela vivência do Conselho implantado no governo do Paulo Freire. Os grêmios acabaram nas escolas municipais, os conselhos, onde tinham diretor ou professor mais comprometido continuaram. Como o [Projeto] Escola

Aberta começou na gestão do Paulo, e serviram, no governo do Maluf e Pitta, como resistência, por parte das escolas, de espaço de participação que na periferia não tem. Era onde se podia fazer reunião, festa ou qualquer tipo de coisa, as escolas se abriam para a comunidade, mas sem que a gestão da Secretaria, o Secretário estivesse acompanhando. Então, na verdade, eu acho que resgatamos todos os movimentos de resistência, a riqueza que foi vivenciada porque acho que devemos à primeira gestão a organização da Secretaria. Ele estruturou a organização da rede, com a criação do Estatuto do Magistério e da carreira, para que a gente pudesse retomar de outro patamar. Muitas coisas já estavam organizadas nas escolas, já se tinha uma política desses projetos especiais para a escola, do tempo de trabalho. Embora o Maluf mexesse com a carga horária, nós tínhamos/ a gente sabia como retomar. Como o horário coletivo, a construção do Projeto Político Pedagógico – PPP, essa riqueza da autonomia das escolas. Até comparando com outras escolas aqui no Brasil, em outros municípios, e até de fora, é que/a autonomia que a escola tem para fazer seu PPP, seguindo as diretrizes, mas adaptando ao olhar que ela tem. Isso é uma coisa rara, não é em todos os municípios, e quando a gente fala, as pessoas acham estranho: Deve ser uma bagunça aquela escola faz o que quer. Não, ela encontra qual a melhor linguagem que ela tem para trabalhar com o território. Era o que o Paulo falava: que enquanto a gente não aprender a olhar onde nós estamos; entender onde a gente mora, onde a gente trabalha; principalmente o local onde está a escola, não constrói essa relação e sem esse vínculo não existe a aprendizagem, a escola ensina, a criança vai ler e fazer conta, mas ela não sabe levar para a realidade dela, ela aprende de forma mecânica. Isso, sem querer a gente foi resgatando na nossa gestão.

AC – Por que você fala sem querer?

C – Sem querer porque ela nunca esteve escrita, vamos fazer isto, pegar de onde o Paulo Freire parou e continuar. Não, sempre esteve na memória. Todos sabíamos que a cidade mudou muito em oito anos, inclusive a população teve, da gestão da Erundina, um boom de crescimento para a gestão da Marta, cerca de 30%. Ele parou aqui e daqui vamos continuar. A gente tinha a história na cabeça e a gente interpretou e construiu um caminho, por isso eu falo em sem querer, não é que não houve a intencionalidade pedagógica nem intencionalidade política, elas estão presentes, mas elas não serviram para falar daqui vamos pra lá. A história estava na nossa cabeça e com esse conhecimento fomos reconstruindo e resgatando os projetos. Acho que captou bem, nos interpretamos bem, a gente resgatou o MOVA [Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos], e vendo onde estavam as críticas, na época, para

não que a gente não voltasse a sofrer. A gente resgatou a questão da inclusão digital, (lembra daquele jornalzinho que saiu no DOM [Diário Oficial do Município] em que falava da inclusão digital, já em 89). Nós não fizemos um projeto específico para isto, ela foi para dentro da escola a gente renovou o que existia. Se pegarmos as salas de leitura nós demos uma vida nova para ela, partimos das escolas abertas, como um processo novo em que as escolas iam aderindo a medida em que quisessem. Não houve: nós paramos aqui, e agora queremos continuar daqui. Nós reconhecemos o tempo que passou, soubemos fazer uma análise de conjuntura e política, social, econômica, cultural, enfim o que tinha mudado na cidade, muito diferente principalmente na questão da pobreza, do desemprego, uma população muito maior e a gente soube fazer este olhar e o que é mais legal é que este olhar não foi só da educação, mas uma política pública de todas as áreas da Prefeitura. Várias ações foram feitas para que a gente pudesse chegar no CEU. Se a gente pegar a educação, a revitalização dos Conselhos, as reformas das escolas, os livros, identificar a supervisão, como as coordenadorias deveriam funcionar, então, houve todo um preparo para que tipo de formação vamos dar, como vamos receber as creches e fomos aproveitando; os CEUs, concretizam. Está certo que ele é um espaço diferenciado das escolas, mas nele a gente concretiza todas as experiências vivenciadas na rede. Eu acho que não tem nada diferente nos CEUs, a não ser os espaços que ele oferece, mas a os projetos educacionais viveram dessas vivências. Porque quem são os profissionais que estão lá, são os que vieram da rede; quem são os professores, são os que vieram da rede; quem são os gestores, eles carregaram pra lá sua experiência da rede e o seu sonho: o que eu quero fazer: quero fazer a diferença, eu não quero ser um mero reproduzidor.

AC – Que sociedade nós queremos, na verdade temporalmente, se você pudesse falar: Ana teve um dia que o CEU nasceu...

C – Nossa, acho que a gente pode dizer que ele nasceu no dia da inauguração do Jambreiro, depois de uma longa gestação. Naquele dia a criança foi vista, é fato, na hora que você vê a criança você realiza, é a dialética. Então, o prédio nasceu naquele dia, 01-08-2003, mas houve vários momentos Houve um momento da discussão: a Marta colocava muito, precisamos mexer na Educação, mas mexer não inventar um novo método, não inventar uma nova pedagogia, já temos muita coisa, o que queremos? O que a que a História do Brasil tem para a gente aproveitar. Um dia em que discutimos isso foi a sementinha

AC- Foi em que momento essa discussão? No início da gestão?

C – Foi em 2001.

AC – No início então.

C – Tem um momento na minha tese em que recupero o que poucas pessoas conhecem. A Marta durante a campanha colocou muito que ela queria um diferencial para a educação, e ela queria conhecer o que era o desejo dos jovens, não necessidade, porque a gente supõe as necessidades para a periferia: falta de escola, asfaltamento, energia elétrica...

AC – Falta muita coisa...

C – Ônibus é uma necessidade, você pode supor, conhecendo os dados da realidade, mas ela queria saber o desejo dos jovens/ que ela retoma no primeiro ano essa discussão. Tem o momento quando a gente recupera a história da Escola Parque, do Anísio Teixeira, do Vocacional aqui em São Paulo, Mascellani, Darcy Ribeiro, com os CIEPs [Centros Integrados de Educação Pública]. Nós tivemos uma história com vários momentos, então o que nós temos que levar para a escola, e compreender como ela foi reduzida. Não acho que os problemas sejam conteúdos, mas o tempo de permanência, e tínhamos que aumentar esse tempo, perdemos áreas do conhecimento que integravam o currículo antes, como a cultura – música, artes, esportes, as aulas de filosofia. Muita coisa que tinha na escola pública e que nós perdemos em função de reduzir o tempo de permanência para aumentar vagas. Não adianta ter uma elite. Tem que ter a universalização. Temos que ter escola para todos, podemos falar que escola pública universalizada, pra todos, está fazendo 10 anos, a partir do FUNDEF [Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental]. É uma rede pública nova. O que complementa o que está lá na escola, o ler e escrever, é a cultura. São essas outras linguagens que permitem a criança essa relação da leitura de mundo que o Paulo Freire falava com conteúdo, a gente não inventou, a gente resgatou um movimento que existia, a gente resgatou o movimento dos educadores do Brasil, a gente respeitou as questões pautadas pelo movimento, a história dos educadores e aí vem a escolha do projeto arquitetônico, descobrir que ele já existia em EDIF[Departamento de Edificações da Prefeitura], a escolha dos terrenos, a licitação, o prédio. Mas como é que vai ser esse prédio, o que vai tem lá dentro, quais espaços. Então começamos a discutir com a Cultura, com o Esporte, com a própria Educação, de como ela vê o equipamento, como ela vai lá pra dentro, como ela vai se relacionar com este novo espaço e com outras Secretarias, como

formar a rede, na verdade houve vários momentos para que tivesse o nascimento, mas a data é 4 de agosto.

AC – E o nome, Cidinha? O nome é muito feliz, muito legal.

C – Isso foi fruto, quando a gente estava discutindo o projeto, a Prefeita fez questão de contratar uma pesquisa qualitativa para avaliar a proposta. A gente estava propondo um prédio muito diferente – da creche até o fundamental, misturada, pessoas circulando naquele espaço, não havia muros, várias questões novas, ela queria saber a reação das pessoas àquele projeto, mas sem saber que era da Prefeitura. Num dos dias dos grupos, muito diferenciados, de várias classes sociais, num dos dias, uma mãe olhou a maquete e falou: se meu filho um dia pudesse freqüentar um lugar desses, ia ser o paraíso! Nós ficamos com isto na cabeça

AC – Isso em que ano?

C – Isso foi no final de 2001, comecinho de 2002 a Marta deu uma entrevista coletiva apresentando o projeto. O paraíso ficou nas nossas cabeças. A gente sabia que tinha que ter Centro, porque reunia educação, esporte e cultura, tinha que ter a palavra Educação, ele é uma ação pedagógica, e tem uma intencionalidade política voltada para a educação, mesmo que não formal, e tinha que ter uma terceira porque duas letras, CE, Coordenadoria de Educação? A gente ficava pegando todas as letras, mas pensando no paraíso, aí surgiu o unificado. Já que reunia várias áreas num mesmo espaço. Isso porque ao paraíso ficou muito marcado. Ver o filho freqüentando um local assim, que eu não posso pagar, tenho que trabalhar nem cuido direito. Imagine ter um lugar assim, que além de estudar ele tenha outras atividades, se ele pudesse ir num lugar desses, é um sonho, está muito longe do que ela vive; da sua realidade.

AC – Essa pessoa sabe?

C – A gente contou nos jornais, não sei se ela leu, porque a empresa é proibida de identificar as pessoas para o contratante. Eu espero que ela tenha lido, e se reconhecido. Eu acho que se ela leu na época, ela sabe que ela inspirou o nome.

AC – Eu acho genial, e assim Cidinha essa coisa do CEU, da organização do CEU e uma idéia fundamental do projeto e eu fico sempre pensando – projeto, programa, política. Eu tenho uma hipótese sobre isso e queria saber a sua: projeto, programa ou política?

C – Hoje ele é uma política pública, mas ele nasceu como um projeto.

AC – É a mesma questão que tenho.

C – Quando nós pensamos nele, era um equipamento, era um projeto. Quando ele começou a ganhar corpo, a discussão com a comunidade, todo aquele processo de envolvimento, apropriação, dos grupos formados, do Conselho Gestor, a forma de partilhar e organizar esse equipamento, ele deixou de ser projeto de escola, um projeto especial da educação. Quando interage com outras áreas, a intersetorialidade, eu acho que ele passou neste segundo momento a ser um programa e a partir da discussão do conceito, porque ele não era o prédio, e na discussão sobre o conceito foi sendo compreendido depois que a comunidade começou a utilizar esse espaço público. O que é espaço público, a escola pode se movimentar no seu entorno, ocupar os seus espaços. Compreenderam que todas as escolas não precisam ser transformadas em CEUs porque existem vários equipamentos públicos como praças, clubes, escolas particulares, igrejas, que podem ceder espaços, teatros, museus, igrejas, oferecemos espaços não utilizados complementando os espaços necessários a atividade da escola. Eu acho que quando a gente entendeu esse conceito, e nós fizemos até lá na Vila Maria, onde estava a Filó, que não tinha CEU, aulas nas praças públicas, sábado e domingo, aulas ocupando aquele espaço. Então quando a gente se liberta do conceito de que não precisa de prédio, do espaço da escola, entra o programa. Mas o que o transformou em política, pra mim, foi ele não ter sido interrompido. Do entendimento e apropriação deste conceito, na mudança de gestão, e numa gestão que nos sucedeu que falava mal e que falava que ia acabar, e foi uma ação da comunidade e não movimentos organizados, pessoas do OP [Orçamento Participativo], que queriam os próximos, que eles garantiram sua continuidade eles transformaram os CEUs em política pública, pra mim.

AC – Você acha que tem uma continuidade meio anômala. Vou te dar um exemplo do CEU Butantã, e que neste momento recebeu grades separando a CEI [Centro de Educação Infantil], da EMEI [Escola Municipal de Educação Infantil], da EMEF [Escola Municipal de Ensino Fundamental]. Aquele corredor das piscinas está ladeado por um portão de grade imenso de cada lado. A Biblioteca abre do lado do bosque de leitura que também ganhou grades. Hoje o CEU Butantã é um lugar cheio de grades. Eu queria que você falasse nessa continuidade, nessa perspectiva. Até que ponto questões políticas e ideológicas interferem nas políticas públicas de educação. Não estou falando em políticas de governos não, política pública deve ser muito maior que a política de um governo, mas é como é que a gente/e eu estou me colocando como gestora pública, como você/da maneira que atua como Secretária de Educação, como

a gente foge disso, mesmo reconhecendo que é uma política a mais de educação, continua num governo com o olhar tão diferente do nosso, de gestor desta política pública, No começo a gente não tinha a idéia, a certeza de projeto, programa, política, mas tínhamos pensado uma rede de 45 CEUs, mesmo só construído 21, nós pensamos numa perspectiva de política: como é como fica essa política pública. Como você vê isso, Cidinha?

C – Tem, assim, vários momentos. O governo, durante a campanha, a luta ideológica foi grande e eles falavam em acabar com os CEUs, alugar para Universidade etc. Quando eles tomaram posse eles viram, já que não conheciam, que não existiam vagas sobrando como eles falavam, nem uma universidade queria porque aquele espaço estava todo ocupado. Teve uma redução, isto é/tem a ver com o que você enquanto governo acha que deve oferecer para a população. Tem uma diferença política ideológica diferente. Para o PSDB nós fizemos uma coisa muito diferente, será que pobre merece? Declaração do Serra que o cloro era caro para gastar com piscina para pobre, o editorial do diretor do [Colégio] Bandeirantes criticando o gasto com espaços para pobres, só que lá pode, para quem paga pode. O CEU faz as coisas de graça para a população, é uma visão de como você usa os recursos que vem da população, impostos, como você devolve esse imposto em forma de serviço. Nós fizemos uma escolha, de melhorar a educação e intervir no urbano (plano diretor, subprefeituras, transportes) construir escolas, os CEUs e intervir no seu entorno, e de fato criar possibilidade de romper com o ciclo de pobreza o que é muito diferente do PSDB que quer ser um bom gestor e acabou com as... A gente viu o CEU Campo Limpo esta todo pichado, mas tem outros CEUs que continuaram com atividades imensas contando com a comunidade. Tem o CEU São Carlos, o São Mateus, o Aricanduva mais ou menos. Por exemplo, quando eles acabaram com o contrato de vigilância dos CEUs, no CEU São Mateus a população foi dormir no prédio, eles se revezavam para que não houvesse roubo ou depredação. São sinais que mesmo com a diferença ideológica custa caro para eles. Não é a toa que no final do primeiro ano o Serra fala que vai manter os atuais CEUs e construir os novos, 24, e não vai mudar o nome, a paternidade. Porque CEU era o que eles queriam, não adiantou mudar o projeto arquitetônico a população continua a querer o que nunca tiveram o teatro, as orquestras, as piscinas e não só a criança, a família... Você vê/a gente coloca que a família é o núcleo principal para melhorar a educação, mas qual é a proposta que ele tem para a família para ela realizar isto. Mesmo a família, que tem a mãe ou outra pessoa como chefe de família, ele ofertava espaço que você podia conviver socialmente, um espaço com dignidade, eles iam lá para passear, brincar, mas

também para aprender, ir a biblioteca onde eles podiam pesquisar. A maior parte dos usuários da biblioteca eram alunos da rede pública estadual que não possuem sala de leitura. Não eram nossos alunos porque a sala de leitura... O fato de abrir de fim de semana ofertou possibilidades para jovens e adultos que trabalham. Porque que horas você vai fazer uma pesquisa, ler, se você trabalha de dia, estuda à noite e fim de semana os equipamentos estão fechados. Professor a gente sabe que o salário não dá pra comprar as montanhas de livros que a gente precisa, mas tem uma diferença ideológica, que a população, mesmo perdendo num primeiro momento o que era ofertado, eles foram dando sinais de que não aceitariam o rompimento do programa, teve aquele primeiro momento de ofertar qualquer atividade sem nenhuma ação pedagógica. Agora aos poucos eles discutem como retomar, veio a Fábrica de Cultura que não teve resultado, devagar a população vai retomando, porque foi um processo de aprendizado, de apropriação, devagar, porque o CEU não é o que era na nossa época. Isso até o Schneider [Secretário de Educação] me perguntou, quando fui conversar com ele, ele queria saber o que era o CEU, porque todo CEU que ele vai todo mundo fala: É que o senhor não viu isso aqui antes. Até um gestor/ coordenador que foi da área de Cultura disse que ele não tinha idéia do que era aquilo. Conteí que os indicadores da FIA [Fundação Instituto de Administração], que não eram os nossos, que acompanhavam [os CEUs], apresentavam 1 milhão de pessoas freqüentando os CEUs. É significativo e eles têm que correr atrás, vão tentar dar resposta. Mesmo essa coisa ideológica tendo espaço nos CEUs, foi o principal ganho da população defender e construir os próximos CEUs nas áreas determinadas por nós. Mesmo as escolas que eles estão construindo, para acabar com o turno da fome, é o que nós deixamos, nós planejamos o segundo mandato, nosso PPP, mas o que nós deixamos organizado/é o que nos deixamos organizado é outro ganho que transformou em política pública é quando você vê que de cidade de São Paulo, foi para Nova Iguaçu, não tem prédios, mas incorporou os prédios públicos e particulares, foi pra Belo Horizonte, Educação em tempo Integral envolvendo ONG, parceiros e comunidade. Está em Recife com os animadores culturais que é junto com a Educação e Cultura; está em Bogotá, que estava construindo 32 Centros. Se você ler a proposta de Bogotá é idêntica a nossa, os roteiros pedagógicos nos bairros, o envolvimento da população para na concepção do prédio. A diferença é que lá cada prédio é de um jeito diferente. Resolvemos ter o mesmo projeto adaptado nos vários terrenos, criar uma marca. Em Gênova foi publicado um livro pela universidade. Agora estou indo participar de um evento que quer discutir o impacto urbano e social em todas as áreas causados pela construção de um grande prédio, Você vai vendo que o conceito saiu desse espaço, da cidade. Ganhou asas. Ariquemes construiu um CEU, Você vai aqui perto de Matão, como é o

nome da cidade? Penápolis também fez um CEU, e Embu, também fez um CEU: a Escola Paulo Freire, não é igual o prédio, mas é uma escola que tem espaço para a comunidade, que fica aberto, que oferece oficinas, então você vê que o conceito foi apropriado, até umas administrações do PSDB esta usando este conceito. Vitória, é PT, mas aprovou na Câmara Municipal uma Lei, o conceito foi apropriado. O conhecimento é público, deve ser apropriado por todos e dialogar com o local onde vai ser aplicado. Eu acho que esse é o nosso ganho, muitas coisas vinham sendo ditas na educação durante anos e anos, como a relação com o território, o respeito a cultura e a participação popular. São Paulo foi um grande laboratório na nossa época. As pessoas olharam para o que foi feito de forma experimental – muita ousadia – aqui não é o prédio, é o que ele envolve para a comunidade, dignidade, emancipação, educação popular e crítica em vários lugares. Nossa escolha pelos prédios levou em consideração o tamanho de São Paulo. A dificuldade de acesso a bens públicos, o custo, a redução do turno da fome, a ampliação de vagas para a Educação Infantil etc. É um ganho também agora que o MEC [Ministério da Educação] fala em Tempo Integral, e não horário integral... Que eles vão privilegiar os projetos das cidades... Que vão ofertar atividades culturais e esportivas complementares ao espaço e tempo da escola. São Paulo deu; não que não exista em outras cidades e que outros tentaram, é que aqui foi concretizado, pelo tamanho da cidade, e foi a primeira vez que no Brasil não foi feito como um projeto experimental, modelo, para depois ser aplicado. Nós não fizemos um ou dois para ver se dava certo, nós fizemos 21, e cada um, mesmo tendo as nossas diretrizes, a matriz de atividades, cada um pode fazer o seu projeto. Mas não eram iguais, como as escolas não são iguais. Não fizemos um projeto piloto que se der certo nós vamos replicar essa idéia. Nós fomos capazes e tivemos coragem de fazer 21. Eles dialogaram, sabíamos o que deviam ter mas dialogam com a população e cada um se organizou da sua forma, do melhor jeito de se apropriarem. Sorte que nós demos.

AC – Nesse seu conceito de política pública nesse momento, é conceitual mesmo, mesmo a gente tido tão pouco tempo, estou [falando] de tempo, não de tempo histórico porque este é monumental, de pensarem como a gente usou este tempo histórico, mas o tempo cronológico foi muito pequeno, pouco, a gente consegue mesmo tendo esta vida tão curta do CEU, a gente consegue fazer uma análise dessa política?

C – Já teve a primeira avaliação quando o Kofi Annan contratou pesquisadores para verificar o impacto [dos CEUs], mas eles eram novos, não havia impacto a ser medido.

Mas acho que o trabalho que foi feito tanto do que era a ocupação dos espaços, e de novo que é e a Cultura fazendo a ponte do espaço com o território, temos questões para serem discutidas algumas coisas, as pessoas que passaram por lá, tenho certeza que adquiriram conhecimento e que estão aplicando no seu lugarzinho de várias formas, não com toda a intensidade e emoção que nós vivemos, mas a gente faz e dá para avaliar. A gente consegue avaliar além dos dados concretos, logo que saiu o primeiro resultado do Prova Brasil em relação ao SAEB [dois exames que compõem o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica] houve uma melhora e eu credito isso ao que nós fizemos, não aos CEU. Um repórter até falou pra mim que o resultado do CEU era igual ao das outras escolas. Graças a Deus, nós nunca falamos que ia ser diferente. A nossa política não foi criar uma escola de excelência e sim criar um ponto de encontro, um ponto da região para ofertar o que não podemos ofertar em todas as escolas, nesse sentido todas as crianças das escolas municipais foram beneficiadas e devem ter o mesmo rendimento. Não que todas devem ser iguais, mas não devem ser muito melhores. E o que eles esquecem de ver é que nossas escolas tem um projeto diferenciado, elas não se limitaram a ensinar a ler e escrever elas tem outros projetos. As escolas não fecharam para a comunidade elas continuam se relacionando com a comunidade independente da orientação da Secretaria. Essa relação é que impacta o aprendizado e aí a gente pode ver isso, pequenas melhorias, mas mostra um caminho, mas não é só o Ensino Fundamental, é o grande investimento realizado em Educação Infantil na cidade de São Paulo. Tudo o que foi feito, a primeira cidade que entendeu a Pedagogia da Infância de 0 a 6 anos, de formar os professores, de investir pesado nisso. Porque nós estamos investindo no começo da educação e para quem já está na escola foram realizadas várias ações para recuperar a perda delas. Então o impacto na revisão/ e mostrou o erro que teve na divulgação do Prova Brasil, a gente está melhor ainda. O resultado no município de São Paulo é por causa das nossas escolas. A educação não tem resultado imediato, é um processo que vai se acumulando. Ela vai acumulando esse resultado, mesmo que as crianças não se saiam bem nessas provas não quer dizer que elas não aprenderam.

AC – Essa experiência através de/atravessou a cidade, as praças, as pessoas, as famílias, a experiência dos CEUs não pode voltar atrás. Ela não pode voltar, porque é um exemplo de resistência civil com uma história de organização popular.

C – Respeito a essa população. Acho que é o primeiro projeto que mostrou o quanto essa população merece ser respeitada e ter a mesma dignidade de qualquer pessoa, que não é o seu dinheiro que conta, mas a questão de criar o capital cultural, porque

os pobres, não tem capital financeiro não tem capital social porque não tem as relações com as grandes famílias que te ajudam a movimentar na vida. Então o que o Governo deve fazer, o que tem a oferecer, oferecer esse capital cultural.

AC – Na rede também.

C – Professores.

AC – Na rede de proteção.

C – Criamos um novo sentido para a rede de proteção social, porque ela mostrou que ela era uma rede de emancipação também, não só de proteção.

AC – O conceito de educação emancipatória, base epistemológica do projeto, as pessoas dizem que não tem PPP. Claro que tem.

C – É que as pessoas estão acostumadas antes a ler teórico de apresentação. Elas nunca olham a prática antes. O que a gente fez foi diferente, a gente já conhecia a teoria, já estava nas nossas cabeças, a gente não precisava ter mais do já estava escrito.

AC – Tem todos os livros do Paulo Freire.

C – Isso, então, o que fizemos? Nós pusemos em prática, mão na massa, e o que tínhamos na cabeça dava para concretizar, se era viável. Nós temos a prática; aí cobram: cadê a teoria? Mas só fizemos isso porque existem teorias e outras experiências, nós colocamos no projeto com um ideário e assim numa proporção muito diferente. Amassamos barro de verdade. Fazer essa relação do projeto, hoje, com as teorias formuladas é a tarefa, hoje.

AC – Estaríamos discutindo até hoje?

C – É em cima da prática. Se estivéssemos discutindo, escrevendo, vendo bibliografia, escutando os grandes intelectuais, até hoje nos estaríamos discutindo.

AC – Foi uma opção?

C – Foi uma opção nossa, de governo, nós vamos fazer. Isso foi muito importante, um marco: a Prefeita tomar a decisão, nós vamos fazer, apresentar para a população e depois para a comunidade escolar. A gente sabe de onde estamos partindo, vamos discutir na prática, realizando. Chega de só citar, idolatrar e não por em prática. Paulo

Freire só escreveu sobre a sua prática, ele fez, depois pensou e disse opa – ele não descreveu uma experiência, mas criou uma metodologia em cima da prática. Ele fez primeiro, ele experimentou antes. Se você pegar o Vygotsky ele fez primeiro, ele deu aula, depois escreveu o que observou e descobriu, a partir da vivência dos alunos e das varias experiências, o que se escreve deixa um legado teórico. E nós temos que ver como nos apropriamos, e aplicar na atual realidade. Agora nós temos que fazer as avaliações. Tem fases, tem um tempo maior e comparar e demonstrar que foi um passo correto, não foi errado. Lembro de frases, de pessoas que falaram que a gente ia se arrepender amargamente de ter feito o CEU, principalmente a Marta.

AC – E erraram.

C – Sim, a gente está vendo o reflexo disso nas políticas, independente de falar do CEU elas estão dialogando com o conceito. Quem trouxe para o cenário, se pensarmos sobre o evento de educação integral que houve o ano passado, Unicef/Cenpec. Se pegarmos o Movimento dos empresários pela educação, quem é que colocou na pauta a questão do território. Foi o nosso governo, um equipamento, com uma intencionalidade política, mas o que ela fez, ela provocou um diálogo com o território tendo o nome de CEU, foi o nosso projeto. As pessoas podem falar em avançar mais porque são 21 CEUs, fora os 3 CECIs [Centros de Educação e Cultura Indígena]. Não existe, conversei com uma pessoa que faz documentários, que faz filmes, que não conhece nenhum lugar no mundo que tenha dialogado, pensando no numero de Guaranis. Em relação aos 11 milhões de habitantes, eles são um traço [%], são nada, então como o poder pode olhar para esse projeto e reconhecer o seu lugar nesse espaço, como reconhecer essa nação, e criar condições, não paternalistas, de diálogo de igual para igual. As pessoas estão acostumadas a olhar os grandes números, não olham traços para pensar projetos públicos. Que outra cidade teve projeto de alfabetização para travestis? Eles colocaram no OP que eles eram discriminados porque não querem trabalhar, mas se a escola o pôs pra fora, que alternativa sobra pra essa população. Eles trouxeram esse debate e foi feito um projeto para eles. Se olharem o número, 100, muitos vão dizer que perdemos tempo e dinheiro. É perder tempo ou construir um novo paradigma de educação de mudança, de respeito e de convivência.

AC – Acredito que voltamos para o conceito de política pública, porque na concepção da Maria Vitoria Benevides, tem um conceito de cidadania ativa, todos são cidadãos, mesmo os 0,0002% da população são cidadãos. Então estamos na esfera da política pública

C – Reconhecer os diferentes e oferecer os mesmos direitos. Isso é política pública, é sair do discurso, da teoria e investir e reconhecer os diversos não atores, mas reconhecer os sujeitos sociais, todos foram protagonistas, não o tempo todo, mas soubemos dialogar com todos esses movimentos.

AC – Desde o OP.

C – César Munhoz, a própria cidade: Cidade educadora.

AC – Desde então porque reconhecem essa política pública. Fica claro que é uma política pública porque tornou público o direito do cidadão.

C – Torna público o que é estatal, o que é estatal e o que é público. Começamos a romper que a escola é um espaço estatal, não, ela é um espaço público, portanto é meu. Eu acho que começamos a avançar nessa discussão complicada e avançamos numa questão da educação que é muito mais ampla, por mais que se diga que pedagogia é o ato de ensinar nós avançamos. Nós olhamos a escola, participação social e controle, vimos as várias organizações e oferecemos propostas nas várias áreas do governo. Demos um salto quando falamos em emancipação porque o jovem não necessariamente ele precisa estar na escola para aprender. o processo de aprendizagem dele; foi mais amplo, usou e concretizou de outra forma e vimos vários exemplos disto.

AC – A escola precisa reconhecer e certificar, e nós demos esta escola, que conhece e articula esses saberes.

C – Quando a Marta dialoga com a pastoral dos imigrantes e resolve que qualquer criança boliviana ou de outras nacionalidades, é que para nós, naquele momento, a maioria era boliviana, decide que qualquer criança mesmo sem carteira de identidade do Brasil, que elas têm o direito de frequentar a escola. E quando envia projeto para a Câmara reconhecendo que mesmo não tendo nacionalidade, elas têm direito ao diploma pelo tempo que frequentaram a escola, isso é reconhecer direito. Eu não conheço nada igual.

AC – Nós vimos na França agora os problemas de não ser daquele país, de ser renegado.

C – Foi super legal porque as crianças estavam na escola e não iam receber o diploma junto com as outras? Não iam participar da festa de formatura? Vai sim, sem desprezar a soberania nacional, o que ela fez foi reconhecer o direito, enquanto as

famílias estão obtendo visto de permanência ou não e essas crianças não são zero. Esse reconhecimento feito em São Paulo, e o CEU foi o grande laboratório porque lá, tinham gente de todas as condições, das classes, que já estudavam, mães que voltaram a estudar, que foram para o campo das artes e se sentiram seguras num espaço público, protegidas pela ação educacional e não por policiais. Porque a idéia , agora tem pista de skate vazio, quiosques, tudo muito estranho, mas a população aos poucos irá retomando. Já foi uma vitória a população, mesmo não presente nos espaços, não deixou com que ele acabasse, logo no primeiro ano, e forçou seu reconhecimento. Se você pegar a entrevista de Eunice Durhan, perto da eleição, ela fala claramente em acabar com os CEUs, em transformá-los em clubes para pobres. Se você pegar esse discursos e que ele não se provou , foi derrotado. Foi uma vitória de classe. Porque eles falam que a escola precisa ensinar ler, escrever e fazer conta, e pronto. Nós não, nossa perspectiva é outra.

AC – Projetos de segunda guerra mundial, essa idéia do Pinotti, colégios Salesianos, tirar da rua as crianças. Nós sempre quisemos devolver a rua para as crianças.

C – O Lindberg usa muito um texto do Paulo Freire que fala isso, preciso até descobrir qual o livro. E o legal é que ele reconhece que durante a campanha ele falava em tirar as crianças das ruas como uma proposta de segurança, de melhoria, e a partir da implantação do Bairro-Escola ele percebeu e compreendeu que era o contrário. Paulo Freire: *nós não temos que tirar as crianças das ruas, mas devolvê-las para a rua e a cidade para as pessoas*, no diálogo, esse lugar é nosso, nós vamos viver sozinhos, fechados? Não, nossa proposta é o contrário. Em Nova Iguaçu as crianças circulam pelas ruas, praças porque as escolas não têm espaço, muitas nem recreio tem por falta de espaço. Aí aparecem idéias, como pintar os muros dos caminhos das crianças.

AC – O Gilberto Dimenstein fala sobre o bairro escola, sobre esse pertencimento, embora ele esteja meio embaralhado [o Dimenstein], o sentimento de pertencimento, rua significada, rua. Roberto da Mata, Frenet, caminhos de aprendizagem, que nós vamos esquecendo e que de repente, com uma experiência, são recordados. O CEU ofereceu essa oportunidade. A escola ensina mas o processo de aprendizagem é muito mais amplo que a escola.

AC – É maior que o... Eu costumo falar que o CEU é uma escola “Botero”, porque o CEU é uma educação gorda, que extrapola o limite da escola, porque eu gosto muito dele, o CEU é uma educação gorda, voluptuosa, escapa dos limites da escola,

robusta, o Botero retrata não só as pessoas assim; tem o quadro das flores, do bolo, tudo é robusto. O CEU é um pensamento robusto, foge do punir e vigiar.

C – Elas conseguem fazer o diálogo do particular com o geral, elas conseguem enxergar e reconhecer este lugar. E voltar para elas, conseguem reivindicar, participar das mudanças no bairro.

AC – E isso não é a leitura dialética da cidade? E aí eu queria perguntar para você sobre orçamento público. Nós vivemos naquela ocasião um movimento fantástico do OP, do orçamento participativo e vivemos um embate no custo do CEU. E depois pararam um pouco com isto e começaram porque só a educação tem que pagar tudo. A cultura participa, o esporte, outras secretarias pegam carona e só a educação paga. Então eu acho que essa discussão... Você conhece o trabalho do Amir Khair?

C – Sei. O relatório para o PNUD [Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento], o do Kofi Annan. Se você compara, lá a escola já é mais barata se comparada entre elas. Se você comparar o conjunto do CEU que uma pessoa custa 6 reais/mês é ridículo. E a educação é a principal responsável pelo equipamento porque não queremos atividades sem conteúdo pedagógico, a gente não quer cultura para recreação ou o esporte para a criança não fazer bagunça, tirar criança da rua, para ocupar a criança. Como você vai discutir qualidade social da educação pensando só em alfabetização. Qual o significado do social nessa qualidade. É um processo educativo. Um processo onde pensamos a Educação para além dos muros da escola, para além da sala de aula, que escapou do aspecto reducionista da pedagogia de ensinar na sala de aula. Educação é muito mais que a escola, não é o sistema de ensino. É mais que isso é um processo de aprendizagem da cidade.

AC – Eles reconheceram isso, essa perspectiva. E quanto as assessorias que nós contratamos, as três básicas: Cenpec [Centro de Estudo e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária], IPF [Instituto Paulo Freire] e FIA. Como é que você viu a relação entre essas três assessorias e como é que você avaliaria enquanto gestora pública a articulação entre essas três assessorias.

C – A FIA tinha o papel de ajudar no planejamento porque eram inúmeras as atividades para por o CEU em funcionamento. E tínhamos que pensar num sistema de gestão novo e aí para pensar o modelo a partir do é dentro da escola. Não queríamos partir de dentro, porque não é de dentro que mudaremos a escola. Nós vamos ficar adequando. Ela agregou, e eles conseguiram traduzir bem do administrativo, do qual nós temos preconceito, da técnica para conceitos de equipe, da relação entre três

secretarias, planejamento, do que você precisa olhar para construir um modelo de gestão. Agregaram e em muito. O IPF veio para a parte de participação, que é o grande mote deles, não formação mas participação, discute o Conselho Gestor, o OP. Embora, hoje, eu avalie que a discussão do Conselho Gestor avançou mais pela participação das pessoas e pela interferência, vamos dizer assim, da parte administrativa da FIA. Senão teríamos reproduzido o Conselho de Escola que já existe e que nós queríamos mudar. Não dá certo. Se ficasse só sobre o conhecimento do IPF, embora o processo tenha sido conflituoso com a FIA, de negar a gestão, a organização. O gestor público não pode negar a ser planejador, a controlar as ações, a ter metas, por mais que a educação seja um processo ela tem metas, ela lida com orçamento, ela tem indicadores, precisa de planejamento e organização do processo de trabalho, então eu acho que a FIA trouxe este olhar e os gestores que conseguiram perceber o que a FIA trazia, avançaram muito, até mais do que quem estava na secretaria. Eles compreenderam a ação administrativa, desse embate é que nós avançamos para o Conselho Gestor.

AC – Inclusive do conflito consensual?

C – Sim, mesmo consensual (conceito) a FIA deu um salto, provocou o desconforto, estranhamento, um rompimento com o conhecido, em que nós somos a maioria e a comunidade, o pai, é minoria. No CEU foi diferente, e isto quebrou um paradigma, a população passou a ter mais poder, a poder decidir coisas que antes cabiam só a nós, e por mais que o IPF agregue conhecimento nós teríamos repetido uma fórmula, o conflito sobre gestão controle social, matrizes, planejamento, construir indicadores, como organizar essa participação e atividades. Não teríamos discutido se o formato atual é correto. Se não fosse o conflito teríamos repetido as fórmulas tradicionais.

AC – Mesmo correndo o risco com a FIA de entrar numa perspectiva de trabalhar com resultados, com uma gestão mais empresarial, mais neoliberal, mais formatada.

C – Não é neoliberal, vamos retomar pela questão colocada antes por você, antes como é que você avalia hoje o CEU. Eu não posso ficar na impressão das pessoas, eu preciso de dados, da formatação, a organização que a Administração traz. Eu discordo que isso seja uma visão neoliberal.

AC – Mas existem pessoas que acusam esta visão de neoliberal.

C – Mas ai é que está. É um problema que a educação precisa se defrontar e que é sério, o que a gente vive de problema na educação é de gestão. Eu não acho que

faltem recursos para educação, acho que falta gestão, que falta planejamento, você vai falar com secretários eles não sabem ler os dados, indicadores, eles, não leem, por exemplo, o Seade [Sistema Estadual de Análise de Dados] tem uma base de dados sobre os municípios paulistas, quase nenhum secretario lê os dados de demografia, o que vai crescer no município, faixa etária, para pensar na construção de escolas, as pessoas precisam exercitar a leitura de indicadores e precisa ter metas. Nós estamos fazendo a tese, não estamos? E nós temos um prazo, certo? Isto é uma meta. Isto é ser neoliberal? Não, nós temos que devolver o recurso público investido num determinado tempo.

AC – Não.

C – Nós estamos lidando com recursos públicos, e preciso devolvê-los em forma de serviços. Como fazer isto? Este conflito que a FIA trouxe, inclusive com as outras escolas não só no CEU

AC – Com os intelectuais também, muitos de esquerda questionaram. Como vocês contratam a FIA?

C – Qual administrador eu vou contratar, o Mauricio Tragtenberg? Percebe? Indicadores e pontos de controle são comuns a todos. Eu não consigo pensar naquele equipamento sem controle, sem dados gerenciais. É um equipamento com diversas e diferentes unidades, como trabalhar com esse conjunto sem instituir metodologias de trabalho. Na verdade, pensando na FIA, IPF, Cenpec, quem provocou o dialogo entre as três áreas – Educação, Cultura e Esportes? Foi a FIA pela presença do assessor que ficava direto lá, era um agente provocador, ele trazia os conflitos e dificuldades para serem debatidos centralmente. Eles não entravam na questão pedagógica, mas o que é necessário para resolver o problema. Como nos organizar para que a ação pedagógica tenha melhor resultado. E isso é difícil dos educadores compreenderem. Agora o IPF e o Cenpec, por exemplo, tem sua organização, seu planejamento financeiro para o ano todo, que projetos eu vou buscar para garantir minha sobrevivência enquanto entidade. É brigar com o agente errado, se a gente for avaliar, é uma impressão, se a gente sentar com todos os gestores e perguntar para eles, minha impressão é que eles responderiam que gostavam mais da FIA do que das outras.

AC – A FIA era muito boa. Ela ajudava a resolver o problema, ela não dava solução, ela problematizava, dialogava, a formação foi excepcional.

C – E teve uma grande qualidade, a meu ver. O IPF e o Cenpec não teriam dado conta porque a expertise deles é outra. O IPF, o MOVA e participação popular. Como eu promovo ações para que essas pessoas se tornem sujeitos sociais.

AC – E como ou qual foi o ponto da discórdia, do atrito em relação a assessoria. Porque pra nós, no campo, nem falo de mim porque tive vários papéis, fui da assessoria, da coordenadoria, fui assessora na implantação junto a você; auxiliei na implantação, fui do GTI e depois Gestora, um privilégio de composição de olhar muito diferente. Em que momento, analisando como secretária, a opção foi de manter as três.

C – Porque cada uma tinha um espaço que se complementavam, um olhava como organizar e formar os gestores, na verdade criar um modelo porque todos nós, todos os diretores, especialistas, precisamos passar por uma formação deste tipo. Tinha a questão da participação, como você conquista, e como você promove que é o IPF; e o Cenpec era a formação das equipes pedagógicas. Mas a principal contribuição deles, nos CEUs, a grande contribuição foi a questão ENTRE na RODA de trabalhar a comunidade, de receber as crianças internalizadas. Como eu trabalho com a comunidade para inserir essas crianças, receber a criança penalizada sem estigmatizar e avançar para as outras escolas. Porque não adianta garantir vaga na escola, e ele volta da FEBEM e todo mundo aponta pra ele, como ela volta, como os amigos, como a família as recebe. E faço um gancho para a emancipação. Porque poderíamos levar essa metodologia para as outras unidades escolares. Porque as formações quinzenais das equipes pedagógicas foram boas porque nos atualizaram, mas ela servia mais de motivação de como íamos atuar, estamos aqui, podemos ir para a ponta com vocês. Tanto que o CENPC sentiu menos problemas com a FIA do que o IPF. Primeiro, ao formato de organização quando começamos a criar a estrutura do CEU. Começamos internamente na secretaria, cultura e esporte, discutir com a FIA, como facilitador, começamos a discutir a organização mas que não pode ser a mesma da escola e compreender o equipamento criado. E depois disso chamamos as outras assessorias para participar da discussão e ai vem a visão de que todos mandam, mas nenhum é responsável, isto estava muito presente no IPF, não que não ache que não tenhamos de trabalhar em colegiado, defendo o trabalho coletivo, mas tem que ter divisão de responsabilidades, onde todos são responsáveis por tudo, nada anda. Sem querer você tem uma hierarquia, você precisa ter quem toma a decisão

AC – E esse momento de ruptura, que é o momento em que se instaura esse conflito entre a FIA e IPF, teve conversas, teve alguma coisa concreta que provocou esse

conflito no trabalho, teve algo de concreto, a que você atribuiria esse conflito e porque mesmo com o conflito não abriu mão do tripé de assessoria, você avaliou isso em algum momento, pesando os prós e os contras, como é que foi?

C – Nós tivemos várias reuniões sobre isso, conversas com as três conjuntamente, vocês não podem ir ao GTI e fazer disputa. Lá não é local, tem divergências vamos discuti-las, mas não no GTI ou nas equipes. Não chegou num consenso, traz pra cá. Como cada uma agregava um pedaço, decidimos continuar com elas, não abrir mão desse tripé, e conversamos muito, e a FIA sempre, não sei explicar direito, na pessoa do Luiz Patricio, sempre se colocou mais disponível a mudança, a flexibilização que o IPF que defende o dialógico. Com a gente era o Gadotti, o Padilha e a Angela na formação e o Luisinho no GTI. Então o Luisinho e o Roberto Silva foram os pontos de conflito e quem mais dialogava era quem não tinha o discurso do dialógico. Não sei se você estava numa reunião que eu fui ate...

AC – [[rindo]] Eu estava.

C – Vamos parar com isso...

AC – A disputa ficou clara em muitos momentos, e nas produções apresentadas para nós.

C – Se pensarmos na organização do processo de trabalho das 3 assessorias a organização da FIA em documentar, registros, e oferecer resultados, foram muito positivos. Eles registraram tudo e não se pode falar que não foi dialógico porque todos sempre estiveram presentes em todos os momentos, mas quem sentiu necessidade de historiar o processo foi a FIA. Começamos sem nenhuma estrutura e a partir do cotidiano, depois de seis meses de funcionamento, lembra, sem vocês ganharem nada a mais, é que fomos pensar quais cargos, quantos cargos, qual a natureza, a estrutura organizacional, a divisão de papéis que era preciso. Era outro equipamento que nós não conhecíamos. Não quero desqualificar as outras, acho que você ainda não era gestora, foi questionado porque a FIA que tinha dado consultoria para PITTA, na formação de diretores da educação. E até a Fátima, do CEU Meninos, lembro ate hoje, que eu não entendi no começo o que ela estava falando, mas ela disse que o mais importante, para ela, não era quem era o contratado, para quem eles tinham trabalhado e que se a proposta estava de acordo com nossos princípios, tinha concordância política nos tínhamos que esquecer e trabalhar com o presente. Eu trabalhei como consultora no governo do Maluf, eu fazia um estudo, não tinha nada a ver com a política, eu trabalhava; não contribui politicamente com ele. É como o

professor nos movimentos, eles mandavam o diretor demitir, você demitia? É separar as atribuições. Teve um dia que eu cheguei e falei vamos contar um pouco de história, vocês sabiam que o Luiz Patrício foi presidente da UEE de São Paulo na época da ditadura? Precisa tomar cuidado com a primeira aparência, precisa pesquisar. As pessoas têm formas diferentes de se apresentar. O vocabulário é diferente, elas mudam, mas não foram autoritárias, porque as áreas de trabalho são diferentes. Eles não foram autoritários, a formação dos gestores, a Solange na seleção do perfil acrescentou, e foi de uma isenção e acho que o choque foi a organização, indicadores etc. O medo da avaliação, porque enxerga a avaliação como um processo de melhora, um processo para se rever, as pessoas vêm como punição e acho que a rejeição a FIA vinha em função disso.

AC – Pode ser. Eu fico pensando em todos os momentos em que a FIA nos ajudou a intervir, e foram momentos/foi valioso de trabalho. É interessante a sua fala que mesmo vendo o conflito avaliou que dava para continuar a encaminhar o trabalho..

C – O conflito é necessário; é do debate que se avança.

AC – Teve também enfrentamento de qualidade. Agora queria falar do enraizamento. Você citou o CEU São Carlos e São Mateus, onde houve o enraizamento maior, foi onde houve mais conversa, na escolha do terreno, na participação dessa comunidade. Você acha que isso qualifica a estada do CEU no local, define, um pouco, o pertencimento na continuidade do trabalho?

C – Ele qualifica, mas se ele fosse determinante você teria fechado o CEU do Butantã, ele qualifica, mas não é determinante porque uma não se acaba sem o outro, tem o envolvimento, tem a gestão, que precisa ser avaliado. Como eram nossos gestores, como eles discutiam, conduziam as reuniões com a comunidade e organização de atividades respeitando a cultura local. A figura do gestor foi um ponto determinante para isto. Enquanto vocês estiveram lá, mesmo no novo governo, eles tirando as atividades culturais e esportivas, vocês mantiveram o ritmo com as comunidades locais, não precisava gente de fora, tinham coisas permanentes. Mas quando se afastam todos os gestores e eles indicam e não fazem o processo de eleição eles quebram a relação de confiança. Quando você solta no DOM, como foi feito, que o Conselho Gestor de Perus estava proibido de se reunir, por causa de uma pessoa. Você vai rompendo. Uma pessoa provoca o impedimento de um órgão, as pessoas que estão lá, só leem, não debatem. Isso causa estranhamento e ruptura. E, às vezes, mesmo a pessoa já fazendo parte do CEU, assume o lugar do Gestor, ela não tem o

respaldo, a autoridade conquistada que havia antes. Ela é vista como representante de um outro projeto. A população sabe fazer esta leitura e o papel do gestor é muito importante. Nós vimos, nas trocas que tivemos que fazer, os saltos qualitativos que fomos dando foram significativos. Não por erro dos primeiros, era novo, você precisa testar, ver perfil.

AC – Na virada do governo houve uma saída quase que de 100% dos gestores.

C – Não, a maioria saiu em agosto, lembra?

AC – A maioria foi entre maio e julho. Maio foi o meu caso. Na verdade a gente avaliou a mudança da função do gestor na mudança do projeto e avaliamos que precisávamos dar uma resposta política, e a saída coletiva foi fazer um fato político com isto. Você acha que isso é uma causa, vamos de dizer assim, de dificuldade para ser gestor...

C – Um diretor da escola é muito diferente de ser gestor do CEU. Ele vai gerenciar com a cabeça de diretor, se não há a capacitação da FIA, fechar as escolas, por grades, controlar entrada das crianças. Todos os aspectos pedagógicos, tudo que foi avaliado e observado pela convivência inter geracional foi ignorado, diretor tradicional da escola acaba, não posso achar nem que é má intenção, mas é falta de formação. É o medo de dialogar, de ser punido.

AC – Não aconteceu, mas vamos falar como se tivesse acontecido, você acha, por outro lado, que se os gestores tivessem continuado o trabalho continuaria igual?

C – Não, eles não teriam condições e não continuariam

AC – Eles seriam exonerados.

C – Teriam sido exonerados ou vocês teriam saído numa situação pior. Lembra da conversa do fim de ano de 2004 em que eu pedi pra vocês ficarem, para continuarem, para garantir a passagem e para garantir ao Conselho que acabava de ser eleito, de não abandoná-los, de criar condições mínimas de continuidade, mas a gente sabia que não podia ser por muito tempo porque a política era outra. Na medida em que eles vão retirando atividades, cortam recursos, tiram atividades, a população termina achando que o gestor está concordando com isso, mas com a passagem e a saída ele percebe e concorda com a saída dos gestores e foi importante ficar para regularizar a situação do Conselho, em dezembro. Foi só depois de discutir, de ver como se organizar é que fizemos a minuta de Lei do Conselho; fizemos o contrário, construímos dialogando. Se tivéssemos chegado tudo pronto aí poderíamos ser

chamados de neoliberal. Com tudo determinado, nos comandamos dialogando; os manuais, os processos, o que precisava ser verificado em cada área, das piscinas, das chaves elétricas. Foi um ano de construção. O conselho não podia se sentir abandonado e dar força. Acho que vocês agüentaram demais.

AC – Também acho. [[rindo]].

C – Ver as declarações do Pinotti, acompanhar pelos jornais, de escutar os comentários, o desrespeito, a ausência deles o tempo todo. Quem estava no Conselho, soube fazer a leitura. Pela convivência com vocês eles perceberam a diferença e que deveriam permanecer e defender..

AC – Você acha que, afinal de contas, a intersetorialidade e a intersecretariedade a gente conseguiu garantir, experimentar no CEU?

C – O começo foi difícil, mas conseguimos vivenciar e sem desrespeitar a política de cada um: cultura, esporte, assistência social, saúde. As políticas para a cidade não se confrontavam naquele espaço, elas se juntavam em torno da ação pedagógica. Naquele espaço havia conversa e adaptação em função da ação pedagógica, mas sem desrespeitar o outro. A política estava voltada para a cidade. Para implantar o CEU, tivemos que ver o córrego, o arruamento, iluminação, transporte, a gente fez a otimização de recursos, diferente e demonstrar que a subprefeitura era correta, porque não deu tempo dela se concretizar. Mas lá foi o palco para testar se políticas administrativas estavam corretas, entender como ver a cidade, organizar, participação, não é 100% mas vivenciamos o OP, os Conselhos de Escola, os CRESCE, os Conselhos Tutelares. Criamos o Conselho de trânsito e transporte, da saúde, da habitação, houve discussão em cada comunidade do Plano Diretor, na área de Cultura. O preparo do Fórum da Cultura foi nos bairros. Na educação os colegiados, nas coordenadorias, das coordenadorias com o secretário, na ponta e interno na sede. Sentávamos toda semana, secretário e coordenadores e de vez em quando ampliava, havia um debate mesmo que, às vezes tínhamos que tomar decisões individuais elas estavam baseadas em debates. Nunca houve uma imposição, nós vivenciamos essa convivência democrática, não foi suficiente, mas nós vivenciamos

AC – Concordo.

C – Vivenciamos isto com muito respeito sem nenhum ato de repressão. Veja o que aconteceu com os camelôs nesse início de governo. Mesmo com os motoristas, quando colocaram fogo nos ônibus na frente do palácio das Indústrias, não houve

repressão de jogar a polícia, e nunca se negou o diálogo mesmo em situação de confronto. O sistema de negociação permanente que discutia com os sindicatos, mensalmente, não só questões salariais. Na educação eram quinzenais, Não foi perfeito, estávamos aprendendo, era muita novidade. Uma coisa é no movimento social, no partido, na escola; e outro é governando.

AC – O Paulo Freire falava isso.

C – A Marta não ficava enclausurada, ia para a rua, enfrentava as discussões. Muitos chamavam isso de arrogância, mas não é ela tratava de igual para igual. O Kofi Annan na visita ao CEU Campo Limpo, ele falou que nunca viu um governante ser chamado pelo nome como as crianças faziam com a Marta, Marta daqui, Marta de lá, beijos. E ele até falou que queria beijinhos também. Se eu saio na rua ninguém sabe quem eu sou, ninguém vai me chamar pelo nome. Ele ficou tão emocionado, que ele disse: também quero. Para desespero dos seguranças.

AC – Isso acontecia sempre.

C – Por mais que você fale, é uma ação democrática nesse contato, na convivência, nos locais.

AC– Espero que a gente continue convivendo e fazendo as coisas que fizemos, e no que estamos fazendo agora, recordando e refletindo, não é a toa que nós escolhemos o momento acadêmico fortalecendo nossa opção política. Nossas discussões são parecidas e não é a toa que estamos fazendo isso

C – Estamos provocando a Universidade para olhar para o projeto. Ela não olhou, não quis acompanhar e avaliar o que estava acontecendo, o novo. Esse tempo todo não olhou. Algumas pessoas sim, mas não a Instituição, ela será obrigada, a partir do que nós escrevermos e de todas as experiências que decorrem desse primeiro passo. E o CEU também coloca questões para a formação de diretores. Como ela está sendo feita, pra que escola. A gente fala que quer uma escola diferente. A Universidade não nos forma diferente, elas não discutem o novo, discutem o tradicional, a estrutura que existe, a didática do jeito que é hoje, sem novas tecnologias. Ela não está aberta para o mundo de hoje, e quando você chega na sala de aula, se defronta com situações que a Universidade não preparou. Também precisaremos ver algumas questões: é só escola pequena que educa? Cultura não faz parte da Educação? A universidade não está aberta para esta discussão, mas estamos num momento, numa encruzilhada, porque se quisermos dar um salto de qualidade, a partir do que o atual governo federal

está colocando, temos que rediscutir esta escola. Qual o debate de qualidade se não olharmos para o que está acontecendo. Nós vamos levar contradições, já vivenciadas por nós, e para as quais estamos buscando respostas. Não deixamos de ser gestores, esse é o problema.

AC – Estamos provocando, eles nos olham com cara de estupefação com que CEU é este que vocês estão trazendo, a discussão. É impossível dizer que não aconteceu nada. Não pode ser negado, e nós estamos na universidade para não permitir que ele seja negado, ele não terminou. Usando um termo da *Alice no país das Maravilhas*: ele não é um “deslugar”. O CEU é um lugar de muita vida e não pode ser negado. Vamos ocupar a universidade, não sabemos se vamos conseguir, mas vamos provocar, é isso que eu quero nesse momento.

C – Queria que você contasse o que foi a transição.

AC – O momento de transição é muito sofrido, difícilíssimo, uma situação em que às vezes as pessoas, por compromissos, continuidade dos CEUs. Não me esqueço de uma reunião de 11 de janeiro de 2005, quando o Secretário Pinotti, na época, convocou todos os gestores para apresentar uma mesa diretora formada por pessoas que entraram na nova administração: Yara Prado, Lucinha. E assim que ele acabou de falar, eu anotei quantas vezes ele falou a palavra continuidade, dito por ele; e eu fui a primeira pessoa inscrita para falar dele depois dele, e daí eu primeiro saudei os companheiros, dei boa tarde pra mesa diretora, dei as costas para a mesa e saudei os companheiros:

– Saúdo os companheiros de luta nesta jornada pela transformação da sociedade desigual que nos/ por uma sociedade/temos mais igualitária e mais feliz, as pessoas aplaudiram, e disse para o Secretário: Dr. Pinotti me dá muita satisfação ouvir o Senhor falar na excelência do trabalho no CEU mesmo porque esse reconhecimento já foi feito pelo mundo inteiro. Só o CEU Butantã recebeu, só no ano passado, a visita de 22 países diferentes e eles deixaram depoimentos registrados no portfólio. Me dá certa alegria, que esta administração também reconheça o que o mundo reconheceu. Neste momento ele pegou uma caneta, e eu pensei ele vai me exonerar agora, e aí disse, não faz nada demais reconhecer o que os outros fazem, citei alguns países: China, EUA, Dinamarca, e isso é um recorte porque é um dos CEUs, mas o Sr. fala em continuidade e eu queria falar que continuidade tem um *sine qua non* para acontecer, um DNA de resistência, que organiza. Fiz toda uma fala médica, já que ele vinha da área médica, de coluna vertebral DNA etc. Vamos dizer assim muito

pouco ortodoxo de falar e bastante crítico, em NO MOMENTO EM QUE O DNA DO CEUFOR PERDIDO, em que a pedagogia da libertação e emancipatória for substituída por uma educação bancária, estamos falando de outra coisa, não mais dos CEUs. Só podemos falar em continuidade, se mantivermos o DNA do CEU, e gostaria de propor que ele fosse respeitado, embora ache difícil frente às diferentes idéias apresentadas para esta empreitada, das idéias... Assim Cidinha, estou falando sobre esta fala, porque eles gravaram e várias pessoas já escutaram. O Alexandre também me chamou pra conversar, discutir um pouco sobre o CEU, foi muito interessante porque ele disse que se sente num pelotão de fuzilamento, porque o pessoal do PT atira em mim porque eu sou do PSDB, e o pessoal do PSDB, que eu estou muito vermelho. Aí eu falei sobre a primeira razão: não vou fazer nenhum comentário, mas pela segunda razão estou aqui só por isso. Não vim aqui na gestão do Pinotti, por isso aceitei seu convite para conversar, porque se não fosse isso eu jamais estaria aqui, e contei sobre a reunião do dia 11. Pelo que eu vejo um momento de descontinuidade ideológica bastante clara, repercute na descontinuidade da política pública da educação. Hoje temos um Programa Ler e Escrever, prioridade na rede municipal, que tudo bem, a questão da leitura e da escrita é fundamental, é importante, mas ler e escrever o quê.

C – É o mesmo nome que nós usamos: Ler e escrever, um direito de todos.

AC – Entendeu, fala de um educador comunitário, criaram a figura, mas só para trabalhar no fim de semana, mas nós tínhamos a Escola Aberta, então o que eu vejo a participação voluntária, QUALIFICADA.

C – Sobre Professor comunitário só foi criado a partir de um grupo com a Ana Elisa, Sandra Grecco, Brás, Waldir, sobre a experiência concreta deles. Foi um laboratório em cima das experiências desses diretores que ele desenvolveu a metodologia de formação do Professor Comunitário.

AC – Sobre a nossa experiência. Sobre a nossa discussão que faz sentido... Então eu vejo hoje uma tentativa de reinventar a roda, se pudermos colocar nestes termos, e de alguma forma o reconhecimento nas ações do que nos encaminhamos, criando slogans deles. Independente do slogan deles, eles estão mantendo nosso planejamento; eles estão referendando nossas ações. Se estão chamando de Professor Comunitário, mas estão mantendo a escola aberta na qual nos acreditamos, me parece que neste momento, neste momento na SME [Secretaria Municipal de Educação], se arma na educação municipal personificada, na figura do Alexandre, de

um reconhecimento da nossa gestão. Eles estão com muita dificuldade, por causa do momento, do contexto em que estamos, a um ano e meio da eleição e a que a briga aqui em São Paulo parece que vai ser bastante boa. Nós acabamos de mudar a coordenadora do Butantã, Sonia. Soube pelo DOM, o jornal chegou na quinta de manhã, e ela foi chamada às 4h30 da quarta feira. Ela era diretora de escola aqui do Butantã há bastante tempo. Dirigiu durante um tempo imenso, com história na região, tinha uma ótima relação com a comunidade na COHAB [Companhia Metropolitana de Habitação] Educandário e fez uma gestão interessante e acho que ela tinha condições de encaminhar, claro que não do jeito que a gente acredita, mas que considera o trabalho da escola, que respeita a comunidade, gosta da população, não tem medo de ir ao SAP [Sala de Apoio Pedagógico]. Quem está vindo é o José Valdir, não sabemos como será. Foi Delegado de Ensino, na época do Pitta, estava cuidando do transporte escolar, é da zona leste e vem pra zona oeste. A administração está dando sinais de medo. É o momento em que eles reconhecem, com outros nomes, aquilo que nós fizemos sempre na tentativa de inebriar o que nós fizemos, dão outro nome, criam outro slogan, mas, na verdade, é o reconhecimento do nosso trabalho. Acho que já começam a campanha do ano que vem com o exemplo da saída da Sonia, mesmo que não reconhecendo a relação com a comunidade, tinha história na escola e era respeitada. Aqui no CEU temos descontinuidade de ações. Como no CEU, a Beth, do Julio Mesquita, contraria a tudo ao que nos acreditávamos, que era conservadora e até agora tem um interino. Ela está perdida, desesperada, e não tem quadro, nem tem visão e nem tem perna para implementar uma política educacional. Vivemos durante 4 anos um interstício, numa resistência civil.

C – Acompanha pelo computador as escolas.

AC – Tem uma coisa interessante sobre a supervisão no Butantã, nos supervisores, e eu faço parte disto, discutimos de um jeito absoluto a função do supervisor, não de implementador de políticas, mas de analista e crítico, formador, indutor e propositor de políticas públicas, e isso tem rendido a nós perplexidade por parte da secretaria, principalmente, da Regina Lico, de DOT [Diretoria de Orientação Técnica], que nos odeia, se ela pudesse ela fazia um atentado contra mim. Nós fomos todos convocados, no dia em a Sonia foi demitida, para escutar uma devolutiva sobre o que já havia sido apresentado, em novembro, quando a administração apresentou o Plano de Acompanhamento e Avaliação, e que nós refutamos. Eu fui a última a falar como representante da região do Butantã: inexecutável, inexecutável duplamente, porque não dá para fazer com o contexto das regiões e inexecutável por desconhecer o papel da

supervisão hoje, diferente da visão da década de 70. Eles levaram de novembro até aqui, até a semana passada para dar a devolutiva.

C – Teve a saída da Yara que deve ter atrapalhado.

AC – A saída da Yara foi interessante, a Yara tinha uma questão com o CEU que era pessoal.

C – Ela dizia: o Serra não gosta, eu não gosto. Ela nunca foi ver, ela me disse não gosto e pronto.

AC – Acho que quando sai o Pinotti e entra o Alexandre, ligado ao Serra, tem uma visão diferente do Pinotti. O Pinotti falava de tirar as crianças da rua e do Profic de um jeito avassalador. Ouvir o Pinotti falar do Profic é rememorar uma história num contexto completamente diferente. A idéia de que a rua é um lugar de marginais, então preciso evitar a convivência das crianças com os marginais e não de devolver a rua. Então, eu acho que o Pinotti entra com uma fala que é sempre uma fala de que essa marginalidade precisa ser separada. Separar o joio do trigo e isto também em relação ao CEU. Essa população marginal deve ser tratada não por nós, outros cuidam, vamos tirar as boas da rua para não se contaminar. Contaminar pela pobreza, de higienização, trabalhar com esse olhar.

C – Mas o Secretário da Assistência Social tem este olhar quando eles retiram mendigos de áreas nobres.

AC – Ela trás uma perspectiva de volta ao passado muito grande, porque quando eles trazem a Itália pra falar, não dos movimentos europeus relacionados a escola pública, das conquistas que fizeram nas zonas de emigração, mas falar da experiência do grupo salesiano, que é um grupo confessional, religioso, nada laico, que não tem nada a ver com a escola laica. Ignoram o principio constitucional da laicidade... Me parece que esse governo aqui em São Paulo, põem um breque nesse quadro, sem condições de discutir as idéias, parou tudo, as discussões de cidades educadoras, vai ter o congresso agora, os CEUs vão ser reconstruídos. Como?

C – Romperam todos os convênios com os consulados, acabaram com os CEUs bilíngües.

AC – Lembra do Goethe, os Guaranis. Acabaram com os grupos que íamos discutir, as várias falas ou idiomas africanos, ligados a USP, foi tudo exterminado, o que aconteceu nesse tempo foi isso um pé na frente da corrida, porque estávamos num

grande processo de discussão na cidade talvez puxado pela Educação, porque tinha muita coisa acontecendo, ou não? Eles tentam correr atrás do prejuízo, com a retomada do CEU, da cidade educadora, mas de um jeito que não tem sustentação, não tem nem idéias, fica ridículo. É um momento bastante difícil, pra eles, de total descontinuidade de idéias, tanto política como ideológica, MAS PARA NÓS COMO militantes é boa, mas ruim para a cidade que está perdendo. O Alexandre me chamar, chamar você, chamar a Lisete!!!! Fizemos o edital da rede de autonomia e onde está? Eles têm medo, não têm coragem, história, não sei o que é.

C – Não têm tradição de diálogo, de participação, somos diferentes e temos propostas diferentes, ideológicas, diferentes de governo, isto precisa ficar claro entre nós. Mesmo assim ele, Serra, tentou acabar com CEU e Bilhete Único, eles tentaram acabar, mas não conseguem. Tem o rompimento, mas não conseguem acabar o projeto. O Serra não continua os CEUs porque é bom, mas porque ele deve ter feito pesquisa e visto que não dava.

AC – Eles não sabem responder, para nós é bom enquanto militância, mas enquanto cidadãos...

C – Se nós respondêssemos como eles sobre o projeto de acabar com o turno da fome, e eles não falam que não sabem se têm recursos, terrenos e nem em que prazo, se fosse conosco a mídia cairia de pau em cima de nós sem perdão.

AC – Aquela historia das escolas de latinhas, eles falam que acabaram o que nós fizemos, mas de lá até agora, eles só apresentaram algo agora. Na verdade, às vezes parece ingenuidade porque é fácil de montar as respostas, me parecem despreparadas, mas da vontade de avaliar. No DOM , sai uma publicação, dois dias depois sai outra desdizendo aquela, um exemplo concreto: férias coletivas para CEI. No DOM, férias coletivas para os CEIs. Todo mundo festejou, dois dias depois desdizeu.

C – Ainda bem, isso é uma loucura. Teve o das salas de informática, das salas de leitura.

AC – Um momento desorganizado e desorganizador da nossa ação, numa cidade complexa e histórica. Oito anos de obscurantismo, Marta, e 4 anos de obscurantismo. Há um pacto de usar o que os fizemos com outros nomes, uma confusão administrativa, via DOM. Isto foi corriqueiro nesse governo, ele vai e volta.

C – Mas acho que muitas escolas continuam trabalhando os nossos projetos, não há acompanhamento da Secretaria, sem nenhuma supervisão. Nossa política continuou por inércia.

AC – Vou mandar o texto sobre supervisão que eu montei.

C – Que legal, vai me ajudar bastante em Suzano e vão até o Amorim Lima.

AC – Se quiser posso fazer uma reunião com eles. Elas tem experiência e sabem que queremos. Outra coisa e o legal é que elas querem outra coisa também. Se tiver algum outro trabalho, ou debate que eu possa contribuir, ou discutindo...

Jardim Romano

CEU TRES PONTES – Jardim Romano

Entrevistadora: CIDA

12-02-10

[O CEU] Foi construído em cima, que é em baixo, na área de baixo ... em dois níveis.

CIDA – Eles mudaram o projeto arquitetônico

– Mudaram o projeto, o projeto é bem menor que o CEU. É bom porque foi o único meio de lazer que as crianças tiveram; a única escola da prefeitura do bairro, mas a demanda dele não é bem...

– Na verdade não fizeram para nós, que somos moradoras daqui; fizeram a maioria, mais para os predinhos porque aqui as crianças não vão. A minha filha estuda há 2 km daqui e eu tenho que pagar a perua. Aí eu vim aqui agora para pedir transferência para ela porque eu trabalho, eu estou de licença porque eu tive bebê, mas eu vou trabalhar e é um sacrifício. A minha filha tem que passar a semana com a minha mãe; minha mãe mandando ela, a perua busca aqui e eu pago a perua porque a prefeitura...

CIDA – Não tem o Vai e Volta?

– Não tem. Tinha um Vai e Volta isso para algumas crianças; a minha filha não teve. O ano inteiro paguei perua e o CEU aqui eles não dão vaga. Não dão vaga de jeito

nenhum porque a ordem é para eles não pegarem crianças da região... Tem que falar no [Flávio Augusto], mas no [Flávio Augusto] é duro esse homem...

CIDA – é contra a concepção. E até a legislação fala que a escola, ela tem que pegar, prioritariamente, as crianças que moram até 500 metros da escola e depois é que você vai trazendo de mais longe, a menos que seja uma coisa assim, que nem, tinha escola de latinha e tem que destruir, então essas tiveram prioridade, mas se não é quem mora perto; isso é lei.

– Igual que aconteceu comigo. Ele estudava há 1 ano e meio aqui no CEU e quando foi agora jogaram ele lá para o [Nakamoto] que também é muito longe, muito longe. Aí no caso está vendo se vai ter a perua, mas se não tiver vou ter que pagar também.

— A minha já vai para o 2º ano que paga perua...

CIDA – Eu vou pedir para vocês falarem o nome.

— Meu nome é Flávia

— Às vezes as pessoas pagam com sacrifício, tirar daquele salário para pagar o gasto da perua, mas é obrigada a fazer o sacrifício porque precisa, e o filho precisa então o pai faz sacrifício pelo seu filho, mas não que tenha vindo de governo e nem de ninguém sacrificando a vida de todos [fala da Jucélia].

CIDA – fala o nome da senhora.

— Jucélia

CIDA – Agora fala o seu nome e continua falando.

Simone — A creche. A outra creche que tem, não tem mais berçário porque a do CEU tem, só que a do CEU não comporta a quantidade de crianças que tem no bairro. Então o que acontece é que a maioria das crianças de colo, com menos de 1 ano estão sem creche. Por quê? Porque o CEU não comporta, e a creche que tem, devido ter um CEU ela já não é mais B1, ela só pega a partir de 1 ano e meio para cima. E aí, como fica quem trabalha e tem filho?

CIDA – Voltando o que você estava falando. A parte da escola do CEU não atende o pessoal do bairro.

— Não atende o pessoal do bairro. O CEU é bom. É bom ter o CEU presente aqui para nós e atividades, que isso sim. As atividades do CEU.

CIDA – todo mundo participa.

— Todo mundo participa, mas o que é necessário que é a parte da educação, da formação das crianças não é nessa ordem não. Como eu também faço parte do conselho gestor junto com a *Netinha*, a gente também não tem esse acesso, de passar essas informações. A gente só participa de saber o que vem para o CEU no meio do que vai ser feito, na realidade.

CIDA – eles não discutem no Conselho?

— Não se discute no Conselho o que vai ser feito. Quando vem a discussão para nós, já vem praticamente formada, e a gente só tem que aceitar e pronto. Não chega até a gente uma discussão do que vai ser feito com a verba, que é direcionada ao CEU. Então isso é uma dificuldade.

CIDA – E a escolha de atividades, o que vai ter no CEU, ou de espetáculo, teatro, o Conselho Gestor não opina?

— Não. Nós não temos essa participação. Todas as discussões, geral, do que já está sendo feito. Essa é a realidade, do que já está sendo feito. Não que o CEU seja ruim, eu sei o quanto você valoriza o CEU. Eu também valorizo bastante. Eu só queria melhorar; melhorar ainda um pouco mais porque eu acho que a gente tinha que ter mais participação, tinha que ter mais informação como eu passei para a gestora, que a gente tinha que ter mais informação do que vai ser feito, do que não vai ser feito, e a gente também entrar com a necessidade porque a gente é que mora aqui. A gente é que sabe a necessidade. O que tem no CEU já é formado por eles, e com muita dificuldade as pessoas conseguem alguma coisa lá.

CIDA – Essa dificuldade, do que você fala, da parte da vaga na escola ou de participação.

— Da vaga na escola, da vaga em creche, das atividades, porque eles limitam as vagas para as atividades, e não é todo mundo que tem a oportunidade. Agora eles colocaram na lei, eu fui fazer a inscrição da minha filha, e se ela fizer 3 atividades, ela vai ter que ser cortada de uma. Ela não pode fazer 3, ela só pode fazer 2. E se o horário dela de escola, que ela não estuda no CEU, se o horário dela de escola não tiver aquilo que ela quer fazer, se ela quer fazer balé e no horário, só tem o horário

que ela está na escola, eles não tem à tarde, então ela não pode fazer à tarde. Então essa é uma dificuldade; e isso, a gente que é conselheiro gestor, a gente que faz parte da comissão tem que estar discutindo com ela.

CIDA – Não tem atividade como recreação? Tem atividade livre que a criança pode ir lá, ou adulto que queira ir ou jovem, mas que ele não está na aula de balé ou ele pode estar indo no CEU participando de alguma outra coisa, ou não?

— Se não faz parte da atividade, não pode ficar presente.

Dona Netinha – Eu tenho essa opinião que, nessa parte, pelo menos para mim, a minha visão, acho que tem que ter um controle, um equilíbrio, então eles pedem para que faça as inscrições porque não tem como a pessoa chegar e falar, eu vou fazer hoje e amanhã não venha mais. Então tem que ter um controle.

CIDA – Eu sei, mas não tem um pessoal que, sei lá, pode se juntar e jogar bola na quadra, ou sei lá, o teatro está vazio e pode formar um grupo de teatro que vai lá ensaiar.

Dona Netinha – Mas tem grupo de teatro. Eu falo isso para a senhora por quê? Porque eu fui e presenciei. O que acontece, a maioria das vezes, as pessoas não tem gosto para algumas culturas. As pessoas não estão acostumadas com teatro, então, não aceita o teatro. Cinema? Tem, mas as pessoas não estão acostumadas a ver os filmes que passa lá dentro. Então fica chato. Geralmente a gente sabe, nós somos população carente, e os gostos são diferentes, e eles vem para trazer cultura. Eu falo isso para a senhora por quê? Logo no começo tinha a prioridade de se fazer grupo afro, mas a aquisição, no começo, foi pouca. Por quê? Porque as pessoas confundem cultura com religião, então não, isso não pode. Bateu o tambor já sabe o que é, e não é nada disso. Então é falta de informação também da população para quê? Para que aceite o CEU, e que o CEU também tenha conduta. Não pode ficar qualquer coisa, não pode ficar/ de violência, então tem que ter aquelas regras e nisso a população também tem que se acostumar com isso. Então há desequilíbrio? Há, mas nem tudo que a população quer o CEU pode dar. Então esse desequilíbrio pode estar acontecendo. Eu não posso falar da área da educação, eu posso falar na área da arte por quê? Porque quando tem, quando tem teatro eles ligam para mim: — Olha Dona Netinha, tem. Eu vou e assisto. Olha vai ter o teatro assim, assim e se quiser levar... Então nessa parte como morador, na parte da cultura e na parte de lazer a população também precisa aprender a...

CIDA – Quando tem teatro eles vêm divulgar ou só quem vai ao CEU é que fica sabendo?

— No início até que eles estavam divulgando. No início eles divulgavam sim. Hoje em dia não vejo divulgação não.

— Eles colocam cartazes, vão colocando nos lugares.

— Já conversei na comissão sobre isso, mas depois que o [Jorge] saiu eu não vi mais. Eu não vejo divulgação, eu não vejo divulgação. Pode ser que eles ligam para a senhora para a senhora passar alguma informação para alguém, mas eu não vejo na divulgação. Quando tinha um representante, que era o [Jorge] que era funcionário, que fazia parte da comissão do teatro; eu via muitas vezes, ele até panfletando, divulgando, mas hoje em dia eu não vejo mais isso.

— No meu ver e vivendo como liderança, como as pessoas tem me passado algumas certas situações, como ela esteve na minha casa e me passando o problema dela, eu só orientei a ela para ir na Secretaria da Educação, eu falei, você vai ter que ir lá para saber o que aconteceu e porque o seu filho caiu tão longe e explicar para eles o seu problema porque eu não posso estar resolvendo, então pelo que eu vejo o CEU ficou uma coisa fechada ali para eles.

CIDA – Para eles, para o conjunto ou para...

— É, assim, poucas pessoas tem acesso. Eu vejo dessa forma, e até vou falar isso com a gestora na próxima reunião que a gente fosse ter com ela, que eu vejo dessa maneira. Ela não ia gostar muito não [[risos]], mas eu ia passar isso para ela; eu vejo dessa maneira porque a gente vê muita reclamação das pessoas, e ela mora aqui, o filho dela, a menina dela não está na escola aqui. Tem que ter essas prioridades porque vai pagar uma perua para a criança dela sair daqui e ir lá para o Flávio Augusto, e as crianças do Flávio Augusto vão vir para cá, então olha como a prefeitura está perdendo nisso daí. Se ela mora aqui e estuda aqui, e a criança que mora perto do Flávio estuda no Flávio. Não tem que vir para cá, não tem que fazer essa troca, porque fazer essa troca de bairro? A criança dela daqui a pouco vai poder ir para a escola sozinha e ela não vai ter confiança de mandar a criança andar 2 km para ir para a escola sozinha. Nem ela daqui para lá e nem de lá para cá. Então é uma dificuldade e uma falta de visão que eles mesmo não estão tendo em termos de educação de formação com as crianças que eu estou passando. A parte da cultura, do lazer que eles fazem lá dentro tem as falhas sim, que não era assim, começou nessa última

inscrição que foram feitas agora, e que reduziu: — Você vai fazer só balé, e você vai fazer só afro. Afro, a minha filha fez o afro, muitas crianças fizeram o afro, e eles cortaram o afro sem dar satisfação para a gente.

— Igual o circo.

— O circo também, e tem essas questões porque tinha essas questões; não é falta de cultura, não é falta de entendimento. Era uma professora para dar aula de afro, e a professora dava aula o dia inteiro de afro. A minha filha fez afro, e minha filha gostava demais. A minha filha quando vê a professora de afro ela pede para ela voltar, mas eu falei para ela, quando eu terminar de arrumar a minha associação eu vou chamar você para dar aula, porque tem muita criança que quer o afro, aqui muita mãe gostava. Eu, pelo menos, não vejo dessa forma que você colocou.

— Mas você não concorda que eu sou desse jeito e você tem uma visão desse jeito, mas se você for olhar (não vamos entrar em pontos mais complicados) a maioria das pessoas aqui, e não é só aqui tem mesmo essa dificuldade de aceitar.

SIMONE – Eu concordo com o que você falou. Eu concordo com você, mas o que será que houve. Porque o fato é assim, Eu vou começar a dar aula de afro, o que eu tenho que fazer antes? A partir do momento que você vai vir numa população, numa comunidade onde culturalmente está vendo que as condições automaticamente são menores, então uns tem mais acesso e outros menos. Então o que eu tenho que fazer? Porque o que se alega na educação é que antes eu tenho que ensinar, então eu vou dar o afro e o que eu tenho que fazer? Explicar o que é o afro, explicar de onde veio.

— Reuniões e palestras.

SIMONE – Trazer grupos, lógico que deu trabalho, não foi? Como que nós fazíamos? Você lembra!

— Lembro!

SIMONE – A gente trabalhava com as mães e com os filhos. Quantas vezes a (gente brincava com as crianças com a dança afro).

— Mas Simone você não concorda que na nossa época o que acontecia? Aqui no bairro dificilmente se dançava.

— Era.

— Por quê?

SIMONE – Mas é o que eu estou te falando. (Precisa trabalhar a mente das pessoas). Caiu no mesmo ponto. Precisa trabalhar o quê? Você é professora, não tem só a prática, precisa da teoria. Então se na teoria ela trouxesse os pais, ela explicasse a origem da dança afro, explicasse a origem das batidas e deixasse bem claro que não é um conflito religioso, que não é o que ela quer trazer; aí iria mudar a cabeça das pessoas e automaticamente seria automático de as pessoas entenderem. Eu acredito que é isso que precisa ser feito.

— Não é mudar a cabeça de ninguém porque seria falta de ética.

— Mesmo que eles não tenham feito nada disso Simone, o afro estava dando certo.

SIMONE – Estava dando.

— O afro estava dando certo.

— Tem uma coisa que eu me lembrei agora. E a música? Continua? Foi tirada a Bia?
O/comprou teclado

— Não, acabou.

— O Márcio comprou violão.

— Minha prima também

— Eu tive sorte de não ter comprado violão. Minha filha ficou... e eu falei para a Vitória... Está entendendo o que eu estou falando? Eles interrompem sem nos consultar. Se a minha filha fez inscrição para fazer a música, que a minha filha queria fazer violão, estava apaixonada para fazer violão: – mãe compra violão para mim! E eu falei não, vou arrumar um emprestado porque eu não sei se isso vai vingar, porque tudo que começa não tem fim, acaba pela metade. Aí peguei emprestado o violão para ela e quando ela começou, quando ela estava aprendendo: – mãe, não tem mais. Eu falei como não tem? – Não tem. Explicação ninguém deu.

— Não dão.

— É a mesma coisa do afro, entendeu? A mesma coisa do afro.

— A apresentação das meninas foi linda.

— Linda! Linda! Elas adoravam.

— Foi o quê? Não chegou a 6 meses.

—Não. O professor era ótimo, interagia muito bem com as crianças.

— Muito bem.

— Falava com a gente pedia para a gente assistir as aulas. E de repente cadê esse professor?

— Sumiu

— Mas isso é mais uma questão de quando professor sumiu a população ou os que estão interessados chegaram lá para saber o por quê?

— É o que eu estou falando, eu fui perguntar o por quê, eu fui perguntar por que e eles não me deram satisfação, e fazendo parte do conselho gestor.

— Disseram que no violões não teve demanda, mas só que é assim começa o curso, e aí tem 3 ou 4 e você tem que continuar por quê? É o boca a boca.

— Se 3 ou 4 estão interessados a coisa tem que andar. Porque 3, 4 já vão aprender alguma coisa.

CIDA – Deixa eu perguntar uma coisa, olhando lá para trás quando eu vim no CEU, a gente veio ver a área, ver . Vocês chegaram a brigar pelo CEU. Vocês conheceram outro CEU. Como vocês sabiam da existência do CEU.

— Porque tinha o mapeamento e onde seria o CEU já tinha na subprefeitura. Não era isso?

— Tinha. Eu fiz parte das reuniões, teve a reunião do Orçamento Participativo que era o que ia vim para o Bairro, e a reunião foi no Capitano, na Escola Capitano, nessa época. E eu fui pegar as informações para saber se realmente o CEU viria, e quando a Marta perdeu a eleição – viria um CEU, colocou a placa na gestão da Marta aqui em cima, nesse terreno. Quando a Marta saiu, perdeu a eleição tiraram a placa e não deram satisfação nenhuma. Mas aí as pessoas, o pessoal, tudo mobilizou umas reuniões, formaram comissões e tudo o mais para a gente ficar em cima. Tinha que pressionar porque o CEU tinha que sair de um jeito ou de outro. Se estava lá, sai no

Orçamento Participativo, foi liberado verba, foi liberado tudo, então o CEU tinha que sair. Então a gente foi para cima, e o CEU saiu. Só que como eu falo foi com tanta má vontade que o Kassab fez o CEU para a gente; ele fez com má vontade, ele fez por obrigação; ele fez porque já estava lá, o projeto já estava lá, já estava a verba lá para ser liberada, e ele fez com tanta má vontade porque ele fez lá em baixo, em cima do brejo, e hoje está esta discussão todinha; como que ele agora; como que ele explica que ele vai tirar as pessoas das suas casas que estão em área de várzea, se ele construiu o CEU em área de várzea. Como que ele se explica dessa forma, e ele fez para a gente de qualquer jeito: — Toma aí, engole, é isso que eu vou dar para vocês. Foi bem dessa maneira que ele colocou, foi bem dessa maneira que ele colocou.

— No processo da Marta eu também cheguei a ver que seria o maior CEU que teria.

— Teria por causa da demanda do bairro.

— Seria por causa da demanda, seria o maior CEU. Agora, ele é o menor CEU.

— Ele é o menor em termos de teatro.

— A gente saía daqui para levar as meninas no Veredas.

— Muito bom aquele CEU.

— E ele é bem maior.

— Enorme.

— O Veredas é 3 vezes maior que esse.

— Eu não sei como é que está a administração deles hoje, porque como muda tudo; os funcionários são por mandato, então não sei como está a administração deles agora, mas até na época da Marta, creio eu que até os funcionários tinham outra visão. Uma porque foi ela que criou, e agora, ele eu não sei. Não entendo a administração desse rapaz aí. Sou totalmente contra a administração dele, e em termos de educação, então, nem se fala. É uma coisa assim, é um descaso total e eu costumo passar para as pessoas; é um descaso total que ele faz com a população da zona leste. Para mim é totalmente um descaso. Não atende a população da mesma maneira que tem que atender.

—... Ele saiu daqui do EMEI e já foi para a 1ª. Só que ela puxou para ele começar na 2ª e aqui não tem...

— Não é. Deixa eu explicar, tem uma questão que eles também não explicaram. É a idade dele. É obrigatório que a criança esteja com a idade compatível; tem muita criança que aconteceu isso no ano passado. Com a minha filha, graças a Deus, não aconteceu. Ela fazia 6 anos, e no final do ano, 7 anos, mas ela já foi para a 1ª. Teve crianças que não foram, e continuaram na EMEI. Só que agora a idade dele é para estar na 2ª série. Olha o que eles fizeram, eles fazem uma prova e automaticamente passam a criança para a 2ª série. É uma 2ª com caracterização de 1ª. Daqui um ano, na 2ª série...

— O que acontece? Não tem uma quantidade de vagas suficiente, tem mais vagas para EMEI do que para a 1ª série. Aí como o 1º ano estava cheio, automaticamente eles vão para o 2º ano, e essa criança de EMEI já no 2º ano; ele não tem vaga aqui para o 1º imagina para o 2º. Então a maioria das crianças daqui não fica no CEU quando vai para o 1º ano. Vai para o Bonifácio ou outras escolas, menos para o CEU porque tem 2 salas, se eu não me engano, duas salas só do 1º ano.

— O ano passado, esse ano puseram quatro.

— Puseram quatro. Aumentaram. Automaticamente, só que automaticamente a criança do 2º...

— O que é mais interessante é que o Rigueti lá no Itaim está em reforma e tem criança do Rigueti que está aqui no CEU.

— Mas os pais dão o endereço daqui

— E aí faz o mapeamento e aí o Rigueti está em reforma desde o ano passado. 90% das crianças da escola da prefeitura não estudam perto da escola da prefeitura. Antes, por isso que o... foi praticado, segundo eles... porque existia... Qual a maneira... Outra coisa, segundo eles foi esse o problema, é que as pessoas davam o endereço errado, do amigo, de alguém próximo para poder conseguir a vaga na escola da prefeitura. Então eu com o endereço certo vou lá e digo que moro na sua casa e consigo uma vaga ali próximo, mas só que 90% não mora perto.

CIDA – Mas não é verdade. Tudo bem que eles fazem isso, mas não é verdade. Porque eu trabalhei na Secretaria, e você tem um controle muito grande. A criança/ dá para o pai omitir o endereço, quando a criança entra na escola pela 1ª vez porque depois vai ter todo um sistema que cruza, então não dá para a pessoa, e não dá para você pedir transferência com base no endereço porque você tem que pegar a

documentação. E o problema do Vai e Volta/ é ao contrário: a maior parte tem que estar morando perto da escola.

— Tem, mas a partir do momento que a pessoa consegue matricular, você pode estar trocando seu endereço por um novo endereço.

— Aqui teve.

— Teve. Pessoas que moram até em Itaquécetuba dá endereço de pessoas que... e o filho está no CEU, e minha neta não está no CEU.

— Para a gente engolir a farofa deles... Para as pessoas que moram na periferia tudo que eles jogam na barriga e na cara a gente come, mas tem que entender que hoje em dia a gente já pode comer o que quer porque mesmo tendo o salário mínimo a gente tem o direito de escolher. Agora puseram essa passarela aí, e mais uns anos, mais uma palhaçada para conformar eles mesmos porque as pessoas não estão usando...

— Eu perguntei para a diretora lá do CEU se essa passarela é provisória ou é permanente, ou é uma coisa opcional. Choveu? Alagou? Usa a passarela. Ela não soube responder, e quem vai saber me dar essa resposta? É na DREM? Eu perguntei, se eu for procurar na Coordenadoria o Isaías, o Adriano, a Izabel eu pego a resposta? Ela disse, foi justamente o Isaías que falou para ela, mas eu vou na Coordenadoria e vou procurar e vou perguntar para ele. Essa passarela não é segura. Para uma criança, um adolescente pegar uma briga lá em cima, não tem ninguém. Ela disse, a minha responsabilidade é da escola para dentro. Só que é o seguinte, não tem ninguém naquela passarela, se pegar e jogar lá em baixo mata.

CIDA – Eu não estou conseguindo

— O que acontece? Ela disse que não sabia e que Seu Isaías é que falou para ela, que ele não sabe se é permanente ou não, mas eu vou perguntar para ele porque não é seguro. Ela disse que a única coisa que ela pode, foi pedir uma ronda escolar para à tarde e à noite e principalmente à noite porque à noite, ali, está muito perigoso, escuro.

CIDA – A passarela está fora da escola?

— Essa passarela está dentro do condomínio e foi construída por causa da enchente para servir o pessoal de lá porque o pessoal dentro da água, não tem como ir para a escola.

— Com essa coisa da enchente tinha uma vizinha aqui que abriu, mas agora fechou porque disse estava passando tipo de tudo quanto é gente, fechou. Então nós não temos nem para entrar e nem para sair e se a chuva pegar nós agora, a gente sai com água aqui ou aqui como a gente estava saindo.

— Mas o problema é que tem começo, meio e fim toda enchente. Nós aqui só temos o começo. Na minha rua está desde novembro.

— Depois que fizeram o CEU afundaram a nossa rua, abaixaram a rua. Agora a água fica parada porque afundaram muito a rua e não tem para onde ir.

— Quando a água abaixa, poderia dar uma lavadinha na rua, e poderia tirar um pouco a lama do esgoto, mas não faz isso. Quer dizer, se chove de manhã, vamos supor dois dias, (ontem mesmo). À tarde começa a chover e já fica tudo entupido. É duro você passar, então o que nós vemos aqui, não por região, mas o que eu vejo aqui é que eu sou tratada como...

— Todos nós somos.

— Você está no meio da água com seu neto no colo, e passa um rato na sua perna.

— Eu costumo dizer que eles colocaram engenheiros técnicos, mas se eles colocassem...

— Esse problema da água já está desde novembro, e as crianças entravam na escola às 13h30 e quando dava 3 horas, 3 e meia eu tinha que sair correndo para buscar a crianças na escola porque já enchia de água e acabava perdendo a aula porque muitos dias a gente não ia levar.

— Muitas vezes a gente não ia levar porque já estava tudo cheio.

— Algumas vezes a gente chegava lá e eles não queriam liberar porque era muito cedo, eram 4 horas, e quando eu cheguei lá, eu falei, eu não posso esperar eu preciso levar agora. – Mas mãe, não dá para ser desse jeito. Eu falei: — E eu vou fazer o que, vou deixar na água. Era desse jeito. Assim como teve mães que não fizeram a matrícula.

— Por causa da água. Nem eles improvisaram um local para estar fazendo, não fizeram, eles não fizeram. Tem criança aí que eu conheço mãe que não sabe como é que vai fazer porque além deles saberem a situação, porque as mães não estavam

podendo fazer a matrícula, eles não improvisaram um lugar para estar fazendo essa matrícula; e sumiram também, que a gente não vê mais a cara deles, e não tinha nem como entrar em contato com eles para estar pedindo essas informações. Que o certo seria isso mesmo. Eu estava imaginando que eles fossem fazer isso, que eles fossem pegar as crianças do CEU e colocar nas escolas municipais, que é o Capistrano, o Flávio Augusto, o Righetti, até outros CEUS lá em cima para estar vendo isso aí.

CIDA – Vocês falaram que a escola, comparando com o Veredas, o tamanho da escola também é menor?

— Fisicamente ele é menor. O Veredas é bem maior. O teatro é menor. As meninas foram num curso de modelo lá, e nós fomos e tem fotos e vídeo delas lá e é bem maior que aqui. Tiveram uns eventos que elas participaram e é bem maior que aqui. Elevadores. Cadê os elevadores desse CEU?

— Porque na verdade ele não fez um CEU. Ele fez uma escola adaptada e um centro esportivo. Na verdade foi isso que ele fez.

— O material chega na metade do ano. Chega totalmente ao contrário o uniforme das crianças. Se está no inverno eles mandam o de verão, e o de verão eles mandam no inverno, tudo trocado. E quando o uniforme chega já não serve mais na criança. Porque foi mandado um número e como eles mandam muito depois, na criança já não serve mais o uniforme.

CIDA – A criança cresce.

— E eles esquecem que muitas mães tem que comprar o material para a criança. O material chega em Junho, Julho.

— Então é complicado. É muito complexa as discussões com relação ao CEU porque são coisas assim que são nítidas e parece, é como o pessoal fala, eles olharam para a população e falaram, eu vou fazer qualquer negócio para eles, porque eles não tem nada. Então qualquer coisa que eu colocar ali eles vão aceitar e vão dizer amém.

— Tiraram o campo de futebol, e colocaram um campo pequeno que não dá para fazer um torneio, e lá no fundo.

CIDA – Eu lembro que quando foi a primeira vez quando foi a comissão, quando eu estava na Secretaria, tinham falado que tinha um campo de futebol e que podia fazer a escola, mas tinha que garantir o campo.

— A parte de trás afundou. Eles fizeram tudo de qualquer jeito que afundou.

— Não deixam... A homarada quando vai jogar bola é uma burocracia para poder entrar. Você tem que passar por dentro do CEU todo para poder chegar ao campo. Podia ser um pouco mais a frente, não sei como ele poderia remanejar isso, mas não, uma outra entrada que fosse, mas para ir ao campo tem que passar por dentro do CEU, e o campo é pequeno. Eles fizeram tudo de qualquer jeito. Assim, vamos dar isso aí para esse povão aí da periferia; o último bairro mesmo.

— A inauguração foi feita muito tempo depois.

— Analisando num todo a questão da enchente, essa enchente aconteceu agora que, do ano passado para cá começaram a dizer que iam tirar algumas casas porque iriam construir o parque Linear, que vai ser o maior Parque da América Latina. Até antes da enchente a gente vivia muito bem, mesmo com essa água que ficava ali, descia e escorria e tudo bem. Agora quando eles passaram nas casas, e as pessoas não aceitaram que eles/ porque é assim, então tudo bem, você mora em local invadido, mas muitas pessoas já foram atrás, muitas pessoas que invadiram esses locais já pagam impostos e queriam dar uma de campeão, e aí o que ele ofereceu para as pessoas: a) vocês saem e vocês vão atrás da Caixa e a gente libera a casa para vocês, e não sei se todo mundo tem condições de pagar uma casa na Caixa, e nem, muito menos, do tamanho que são as casas. Aí isso vem. Aí a enchente começa. Por que ele obrigou as pessoas a saírem das suas casas? A verdade toda essa enchente é por isso. Vai ver quando for daqui a 6 meses, quando não tiver mais ninguém nas casas, onde ele precisar, se vai ter enchente aqui. Não vai existir mais. Porque...

CIDA – Você acha que foi fabricado?

— Tudo fabricado.

— A enchente é uma enchente criminosa; é bem claro isso.

— Porque primeiro/ outra é: as casas estão em várzea, e o CEU está dentro da várzea também porque o CEU está dentro do brejo, que ali era brejo. Nós, moradores daqui não íamos lá porque já era brejo. Então quer dizer, está lá. O CEU está dentro do brejo. Outra, como que você tem apartamentos financiados pela CAIXA, e ele fala, não

as pessoas não precisam sair daí. As pessoas continuam morando aí. Como que eu construo uma coisa dentro do brejo só porque/ você continua, mas você mora em frente aos prédios e você tem que sair. O que é isso? Algo tem. Aí vendeu o restante dentro desse terreno para fazer mais apartamentos. Como que é várzea, como é que é brejo e eu vendo para ter mais apartamentos nesse lugar. Como que eu vou fazer um viaduto que pega a Marechal Tito e vai ligar aqui e vai sair no Rodoanel daqui. É brejo, mas tem o Rodoanel aqui. Onde vai ser feito? Quer dizer, será que isso tudo não tem nada disso? Isso tudo é política. Então quer dizer, vamos tirar as pessoas.

CIDA – A população. Era melhor vir e falar que tem um projeto que vai passar para cá a Rodovia, mas tem que vir e discutir com a população.

— Exatamente. É progresso, ele existe e é para todo mundo. Nós sabemos que isso é o progresso, é. Só que não fazer dessa maneira. Isso é desrespeito, descaso; e ele vai para a televisão e fala assim: — Nós temos que dar aula de cidadania dentro da escola. O que é cidadania? Isso é cidadania?

— E o pior é que tudo teve efeito de uma maneira que ele nem imaginou. Tudo tem causa e efeito.

— A enchente foi desfavorável para ele mesmo.

— Eu discordo.

— Pela proporção que tomou, não é isso?

— Porque ele não esperava que ia tomar essa proporção.

— Ele não esperava que ia chover tanto. Porque a 1ª enchente que teve, que ele começou a tirar o povo das casas. O povo está lá empatado em apartamentos sem água, ele não imaginava que essa enchente ia durar esse tempo todo.

— E as intenções dele não foram boas.

— De uma maneira ou de outra prejudicou nós? Sim, mas a intenção dele muito mais ainda.

— Muito mais.

— Por quê? Ele achou que as pessoas iam estar dentro da água, e iam sair das suas casas, mas na verdade as pessoas não aceitaram porque aqui ninguém é burro. Nós

somos sim pobres, moramos em lugares periféricos, mas ninguém aqui é burro. Hoje nós temos estudantes de direito, temos estudantes em São Paulo inteiro, tem pessoas qualificadas; ninguém está aqui para trás. Claro que tem, tem em todo lugar, mas a população está melhorando muito, e estão crescendo na vida. Então ninguém é bobo para saber que vai sair que vai deixar uma casa do tamanho dessa? Por que nessa rua aqui, nessa parte de cima, (eles foram lá... e põe apartamento)? Foi tipo uns R\$ 2.000,00, né?

— Eles foram oferecer/ Eu sei. Ele vai oferecer aluguel, a gente aceita, mas com certeza tem que ter o comprometimento. De alguma maneira, mais para frente quem pegou vai ser cobrado isso. Eu tenho a minha casa, como é que eu vou para o aluguel? Eu tenho cachorro e eu vou levar para onde, gente? É como eu disse vai para casa de parente? Gente, pelo amor de Deus, a gente incomoda as pessoas.

— No Flávio Augusto voltaram as aulas, mas para a gente não voltou porque tem gente abrigado lá. E as crianças, como é que ficam? Você vai levar para escola, mas elas falam: — Mãe, a gente não tem idéia quando vai voltar.

— Não tem idéia.

CIDA – Desculpe, mas deu o horário porque tem a reunião da Comissão lá na Câmara agora e a representante de vocês vai lá brigar, e a gente vai dar carona para ela, mas eu vou/ até queria pedir para vocês. Depois que eu transcrever a fita, aí se tiver mais alguma informação eu vou falar de novo com a Aidê e eu volto aqui para a gente continuar a conversa.

— Ótimo.

CIDA – Queria agradecer vocês bastante porque foi muito boa. Nós vamos levar e, assim eu vou até pensar, e vou ver se eu convenço um pessoal para fazer uma matéria de uma revista, não Veja, Isto É, umas outras, que até tem mais gente que lê, mas eu vou ver se o pessoal topa fazer uma matéria. Até vou mostrar um pouco a fala de vocês para ver se o pessoal se interessa e vem fazer uma/ só para mostrar/ até para mostrar essas coisas que você falou, que chamou a atenção para um monte de coisas. Mesmo tudo isso; é bom que tenha/ como você falou, não é o que a gente achava, mas é melhor ter isso do que nada, mas nós não queremos só isso nós queremos mais coisas. Porque trouxe, mas então vamos melhorar tudo. Já que tem dinheiro e não deram certo. Faz que nem ... porque a casa da gente não cai; cai... cai viaduto.

— Obrigada a você.

Elisângela e Carlos

TRÊS MARIAS – LUTA PELO CEU CAPÃO REDONDO

Terreno destinado a construção do CEU que foi invadido

14-10-09

Entrevista com os moradores do bairro em que o CEU seria construído. Somente a matéria do jornal não é suficiente para provar, e a fala dos moradores que viveram e acompanharam a história comprovam a veracidade.

[Preocupação dos entrevistados com a divulgação dos nomes porque são moradores antigos e há mais de 20 anos no bairro].

Começar pela identificação de quanto tempo mora aqui e como ficaram sabendo do CEU e como tomaram contato a 1ª vez e quando ouviram falar e como conheceram o projeto CEU.

CARLOS – Moro no bairro há mais de 20 anos e moro de frente ao terreno. Na época da eleição houve a divulgação por parte do PT que a Marta iria construir um CEU e o pessoal ficou animado e contente com a questão. Eles colocaram as placas, que era uma área fechada com muros, em diversos pontos no terreno com a divulgação que seria a construção do CEU. Devido a problemas, o pessoal e até mesmo antes das eleições algumas pessoas começaram a invadir e teve policiamento e retiraram essas pessoas dizendo que era uma área particular que a pessoa não poderia estar invadindo. Houve um comício da Marta no bairro e divulgou a construção do CEU. Comentou na época que iria começar o Hospital M'Boi Mirim e falou que ela sendo eleita ia construir o CEU. Infelizmente ela perdeu e no dia seguinte o pessoal começou a invadir, inclusive os próprios moradores que nem necessitavam do terreno e começaram a invadir para explorar outras pessoas que realmente dependiam e estavam precisando, e começaram a vender com propinas; uns pegando e passando para outros e valores. Para nós os moradores o pessoal ficou chateado, uma pelo fato de ela não ter ganhado a eleição, e por outro lado a gente não ter a nossa área de lazer para os nossos filhos e até mesmo para nós porque, ao mesmo tempo seria um Centro Educacional com vários cursos. Isso é o que eu entendo do CEU.

CIDA – Como você ficou sabendo que era o CEU na época?

CARLOS – Ficamos sabendo por que o pessoal do PT esteve na área e teve reunião com os moradores. Houve comunicado por papel e panfleto. Divulgação sobre as reuniões que ia ter, e inclusive as reuniões eram no próprio terreno. Trouxeram a planta do CEU e trouxeram a maquete explicando todos os detalhes. Tudo bem organizado pelo próprio partido na época. Em nenhuma reunião houve a presença da Marta, mas teve o pessoal de frente que realmente estava organizando.

CIDA – Foi o pessoal da prefeitura ou era ligado a candidato?

CARLOS – Não tenho certeza, mas deveria ter alguém da prefeitura. Por parte deles houve um interesse em fazer porque eles viram que por parte dos moradores estavam querendo também, estavam colaborando e estavam participando das reuniões que eles estavam fazendo. Mas, infelizmente, houve a decepção dela não ter sido eleita e hoje é o que está aí cheio de moradores e tudo invadido, cheio de construção de casas e alguns moram em barracos de madeira, mas a maioria já construiu com alvenaria.

A expectativa era grande todo mundo estava contente e animado porque além de dar um conforto para nossos filhos e até mesmo para nós em termos de cursos e também ia valorizar mais o bairro e as casas e ia ser um ponto muito bom e ia ser um projeto muito bom para o bairro que acabou não acontecendo.

ELISÂNGELA – Tem muitos jovens na rua que não tem benefício nenhum. Não tem como eles participarem de curso nenhum e a gente não têm condições de pagar. E a gente ficou na expectativa de ter, ginástica para a 3ª idade e as crianças poderem participar. Teve o dia das crianças e a gente não teve nada, a gente não tem nada. A gente não pode dizer que tem alguma coisa no nosso bairro, porque não temos. As lâmpadas da rua estão quase todas queimadas, e a gente pode ligar 10 vezes que não adianta, não temos muitos benefícios no nosso bairro. Se tivesse o CEU a gente teria o benefício de ver pelo menos os nossos filhos, e a nossa mãe participara da ginástica da 3ª idade que elas necessitam e não temos. Até a própria gente que ia usufruir e não aconteceu.

CIDA – Você falou de falta de vagas de EMEI e creche.

ELISÂNGELA – Muita. A falta de vagas em creche é muita e falta de escola. Meu menino estuda de manhã e fica das 7h15 até 13h00 e eles não servem lanche, ele não

come nada, ele fica sem comer na escola. É uma escola do Estado. Médicos, a gente nem comenta mais nada. Uma crise muito grande. Eu tomo remédio, mas para eu conseguir uma vaga precisa de dois meses. Marquei agora uma vaga para o dia 11 de novembro. Até lá se eu precisar de uma consulta não tem. Tem muita coisa que foi prometida e não foi cumprida.

CIDA – Vocês conheceram algum CEU?

CARLOS E ELISÂNGELA – Não conhecemos.

CARLOS – Já passei em frente de vários, mas entrar para conhecer, não. Tem um aqui que é o VERA CRUZ e quando passei estava em construção. Dizem que tem um aqui no Valo Velho que é o CEU INDEPENDÊNCIA e o CEU NAKAMURA, mas não conheço. A realidade é que estamos dependendo até hoje na expectativa de realmente chegar e desativar o pessoal e construir o CEU. É uma expectativa que todo mundo tem até hoje. O pessoal ainda sonha com a construção do CEU no bairro.

ELISÂNGELA – Não somente do CEU como alguém olhar e melhorias para o bairro. Aqui a gente não tem e ninguém quer olhar sobre a escola, a saúde, a educação e o lixo. O dia que deu enchente o lixo desce para a rua. Ratos aqui é muito. Eles jogam lixo no meio da rua devido não terem lugar para colocar, eles colocam o lixo na caçamba e a caçamba enche devido a muitas famílias e transborda; quando chove o lixo desce para cá. Outra coisa que dá muitos problemas para a gente que é morador, é que a escola coloca o lixo com resto de comida e os ratos rasgam o lixo para pegar comida e entram para a casa da gente. Teve época que não consegui dormir com medo dos ratos.

CARLOS – Problema do rato é geral.

ELISÂNGELA – ele está desempregado porque ia ter o Programa Começar de Novo.

CARLOS – tenho 46 anos, mas depois que a pessoa passou dos 40 anos parece que não precisa de mais nada. Parece que não precisa trabalhar nem se alimentar e nem vestir e não precisa de medicamento e não pode ficar doente e já estou parado há um ano e meio; e vou completar dois anos parado.

ELISÂNGELA – O Começar de Novo ninguém nem ouviu falar e o Pró-jovem e eu tenho 3 filhos jovens, uma de 19, uma de 18 e um de 14. A gente nunca ouviu falar desse Projeto. E o jovem cidadão também que era quem fosse para a escola e tivesse boas notas e meus filhos tinham e nada. A gente não tem renda nenhuma e não está

tendo emprego e se forem contar os moradores do bairro que estão empregados é muito pouco.

CARLOS – Vou prestar concurso para o vestibulinho para a área técnica para ver se eu consigo farmácia que é a minha área. Químico e Farmacêutico é a minha área industrial. Tenho uma grande experiência no ramo e não tive condições de fazer um técnico.

CIDA – Voltando ao CEU o Sr. falou de área de lazer

CARLOS – seria importante para os nossos filhos. As propagandas que mostravam área de lazer para adulto ou criança. Estava todo mundo entusiasmado ansioso esperando pela construção e acabou não acontecendo.

ELISÂNGELA – talvez estivéssemos empregados hoje.

CARLOS – Somos moradores próximos, praticamente em frente, e poderíamos até estar trabalhando e ajudando os nossos vizinhos dando orientação ou um tipo de serviço que ia ajudar a comunidade.

CIDA – Tem alguma associação de bairro?

ELISÂNGELA – Estou tentando fazer uma associação e estou com o estatuto. Fizemos já duas reuniões e todos os moradores estão de acordo, mas precisamos de 11 moradores para validar. A gente está vendo quem a gente coloca realmente para não ter problema no futuro e conseguir melhoria para o nosso bairro. Realmente a gente está precisando mesmo.

CIDA – Quando teve a invasão, a primeira vez o pessoal veio e tirou e depois teve a outra e depois já não veio mais conversar.

ELISÂNGELA E CARLOS – nas duas vezes eles tiraram e em seguida depois da eleição começaram a invadir com 2, 3 barracos e depois de 2, 3 dias já estava tudo lotado.

CIDA – Tem quantas pessoas, mais ou menos, 2 mil?

ELISÂNGELA E CARLOS – Tem aproximadamente ou mais.

CIDA – O próprio bairro, os moradores tentaram conversar com os invasores para não invadir por que ia ter um CEU? Para eles não ocuparem por causa do CEU?

CARLOS – Houve pessoas que tinham tido conhecimento e vieram procurar saber a respeito e falou que a área não poderia invadir, mas houve um problema para falar que o terreno era particular e não era da prefeitura. Houve um pessoal que foi verificar se o terreno era particular ou não. Houve um comentário e disse que foi para a justiça e teve vários problemas, e o pessoal foi se acomodando e foi chegando mais gente. Os que pegaram para vender foram repassando para frente.

ELISÂNGELA – Tem muitos moradores que não são daqui, mas são moradores que vieram comprar porque viram a oferta de venda. Teve gente que lucrou.

CIDA – É área pública ela foi desapropriada e a prefeitura pagou para os antigos proprietários.

ELISÂNGELA – Eu trabalhava na escola e vi o projeto na escola e vi que ia ter a construção do CEU, vi a planta e conversei com o rapaz que veio medir e aí consegui seguir. Eles comentaram as atividades que iam ter no CEU. Em seguida eu saí da escola e a Marta não conseguiu ganhar e foi quando aconteceu a invasão. Se tivesse alguém na época da nova pessoa que ia tomar posse e tivesse entrado e ajudado os moradores não teria, com certeza, a invasão porque tinha que ter uma pessoa de frente, não somente os moradores, mas uma pessoa na frente para peitar.

CARLOS – por que na realidade eles chegaram a fazer sondagem e perfuração. Praticamente já estava encaminhado e só esperando a construção.

CIDA – É difícil quando é um monte de gente quando invade.

CARLOS – ouvi um comentário, e não posso afirmar que no Diário Oficial consta a construção de um CEU na área.

CIDA – No Diário Oficial não sei por que ele tinha um contrato que foi assinado. E como não foi feito, e não está explicado, porque quando a Prefeitura voltou a fazer poderia ter vindo até aqui negociado e feito. Eles acharam o terreno em outra área e por isso perguntei se tem outro CEU por aqui. Algum bairro ganhou um CEU que não estava previsto. Aqui tinha um Projeto e tinha comprado o terreno.

ELISÂNGELA – é igual à escola. A escola aqui era um terreno vazio também e a outra escola, o Porfírio da Paz não teve como manter todas as crianças e pegaram o terreno e fizeram essa escola que o projeto é montado, que é de lata. Depois veio o comentário que iam tirar as escolas de lata, até estranhei. Foi feita uma reforma, mas ela continua de lata.

CIDA – O Estado disse que ia acabar, até estranhei porque ela parece ser nova.

CARLOS E ELISÂNGELA – é por que foi feito uma reforma, mas ela continua do mesmo jeito. Há 1 ano e pouco foi feito a reforma. Ela tem uns 10 anos.

CIDA – O Governo Estadual havia falado que iam acabar com todas e que não tinha mais nenhuma na cidade de São Paulo, e só havia na Grande São Paulo, em Guarulhos.

CIDA – Que época você trabalhou nesta escola?

ELISÂNGELA – Eu trabalhei nesta escola em 2007. Era Frente de trabalho, trabalhei 11 meses pela Frente de trabalho e depois me colocaram para trabalhar pela cooperativa.

CIDA – Na época do CEU você estava aí.

ELISÂNGELA – estava

CIDA – E deu para você acompanhar o formação do projeto e as visitas das pessoas

CARLOS – A grande vantagem das reuniões que eram feitas é que eram no final de semana, aos domingos, no final da tarde e dava para todos os moradores participarem. Havia a divulgação. Não era nada durante a semana. Era feita sempre nos finais de semana e o pessoal participava mesmo. O pessoal ficou interessado realmente queria a construção do CEU.

CIDA – E o pessoal trouxe a maquete?

ELISÂNGELA – trouxe, inclusive tinha uma placa de quanto ia gastar, quando ia começar o projeto e quanto ia custar o projeto, quando seria o término do projeto, mas arrancaram tudo.

CARLOS – após o resultado da eleição que ela perdeu o pessoal já chegou arrancando tudo. Eles colocaram 3 placas bem altas, para que todos vissem e lessem, mas, infelizmente, não tivemos essa sorte.

CIDA – Tem que batalhar para ter outro.

CARLOS – Espero que seja na própria área.

CIDA – Dá pena do pessoal que comprou na área.

CARLOS – Não é somente pelo fato de comprar, mas o que eles estão investindo.

ELISÂNGELA – aí dentro tem tudo.

CARLOS – Tem bar, tem supermercado, telefone, oficina. O pessoal tem tudo, tem speedy. A gente não consegue speedy, mas eles tem. Eles falam que não tem espaço, não tem tronco para acessar.

ELISÂNGELA – Eles têm energia, água. Eles têm tudo.

CIDA – Já está tudo regularizado, endereço e tudo?

CARLOS – não está nada regularizado.

CIDA – E a luz como chega?

CARLOS – É clandestino. O Speedy afirmo que não é gato porque conheço pessoas e eles não tem endereço e tem um morador dali e a correspondência vai para a minha casa. O endereço dele é o meu. Compra o móvel e vai para a minha casa e ele vem buscar. O rapaz pediu Sky. Chegou a fatura da Sky. Chega a conta do telefone com speedy enquanto nós mesmos não temos.

ELISÂNGELA – entra caminhão da Casas Bahia, entra caminhão de todas as coisas, mas não entra o caminhão do lixo. Nós já pedimos para entrar o caminhão do lixo, mas não pode entrar porque é uma área invadida e não é regularizado. Entra todo tipo de veículo só não pode entrar o do lixo. Só que no bairro deles eles são unidos. Mesmo na invasão eles estão unidos e do lado da gente a gente não se uniu. Estou tentando fazer a Associação para os moradores porque a gente vê as pessoas que não moram aqui há muito tempo tendo benefícios que a gente não tem. Do lado da gente está sendo a minoria. Se a gente conseguir a Associação a gente pode ser a maioria. Porque melhora a vida de todos. Acho o fim do mundo uma criança de 5-6 anos ficar em casa e não tem como estudar. Muitas crianças vão para escola para alimentação do dia e ficam com uma alimentação só por causa da condição do pai e da mãe e chega na escola não tem vaga. Eu já vi várias brigas na escola devido a vaga.

CARLOS – O problema da educação é tão crítico que chegam os ônibus para levar as crianças para outra escola em outro bairro perto do Ângela. As 7h00 da manhã tem uns 5-6 ônibus para pegar as crianças para levar para a escola.

ELISÂNGELA – São ônibus com situação bem ruim que dá até medo, mas fazer o que; a criança precisa.

CARLOS – matriculou aqui só que não estuda aqui.

ELISÂNGELA – Eles levam para outra escola porque aqui não tem vaga.

CIDA – Só tem essa escola no bairro?

ELISÂNGELA – De 1ª a 4ª só tem esta escola. A outra é a Porfírio I e esta é a Porfírio II. A de lá é de 5ª até o 3º ano.

CARLOS – há uma divergência porque eles disseram que os alunos iriam a outra escola por causa da reforma, mas a reforma já acabou e as crianças continuam indo estudar fora.

ELISÂNGELA – eles poderiam colocar mais carga horária e colocar as crianças da gente aqui. Porque é assim tem umas crianças de fora que vem para cá e as crianças daqui vão para outro bairro. Está muito desorganizado. As crianças saem daqui e vão para outra escola.

CIDA – A escola tem dois ou três horários?

ELISÂNGELA – Tem dois horários.

CARLOS – essa semana não teve aula. Tem muita falta de professor.

ELISÂNGELA – o meu filho posso dizer que ele foi 1/3 do ano letivo na escola. Meu filho está fazendo trabalho e mais trabalho para cobrir a falta por que ele não tem professor. Não é por que ele não quer estudar. Qualquer motivo aqui é para não ter aula.

CIDA – Na época das reuniões do CEU muita gente participava?

CARLOS - Todas as reuniões tinham muita gente. Até os que moravam mais distante vinham para participar e se informar se ia sair e o que estava acontecendo. O pessoal estava participando tanto é que ficaram muito desolados com a situação de não ter saído a construção. Alguns comentam que pode sair.

CIDA – Vai ter que regularizar. Ou repassa para eles ou sai para construir a escola.

ELISÂNGELA – A gente está na expectativa que o nosso partido ganhe para resolver alguma coisa e que a gente possa ter não somente o CEU como outros benefícios.

CARLOS – A construção do CEU vai valorizar e vai chegando as novidades, outras atividades e vai trazer outros recursos para melhorar o bairro. O bairro precisa evoluir.

ELISÂNGELA – uma mãe que precisa trabalhar e não tem onde deixar o filho e não pode pagar porque já ganha pouco. Nós brasileiros ganhamos pouco e muitas mães precisam de um lugar para deixar seus filhos. No ano que vem a gente conseguir o nosso CEU. Aqui só tem uma creche no Jardim Guarujá.

CIDA – Educação Infantil, de 4 a 6 não tem aqui.

ELISÂNGELA – só tem uma EMEI, mas é lá no Independência e não faz parte, por que é de outro bairro. No bairro a gente não tem nada. Não posso dizer que nosso bairro tem alguma coisa que o nosso bairro não tem nada. A gente depende de ajuda e a gente está tentando. A gente está tentando trazer algum benefício para o nosso bairro. A gente quer divulgar para o que o PT ganhando possa fazer pela gente. Nesses 4 anos a gente viu que essa pessoa não fez e a gente quer Eu tenho muita confiança e acredito porque num presidente que a gente tem é difícil. Hoje em dia a gente ganha um salário, que é mínimo, um pacote de arroz que era para ser uns R\$25,00 custa R\$7,00 num arroz bom. Pelo menos eu consigo comer um arroz e feijão bom. Esse governo tem que continuar para dar continuidade nas nossas melhorias.

Roberto e Lucy

CEU VILA DO SOL

JD VERA CRUZ — M'BOI MIRIM

Local da entrevista: Rua Otacílio de Souza, 83

14-10-09

A administração da Marta fez levantamento de um terreno de uma fábrica para construir o CEU e a prefeitura ia desistir do Projeto para fazer um CDM [Centro Desportivo Municipal], quando a comunidade reagiu exigindo a construção, através de um abaixo assinado com mais de 10.000 assinaturas. Foram realizadas várias

reuniões e concentrações no local da obra cobrando do José Serra, que era prefeito, até que conseguiram a realização do CEU.

A proposta desta entrevista é contar a história como foi; como ficaram sabendo do projeto; como resolveram mobilizar.

ROBERTO – Aqui na região do M'Boi Mirim nós temos uma demanda muito grande de vagas de ensino infantil e creche. Fundamental nem tanto porque tem o Estado que tem bastante escolas na região. E temos também uma gama de escolas particulares de pequeno porte e que dá uma sustentação tanto para o governo municipal como o estadual e acaba atendendo essa demanda que hoje na cidade de São Paulo tem mais de 500.000 crianças que são atendidos pelas escolas. Não pelas grandes, mas pelas pequenas e na periferia é um volume muito grande. Pela dificuldade da região, onde a maior parte é de mananciais, a dificuldade da parte do poder público é de construir prédios para atender a demanda escolar e as escolas particulares, de certa forma, acabam contribuindo para atender uma parte desta demanda. Mas ela também tem todo um impedimento legal e acaba não permitindo a funcionabilidade delas em função de alvará de funcionamento. E nesta questão quando a Marta colocou a possibilidade da construção do CEU a gente achou que ia atender bastante, principalmente diminuir essa demanda de crianças fora da escola. E realmente aconteceu, mas ainda assim a gente percebe que não tem uma discussão no sentido de como, para pelo menos ter um controle ou de natalidade ou... porque todo dia está nascendo criança e cada criança que nasce necessita de creche, necessita de escola e não tem. E com a vinda do CEU para a nossa região do M'Boi Mirim foi muito importante porque diminuiu bastante o nº de crianças sem escola. Só que no momento que a gente esperava que a Marta fosse continuar porque tinha um projeto de construção de mais CEUs para a região, e acabou sendo inviabilizado isso. E o governo acabou sendo colocado o Serra, que, no início, não estava priorizando a continuidade dos CEUS e acabou inviabilizando novamente o atendimento a demanda das crianças que estão aí. E precisou a comunidade reagir. Precisou que a comunidade se organizasse e várias vezes nós fizemos encontros com o Secretário Alexandre Schneider dizendo da necessidade da continuidade dos CEUS aqui na região, e junto com o vereador Donato a gente acabou conquistando esta possibilidade. Ele colocava que não era uma vontade do Kassab, mas afinal acabou o Kassab vendo a necessidade da continuidade e continuou. Só que totalmente os prédios construídos aqui na região não era aquilo que tinha sido projetado pelo governo anterior, no caso da Marta. Ele fez o CEU do jeito dele. E, mesmo assim,

agora está aí toda essa estrutura montada e a gente está aguardando a possibilidade de mais uma construção do CEU da qual foi prometido por ele aqui no Jardim Ângela e nós estamos aguardando que isso aconteça. Bem ou mal vai aliviar um pouco essa demanda que existe na região. Fizemos uma luta para fazer com que o CEU Vila do Sol fosse construído logo no início, quando a gente teve encontro com o Alexandre Schneider e mobilizamos mais de 10.000 pessoas, colhemos assinaturas envolvemos a sociedade civil organizada desse Projeto, e também graças ao Donato e ao Zarattini que ajudaram muito no nosso pleito e hoje a realidade está aí, principalmente aquela população do Jardim Horizonte Azul, Vera Cruz e todos os bairros adjacentes hoje tem lá o CEU funcionando; e subiu um pouco da demanda embora haja muitas crianças fora da escola que não tiveram a oportunidade de estar no CEU e estão indo para outras escolas, até longínquas de sua região e de sua moradia. Tem um deslocamento que a Prefeitura faz tirando a criança de sua comunidade e levando para outros bairros, até distantes, ainda em função desta ociosidade e necessidade da demanda. O que a gente gostaria que acontecesse é que a Prefeitura atual considerasse a importância dessa estrutura porque não é só a questão educacional. Ali envolve tudo: envolve cultura, envolve lazer. A região aqui é muito carente de lazer e tudo mais e o CEU tem proporções para a comunidade. Agora não adianta ter uma estrutura dessa montada se também não tem ela funcionando na íntegra como deveria ser. Então isso a gente sente que a Prefeitura ainda falha muito.

CIDA – Ainda não tem todas as atividades?

R – Não, e eles estão aí querendo colocar ensino profissionalizante, mas isso ainda está em discussão. Isso ainda não está acontecendo. Então a necessidade é essa, a educação, na verdade eu acho que se a gente não tiver o pensamento nessa questão como a gente discutiria essa questão da população estar crescendo dia a dia de uma forma totalmente que não está tendo uma preocupação com a natalidade com crianças nascendo a torto e a direito, de qualquer jeito, e sem ter uma atitude de educação mesmo que não tenha os alunos, não tenha as crianças, não tem o jovem bem informado e bem acompanhado nesta questão o resultado é este crescimento populacional grande que acaba ficando dentro deste contingente fora da escola. É o que a gente percebe.

C – Essa coisa de falta de escola, nós fomos visitar um pessoal lá no [CEU] Três Marias, onde ia ser o outro CEU, que foi invadido, e o pessoal estava colocando isso dos ônibus levando as crianças para outras escolas.

R – E ali, no alto Santo Amaro, aonde vocês foram, ainda tem uma escola de lata lá. E o prefeito fala que não tem mais. Acho que agora nesses momentos políticos seria o momento de estar filmando e mostrando porque o que ele fala é mentira. Esta é a grande preocupação. A demanda é muito alta e a região é muito carente. A classe é muito desfavorecida em tudo. Nós estamos discutindo também na subprefeitura da região a questão do transporte que aqui a gente não consegue nem andar mais. Qualquer hora que você anda aqui você fica no trânsito. Metrô na região também, a Marta colocou na época da campanha, a possibilidade da extensão do Metrô Capão Redondo até o Hospital M'Boi Mirim e até agora não houve avanço do governo atual e a gente está colocando estas discussões.

LUCY – O Hospital M'Boi Mirim é uma mentira que ele fala: o Hospital funciona bem e tem tudo. Na verdade não tem; tive que me internar para conseguir um ultrassom e saí sem fazer. Porque só tem um aparelho de ultrassom para todas as unidades e AMAS [Atendimento Médico Ambulatorial] da região. Você chega lá com a cabeça estourada atende esse e se tiver outro caso mais grave, quem está internada vai ficando. Quer dizer é uma mentira, e o hospital não funciona.

R – Nós temos aqui hoje, e é mapeado, se você considerar que na área da saúde você tem dois hospitais no M'Boi Mirim e alguém pode falar: puxa, mas o M'Boi Mirim está chorando, mas na verdade nesse desmembramento que teve de subprefeitura o Hospital de Campo Limpo ficou pertencente ao M'Boi Mirim que é outra região. E não tem formas de meio de transporte viável. Você tem que descer de um e pegar outro para chegar até lá. E o Hospital do M'Boi Mirim acaba não dando o atendimento adequado a população por falta de médico e por falta de enfermeiro e por falta da estrutura física e funcional. Essas são as necessidades que a gente tem aqui.

C – Gostaria que você falasse sobre o CDM, que vocês ficaram sabendo que na área ia ser o CEU foi proposto um CDM.

R – A questão do CEU Vila do Sol se deu de 4 formas: a gente tomou conhecimento que seria construído um CDM no terreno, e logo de imediato a gente mobilizou a comunidade porque não era esse o interesse da comunidade até porque a região sofre com atendimento de UBS e tudo o mais. A gente sentia necessidade que dentro da construção do CEU pudesse ser implantado lá, por ter terreno, um atendimento onde fosse construído um prédio de UBS. O que a gente pensou naquele momento: poxa vida, se tem o terreno e o terreno está comprado, por que vai construir CDM. Só porque o CDM vai lá jogar bola e fica nisso? A gente fez uma reflexão com a

comunidade, e a comunidade entendeu e vamos lutar por uma coisa maior, uma estrutura maior e com tudo aquilo que o CEU oferecia e a possibilidade do terreno servir para outras questões. E foi assim nessa luta que nós tivemos 3 audiências com o Secretário e conseguimos até que ele nos deu a notícia que o Kassab resolveu dar continuidade na construção dos CEUS aqui em São Paulo. E aí a gente conseguiu a construção.

C – O abaixo-assinado vocês entregaram para ele? Vocês chegaram a entregar?

R – Nós mandamos para ele cópia das 10.000 assinaturas e tudo isso acabou sensibilizando também.

C – E para colher todas essas assinaturas como vocês fizeram?

R – Nós fizemos reuniões nas igrejas. Fizemos reuniões nas igrejas, na maioria na região do Jardim Capela e do Horizonte Azul, Jardim e M'Boi Mirim e os bairros adjacentes. Então mobilizou todo mundo indo para as igrejas. Lá na missa pegava todo mundo no portão. Aí na igreja do Jardim Capela a gente conseguiu as reuniões na sala da igreja e fizemos várias lá organizando o pessoal, e, com isso a gente conseguiu sensibilizar todo mundo e daí a gente começou a distribuir material para poder fazer o abaixo-assinado e acabou que todo mundo ali ajudou. Um distribuindo para o outro e a gente colhia aquilo semanalmente. Então a gente deixava a cargo das igrejas e passava para retirar o que já tinha de abaixo-assinado. E hoje está aqui o resultado, esse volume aqui e tinha muito mais pessoas querendo assinar, mas no momento a gente já tinha colhido tudo. Acabou envolvendo muitas parcelas da comunidade e a gente conseguiu o resultado.

C – Vocês fizeram fora as reuniões e audiências, alguma manifestação ou não?

R – Não precisou. O que a gente fez foi reuniões na porta do terreno.

C – Vocês fizeram lá na frente?

R – Na frente e teve momentos que a gente chamou o Secretário para vir e ele não pode e mandou o diretor do Campo Limpo, que é responsável pela área, e ele participou dessas reuniões falando para a comunidade da nossa luta e falou que o secretário estava sensível. Naquele momento ainda a gente não tinha a resposta se seria construído ou não o CEU. Então a gente fez muitas reuniões no local com a Associação do Bairro e com o pessoal que estava envolvido na luta. O mais interessante de tudo isso são as pessoas de má fé. Toda essa luta feita e a

comunidade ter participado, o vereador da região, o Milton Leite, esse danado no dia da inauguração disse que foi ele que fez. Se você for ao CEU tem uma área dentro do espaço, tem uns quadros que a Coordenadoria de Ensino, desta gestão, fez um histórico e lá ele fala das 10.000 assinaturas e coloca pessoas que não tem nada a ver com a luta que aconteceu. Foi uma coisa que ficou muito chato e fizemos um questionamento com o pessoal da educação do Campo Limpo para contar a história verdadeira, que foi uma luta da comunidade. O que teve lá foram pessoas que acabaram se infiltrando em outras discussões, mas que na realidade, não fez parte do movimento. No dia da inauguração eu estive presente e senti falta do Donato, o Milton Leite falando que é dele e eu falando para as pessoas que não é, mas não podia fazer agito porque ia ser retirado. Muitas pessoas vão para esses lugares e ficam no oba-oba e acabam levantando a mão e aplaudindo e as vezes nem sabem. Ele tem essa conduta e a gente já conhece.

C – Quantos bairros envolvidos nas assinaturas?

R – Aqui tem um pouco da história: Horizonte Azul, Sapato Branco...

C – Você lembra quanto tempo levou para pegar todas essas assinaturas?

R – A gente levou mais ou menos uns 6 meses porque a gente ficou nesse tempo, da 1ª reunião que a gente teve com o secretário e o Donato até o momento que a gente teve a resposta.

C – E lá do Três Marias você acompanhou também?

R – Lá do Três Marias foi até engraçado o episódio. Assim que a Marta perdeu a eleição, aquilo, de certa forma, teve uma organização para isso acontecer, logo de imediato houve um movimento para invadir o terreno lá, inclusive já estava comprado. E de repente foi todo mundo para lá e invadiu o terreno que era de uma Associação do Jardim São Luiz e essa Associação a gente também tinha reuniões com eles em alguns momentos. E eles falaram para a gente que tinham um terreno lá e que estavam prontos para construir moradias e para a comunidade que fazia parte da Associação deles e acabou que eles cederam o espaço para a Marta. E nesse momento a Marta perdeu a eleição. Assim que perdeu, o pessoal ficou sabendo... E agora a discussão atual ao lado do Hospital M'Boi Mirim, toda área que tem ali, que o CEU seja construído ali. Nós estamos nessa.

C – Vocês continuam? Por que o CEU que era para ser lá no TRES MARIAS foi construído em outro lugar?

R – Tem o Capão Redondo. No Nakamura e foi assim: a gente fez a discussão do VILA DO SOL e colocamos para o Secretário que a gente precisava de mais CEUS na região. Tinha o TRES MARIAS que a gente colocou para ele que já tinha terreno e, além desse, a gente precisava de mais 2 naquele momento. E o que eles liberaram foi o VILA DO SOL e o NAKAMURA e conseguimos nessa luta os 2 que veio dessa discussão. O do TRES MARIAS ainda está para ser construído. Então em cima disso que a gente está trabalhando agora.

C – A área é perto do Hospital; atrás não, do lado.

R – Aquela parte de cima que tem todo aquele terreno vazio. A gente está propondo a construção lá. Já existe essa necessidade do TRES MARIAS, e ser localizado uma área, e essa área nós estamos propondo que seja ali. Estamos assim.

C – O pessoal falou que estão com bastante problemas de vagas em escolas

R – Mais na parte de creche

C – Creches e EMEIs

R – Tem uma demanda muito grande e não tem onde colocar, tanto é que a prefeitura está fazendo muitos convênios com associações.

C – Para creche?

L – É um bairro que não tem nada de lazer. A gente estava lutando por algumas coisas que acaba não acontecendo. A gente pediu uma quadra em Paranapanema porque as crianças de lá não tem condição. Capão não funciona ainda; Nakamura fica um pouco distante para os pais levarem.

C – O CEU do Capão Redondo não está funcionando?

L – Não, tem algumas coisas que estão sem funcionar. Eles inauguraram porque não podia passar da data, mas só funciona a escola como já funcionaria porque tinha uma EMEI ali.

C – É aquele terreno separado.

L – Separado. A parte de esportes e lazer não funciona ainda. Só funciona a parte de escola.

C – E o conselho gestor, tem?

R – Eu não tenho esta informação. Eu não tenho acompanhado tanto a parte da estrutura de como está funcionando hoje.

L – Eu acredito que não porque eles acabam envolvendo a gente nisso. Eles chamam o pessoal. O Conselho de Saúde me mandam...

C – O Conselho gestor do CEU, a maior parte dele é de pessoas da comunidade para poder estar gerindo e democratizando.

R – Na verdade a gente percebe que para o pessoal da educação, quanto menos o povo participar, melhor. Você já imaginou você tem os Conselhos de escola, mas é uma dificuldade para quem quer fazer alguma coisa. Por exemplo, minha esposa é diretora daqui do Mário Marques aqui do Ângela. Ela compra uma briga com a comunidade, força eles a participarem porque muitas vezes precisa da comunidade junto para poder ter forças, mas a população é difícil, eles não entendem isso. Para você colocar na cabeça de um pai que ele tem que estar acompanhando o filho. Tudo o que precisa na sala de aula; as necessidades e ele não vai na reunião e são poucos que aparecem. É tipo: tem escola, e eu trabalho e fico em casa e ela que faça a sua parte como se tivesse obrigação de fazer.

L – Teve uma reunião de pais e alguns pais questionavam. Um pai questionou: mas os pais não participam não é porque eles não querem; algumas escolas preferem que os pais nem participem. A escola não abona e os pais não vão porque podem perder o emprego. Eu gosto muito de reunião de escola e acho importante participar. Alguns diretores me falam da importância de participar do Conselho, mas outros me excluem.

R – Para você ter uma idéia nós tivemos aqui, entre o último subprefeito que foi o Lafir, já tivemos troca de 5 subprefeitos; este é o 5º.

C – Desde o Serra? Um por ano, praticamente.

R – Não, agora na administração do Kassab.

C – Em um ano, cinco?

R – O que ficou 4 anos foi o Lafir. De lá para cá este é o 5º. Os que foram trocados é porque não atendiam os interesses do Milton Leite, não era aquilo que ele queria. São pessoas que estavam fazendo benefícios para a comunidade dentro da subprefeitura. E isso não era uma coisa que o Milton Leite estava achando interessante, o subprefeito discutindo com a comunidade. Quando tinha ele achava um jeito do Kassab tirar. E acaba que o vereador tem posicionamento e tem força política. Mesmo que o Kassab disser que é uma pessoa dele, o Milton Leite pode dizer que não vai olhar mais para o Kassab, e o Kassab muda de idéia. A gente até sabe a dificuldade que o prefeito e a prefeita encontram na mão de alguns vereadores; é difícil e na época da Marta foi assim também, mas mesmo assim você sabe que se você não faz estes alinhamentos você não governa. Então, tem que negociar. Infelizmente no governo Kassab, quando ele veio fazer campanha aqui na região ele deu todas as condições para o Milton Leite fazer o Kassab ganhar aqui. Ele deu dinheiro e aí ele fez campo de futebol e gramou todos os campos de futebol com grama sintética. Não tem um campo aqui que você não vai que não tenha. Na região todinha ele fez os campos. A gente sofre muito com isso porque a gente tem uma população que não reivindica nada, que não briga pelos seus direitos. E acaba que os poucos que a gente tem aqui que ainda gritam e que acabam sendo desmoralizados porque gritam. E você fica sem forças e então vou brigar contra tudo isso? Na época que a Marta era governo nós só víamos o pessoal agitando e metendo pau no governo da Marta, e agora o governo do Serra está aí, do Kassab está aí faz o que quer, e ninguém mete o pau em ninguém.

C – Ninguém reclama.

L – O comodismo é da necessidade que não é correspondida. Tem aquelas pessoas que falam, não adianta ir nas reuniões porque eu não vou conseguir, a Marta ia ganhar e não ganhou e, então acomoda e acredito que é por isso.

C – No CEU Vila do Sol é ao contrário; as pessoas se mobilizaram, brigaram e conseguiram.

R – Estas são as diversidades. E se você visse como a gente se mobilizava naquele momento. E as pessoas, e não foi toda a população dos bairros que participaram, mas aquela minoria que participou conseguiu trazer para toda a população do bairro. E quando a inauguração aquela população que vai lá para ver o prefeito, para ver o Milton Leite são os ignorantes, e não se mobilizou e tem a falta do conhecimento. E olha que a gente ia com carro de som e falava. Andava com o fusquinha falando, a

Marta, o Donato, o Zarattini, e nem por isso tivemos uma expressão de votos principalmente de Marta. Isso aqui me deixou muito puto da vida.

C – Era para ter tido um resultado bom.

R – E a gente não viu isso. Eu mesmo fiquei decepcionado. Falei caramba, o que está errado? Aí você vai lá no dia da inauguração e vê os caras fazendo...me deixou mais revoltado ainda. Quando que a gente vai conseguir fazer o povo enxergar de outro jeito?

C – Mas isso é um exemplo já de uma grande transformação que vocês fizeram.

R – Quando a comunidade se mobiliza ela consegue, agora quando ela não se mobiliza.

C – O duro é a luta de vocês irem todos os dias e vocês trabalharem

R – A gente já fez no governo do Serra, uma invasão na subprefeitura que foi discutir transporte na região, na época. A gente conseguiu lotar a subprefeitura sem saber que era a gente, enquanto PT e levando o povão, enchemos lá para discutir. Era uma reunião que eles pensavam que ia ser com a gente, com meia dúzia de pessoas da Associação. Quando viram aquele povo pensaram, o que é isso? E o Lafir permitiu que a gente fizesse, mas ele também não sabia que ia toda aquela gente. Aí nós invadimos e fizemos um movimento e conseguimos algumas coisas por conta disso, mas é difícil mobilizar.

L – Agora entendi por que a reunião que fizemos lá mandaram o subprefeito antes de deixar entrar.

R – Entrou agora o Beto que era da Cidade Ademar, nós fizemos uma reunião com ele e ele chegou e se apresentou, mas só faltava ele carregar o Milton Leite no colo. “Quero parabenizar o Milton Leite”; toda hora Milton Leite, Milton Leite...

C – É ele que quer acabar com o Sacolão das Artes?

R – Não, foi o outro que saiu e teve um problema.

C – O pessoal vai propor fazer uma vigília porque querem acabar com o Sacolão das Artes.

R – Foi o Lafir que criou o Sacolão, que viabilizou aí o outro subprefeito que entrou disse que não ia ter mais e começou a mexer. O pessoal se mobilizou e mesmo assim ainda não estão conseguindo resultado pelo que estou percebendo. A parte da cultura daqui da Piraporinha reclama muito das ações do governo municipal e que não ajuda em nada, e o pessoal da cultura não faz absolutamente nada para a região. O que eles fazem é o que a gente conhece, aqueles movimentos culturais que o Kassab faz que envolve toda a região, mas não é uma coisa com profundidade. É basicamente estas demandas que a gente sofre aqui na região. E a nossa luta é grande no sentido de a gente tentar sensibilizar a comunidade. Nós fizemos algumas reuniões de transporte e a gente colocou na internet criticando e chamando a atenção dos políticos para enxergar a região como estava, pelo menos aqueles que foram eleitos aqui, e é o que a gente vai fazendo. Quando tem reunião na subprefeitura a gente vai lá e cutuca. Você convida a comunidade e a comunidade não vai. Quem vai é somente aqueles que estão na luta e é assim que as coisas são construídas. Eu acho que retomar tudo aquilo que era feito no passado é o governo estar na mão mesmo nossa, porque, se não, é difícil. A necessidade de implantação de mais CEUS aqui é muito importante. Tem muitas pessoas que às vezes até colocam, olha não interessa porque o que se gasta com o CEU dá para construir tantas escolas, mas a estrutura de construção de escola não tem nada a ver.

C – Não tem o espaço e ignora a parte de cultura e esportes que é importante.

L – A maioria dos pais quer uma escola para os filhos e se eles pensassem bem o CEU seria a melhor escola que nós teríamos. Mas a maioria dos pais não tem conscientização. O menino tem que ir para a escola porque não tem comida em casa, ou até mesmo para descansar a cabeça da mãe que já está cheia. O que falta na periferia é a conscientização que não estão tendo mais. Aquele trabalho político que fazia de conscientização política. O que é política e a necessidade. Então tudo isso, os próprios governantes querem o voto e não conscientização política. No começo era uma vez por mês vinham para o bairro para fazer conscientização política e isso deixa de acontecer. Deixa de acontecer e as pessoas deixam de se envolver e acabam se distanciando e não querem nem saber o que é melhor e o que é bom e se acomodam. O que é mais fácil é o meu filho vai para a escola e estudar.

R – A gente viu pela televisão a Vanuza se apresentando na Assembléia Legislativa e eu acho que a gente tem que agradecer muito a Vanuza até porque a gente teve algumas iniciativas depois daquilo lá da apresentação dela que chamou a atenção. Na época que eu estudava, lembro que a gente, antes de entrar em sala de aula, a gente

ficava em fila e cantava o hino nacional. Os padrões eram diferentes e acho que se a gente mantém um pouco do nosso jeito de ser, da forma de ser ainda traz um pouco daquele passado que tinha outra forma de ver a educação, embora a gente estivesse no momento de ditadura militar. Mas o que vejo hoje, a juventude tem um poder muito forte nas mãos, principalmente aos 16 anos, que é o poder do voto. Só que ela não sabe o que ela faz com esse voto. Ela não tem informação política. Vejo que há necessidade de que seja criada uma possibilidade de ter uma matéria de formação política, não é para dizer que partido ela tem que ir, mas que ela saia do portão da escola sabendo qual opção ela vai querer; que ela possa optar. Agora essa criançada, essa juventude que está aí não tem noção disso.

L – Quando estudei tinha OSPB e já me simpatizava. Acho que me interessei por político por isso porque eu gostava dessa matéria e acabou cortando. Por que cortaram essas matérias? OSPB falava de política. Quanto mais tirar a consciência do povo para eles é melhor.

C – Seria lutar não somente por mais CEUS, mas que funcionassem, e que tivessem o professor adequado e que levassem o maior número de jovens.

L – Tem pai que diz que não quer saber de política.

C – Chegaram a apresentar, na época que começou a brigar pelo CEU no VERA CRUZ, o que era o CEU, com apresentação do que era e com apresentação de maquete.

R – Nós apresentamos o que tinha no CEU Campo Limpo. Toda a estrutura que tinha lá e o que ia oferecer para a comunidade.

C – Levaram o pessoal até lá?

R – Teve ônibus. A gente conseguiu organizar o pessoal para conhecer. Lotamos um ônibus porque eles não tinham noção do que era um CEU. O CEU era uma coisa estranha para eles porque na região tinham muito poucos. E quando a gente levava, eles ficavam perplexos de ver aquilo e falavam, quando a gente vai ter e não achavam e não acreditavam que a gente tinha possibilidade de ter o CEU lá. A gente apresentou para eles um pouco do que era apresentado nos CEUS e como eram os CEUS da região. A gente passava para eles, e muitas pessoas que participavam das reuniões não tinham essa clareza.

C – Eles não conheciam e como vou me mobilizar por uma coisa que eu não conheço?

L – Pode ser mais uma propaganda enganosa.

R – Por incrível que pareça se você observar lá em torno do CEU, não sei se só aqui, mas no geral, ainda tem gente que mora na comunidade e não conhece até porque acha que vai chegar lá e não vai poder entrar. Falta envolvimento da comunidade ao equipamento que é dele. Essa falta que é uma questão educacional.

C – É falta de tudo que ele teve, e ele não acha que é dele.

R – Ele não acha que é dele e essa é uma das lutas que a gente coloca sempre nas reuniões. Tem que entender que o espaço público é nosso, a escola é nossa, o posto de saúde é nosso. Tudo é nosso. Então se a gente não ajudar a cuidar disso a gente pode ficar sem. E ficar sem o que vai acontecer? Você não vai ter o posto de saúde funcionando e não vai ter a opção de levar a criança no médico. Se não tiver escola como vai fazer? Recentemente no CEU Nakamura entraram lá e levaram computador embora e a visão que se tem na comunidade é que quando acontece isso é a comunidade. É uma mania de jogar a responsabilidade na comunidade, mas não tem envolvimento para que a comunidade participe. Não se chama a comunidade a participar, conhecer e mostrar que é dele. Essas coisas da cidadania mesmo. Se a partir do momento que se tenha esse interesse de se desenvolver esse trabalho na comunidade isso não acontece. Quando a comunidade participa do espaço público muda tudo.

C – Precisa estar chamando para a participação, para o Conselho, para dar opinião. Precisa participar dos projetos, tem que haver a troca.

L – Outro dia eu estava na perua e uma mãe estava conversando com outra mãe e ela citou uma coisa que eu achei que faz sentido. Ela falou para a mulher: acontece que lá no CEU Vila do Sol não está entrando as pessoas que moram na região, estão entrando as pessoas que tem envolvimento com os políticos que estão aí. A outra disse, mas como você pode dizer assim que rua você mora? Ela falou a rua e a outra também falou. Eu moro na rua antes da sua e por que a sua alcançou e a minha não? Minha filha não está lá, por quê? Porque eu sou briguenta, eu sou do PT e o pessoal do lado de cá conseguiu. O envolvimento é político. Você me conhece? Então você vai ter direito. A rua que o Milton Leite teve voto, ele jogou cascalho; a rua de baixo não jogou. O pessoal de cima jogou por causa do Milton Leite. Quer dizer como você pode

conviver se há uma questão política no coletivo. O governo não pensa no coletivo como pregam.

C – O que chamou a atenção na hora que a gente passou lá foi no final do turno. Tinha muita perua particular. Fiquei chocada porque não era para ter perua particular porque ou é para o pessoal de perto que vai a pé e volta, ou o Vai e Volta. Não tem mais o Vai e Volta?

L – É aquilo que a moça estava falando no ônibus. Os que estão no Vila do Sol não são aqueles próximos, são aqueles que conchavo com a direção e município.

C – Tinha uma lista exatamente para evitar essas coisas. Um ou outro você terminava atendendo que eram casos de transferência, mas tinha uma lista e um padrão que era exatamente para evitar isso.

LUCY – É para priorizar as pessoas mais próximas do CEU até para evitar a questão da perua para não ter VAI e VOLTA.

C – Lá na frente do CEU não tinha nenhum VAI E VOLTA, mas particular. Umas 6.

L – Eu tenho amiga minha que tem uma menininha que estuda lá. Porque tem contato com o Milton Leite...

C – Tem até uma orientação do Ministério Público que eles falam que a escola tem que estar no máximo a 500 metros do aluno e a gente não consegue fazer isso. Mas a prioridade tem que ser isso até para a criança não ficar se deslocando muito tempo e poder ir sozinha.

R – Coloco até como um questionamento em relação ao Ministério Público. Eu não sei até onde eles têm comprometimento para resolver isso. Porque nós temos Conselhos Tutelares na região, as escolas têm demanda, o Conselho não encaminha e se encaminha as coisas não acontecem. Na questão também das escolas que é um braço do governo no caso de estar suprindo esta demanda. Muitas vezes a gente convida as pessoas do Ministério Público para dar uma satisfação e eles não aparecem, não vêm nas reuniões e não querem conversar sobre isso. Essa negociação que tem entre eles e a prefeitura e a gente não sabe até que ponto isso vai. Parece que tem um acordo entre a prefeitura e eles no sentido da questão das escolas.

C – Você tem que assinar porque eles pressionavam muito e pode virar processo e você pode até ir preso se não cumprir as coisas. A gente fez um termo de ajuste de conduta que a gente chamava. Então tinha que mostrar qual era o plano de obra, quantas crianças eram viáveis para atender e tinha que mostrar o planejamento. Não adianta falar, vou construir uma creche com 150 vagas. O último ano nosso foi de 18.000 vagas. Deixei o contrato das obras prontas até por conta disso. Eu tinha assinado um termo de ajuste e eu ia ser responsável em cumprir parte dele eles conseguem. Depois chega outro governo e se fosse responsável não tinha deixado nenhuma obra contratada e o outro secretário iria responder processo. Deixamos tudo em ordem para o cara e pedimos a prorrogação do termo explicando para o Ministério Público que eles estavam cobrando uma coisa que eu estava assumindo, mas eu não sabia se está lá para cumprir ou não. Então a gente fez todos esses acordos. Mudou muito porque lá eles viviam batendo na porta para chamar. Tem um juiz da Lapa, das ações que foram para julgamento, teve um juiz que ia dar uma ordem de prisão. Ele mandou um oficial de justiça convocar para depor e tive que ir com o Secretário de Negócios Jurídicos porque o cara ameaçou me prender na hora do depoimento. Além do advogado tive que ir com o Secretário para garantir que não tivesse essas coisas, mas o que a gente vê agora é que mudou. Os caras pressionam e tem termo assinado, mas não sei se tem essa pressão porque voltou a ter problema de vaga no ensino fundamental em São Paulo. Pelos levantamentos do PNAD. Uma coisa que estava todo mundo denunciando e o pessoal falava que era mentira, voltou e tem quase 40.000 crianças no estado. Em São Paulo, na cidade, é um pouco menos.

R – Essa falta de vontade política de todos no sentido até do Ministério Público. A gente tem feito desafios para eles. Vocês ficam inviabilizando as escolas por conta de um relatório dado por um supervisor.

C – Escolinhas que tem problemas de funcionamento manda fechar e pronto.

R – E a criança como é que fica? E não se preocupam com isso.

C – Quem manda fechar esse não é o cara da cidadania e da criança. É que nem escola de lata. Cada um falava uma coisa. E vem o meio ambiente e diz que não podia mexer na escola. O próprio Ministério Público te dava duas ordens diferentes.

L – O estatuto diz que não pode ficar nenhuma criança fora da escola. o governo não coloca escola para a criança estudar e fecha as que estão funcionando. Então nem eles mesmo viram o que pega.

R – Eu vejo a coisa assim de uma maneira muito simples, embora não olhando o contexto de tudo. Se você tem vontade política o que você faz? Você pode viabilizar uma escola funcionando desde que seja assistida pelo supervisor. O supervisor vai lá e está funcionando pedagogicamente? Isto é o mais importante. Tem parede trincada e vamos ver até onde oferece risco ou não. Mas tem formas de você ver. Você pode contratar um engenheiro e falar, olha isso aqui não oferece risco e me dá uma habitabilidade e o engenheiro se responsabiliza.

C – É como na escola pública porque nem toda escola que você entra ela está em perfeitas condições.

L – A parede da escola da minha filha acabou caindo com telhado e tudo. Como eles falam que as escolas estão todas reformadas. A visão política deles não é só que eu gosto e acabei achando interessante, eles fazem um muro e pinta bonitinho e os portões tão bem pintado e dentro da escola um lixo. Eu vou dizer isso para o diretor da escola. Está bonita, mas por dentro...uma vez teve que tirar as crianças de dentro da sala porque caiu o telhado e um pedaço da parede.

C – O que está errado na legislação é que eles obrigam a Secretaria da Educação exigir o habite-se, não era a gente que tinha que olhar o habite-se. Aí é uma coisa que a subprefeitura tem que ir lá fiscalizar o prédio. O que a gente precisa saber se está seguro para as crianças e se está no terreno ou se não está é outra briga. Ai você devia só restringir que o supervisor, tem um engenheiro que fala que tem o laudo de segurança, o laudo que ele se responsabiliza e a gente só tinha que olhar o documento da descrição da escola e o projeto pedagógico e ver como aquelas crianças são atendidas para não ter nenhuma violência e nenhuma aberração. Mas a legislação obriga a educação, mas o fiscal, por outro lado, não cumpre o papel dele, eles obrigam a educação. E você não tem nem nenhuma informação para olhar isso.

R – E o Estado permite dessa forma.

C – O Estado obriga isso. Eles tiraram a transferência do fiscal de obra da subprefeitura e passou para a educação. Quem é da educação não tem formação para fazer isso. Só que você é obrigada a olhar. Você ficava numa sinuca. É um contra senso. É criar dificuldade para vender facilidade.

R - Quando eu falo estado e município tem essas dificuldades. O Organismo estadual de educação já não exige tudo isso; você não precisa apresentar o habite-se. Você não precisa conviver. Se eu quero criar uma escola de ensino fundamental, eu faço a abertura de firma e eu tenho que ter o alvará com o bombeiro. Tem que ter tudo isto. Aí o escrivão vem olha tudo, aprova e está funcionando. Na Prefeitura não. Você tem o habite-s e que ter o alvará de funcionamento e você não consegue funcionar a escola se não tiver o funcionamento da empresa. E aí que a gente está tentando uma forma, junto com o Donato, para que haja uma forma de separar a autorização.

C – Do prédio é uma coisa.

R – É. Da educação a Secretaria. A gente tentando e o Donato está vendo isso.

C – Sou favorável a isso porque só atrapalha.

R – Então essa seria uma forma visando o que? Visando não deixar as crianças fora da escola até que em caráter transitório ainda. Por que? Tem uma vaga no ensino público e você tenha dado preferência para quem está nessa escola de educação infantil particular. Eu faria o que, um caráter de transitoriedade, uma movimentação. Se você tem a demanda que ficou fora da escola então vai para a particular. Poderia até pensar numa parceria. Quer dizer a Prefeitura contribuir para ajudar a pagar essa mensalidade até que a criança possa ser remanejada para daquela escola para a pública em caráter de emergência. Tudo transitório. Então essa é uma forma de pensar na criança. Mas se você for pensar o orçamento da educação não vai ser possível porque não tem dinheiro para isso, aí já é uma outra discussão.

C – Mas com o tempo... Creche acho difícil, mas educação infantil, de 4 a 6 é plenamente viável.

R – Não só na questão da viabilidade, mas na questão de o Estado construir um prédio para isso é muito oneroso.

C – Você tem que pensar nisso porque quando você constrói um prédio de escola ele tem que ter no mínimo 30 anos de uso para ser viável economicamente. Quando você está diminuindo a população você vai começar a ter prédio de escola de ensino fundamental sobrando. Então você tem que pensar que você vai, mais para frente, poder ocupar esses prédios de outra forma. Por isso que é interessante fazer convênio e essas parcerias.

R – Essa é a luta e a necessidade visando mesmo a criança. Agora quanto a outros aspectos você fica nessa demagogia que não resolve. E essa demanda educacional é isso. A gente vê que tem muita criança fora da escola, mas a gente não vê vontade política do ministério público, na prática a gente não vê governo, a gente não vê nada.

C – Você tem da época panfleto, alguma filipeta que vocês tenham feito?

R – eu posso verificar.

C – Para ilustrar. Se você lembrar de algum fato, de algum evento, de algum acontecimento.

R – Eu participava de rádio comunitária numa época e na rádio a gente fez várias divulgações dessa luta dos CEUS. Devo ter algumas fitas enquanto permitiram que a gente ficasse no ar.

C – Se você tiver eu tiro trecho e reproduzo.

R – A gente poderia chamar umas pessoas que fizeram parte desta história e fazer uma reunião com eles.

C – Seria bem legal.

R – Poderia ser lá mesmo, no Vila Nova porque foi lá que nasceu tudo.

Equipe CEU Atlântica:

Fátima

Diretora EMEI

Diretora Creche

Coordenadora pedagógica EMEF

Gestor CEU

– Eu não consigo ver mudança significativa... Eu acho que a gente faz a expectativa... A gente faz o que pode quanto a demanda da comunidade, o procedimento continua a ser o mesmo para atender a demanda que está aí, faz o mesmo de antes para atender o que a comunidade está clamando e as vagas, que a gente sabe que não dá. O que

eu acho/vou falar um pouquinho. Eu vim de um CEI pequeno, fiquei como diretora por 5 anos, no CEI Jardim Shangri-lá que atendia, atende até hoje, 157 crianças e vim para um CEI que atende 300 crianças, num equipamento novo que tinha uma série de expectativas, todo mundo sabia que era uma mega construção, ninguém sabia o que ia encontrar, como seria este novo prédio, este novo equipamento, o que eu acho legal fazer esse comparativo entre um CEI pequeno para um CEI de CEU, as oportunidades que um CEI pequeno oferece e as oportunidades que um CEI de CEU oferece para as crianças. Então se você perguntar: “Você prefere um CEI pequeno ou CEI de CEU”? Vou te dizer com certeza que eu quero ficar num CEI de CEU, porque a gente tem condições de atender melhor as crianças, no que tange as questões culturais, espaços, exploração de espaços, tem uma diversidade maior, uma diversidade inclusive de pessoas. O fato de ter uma gestão, todo um pessoal voltado para a questão cultural, de arte, do movimento, do corpo do esporte. Tudo isso proporciona para as crianças do CEI uma visão diferente de mundo, eu acho que a gente consegue proporcionar para eles uma vida melhor seja no teatro, espetáculo, coisa que as crianças de CEI pequeno não tem. Então o CEU, com certeza, veio como que uma solução para uma visão que estas crianças tem de mundo, muito melhor. Muito melhor a visão de mundo que eles têm. Com certeza, elas têm uma visão de mundo maior que as crianças de CEIs pequenos têm.

– A gente pode estar escrevendo pra você

– Cida, você já era da rede?

– Você veio de SAS [Secretaria de Assistência Social] para educação?

– Entrei em 1998, e, com a transição, passamos para a educação, tanto que o curso de gestores/para que nós pudéssemos transformar nosso cargo de diretor de equipamento social em diretor de escola, nós tivemos que, em 2001, concretizar. Então nosso cargo vai se transformar/não consigo ver diferença, enquanto diretora de CEI. Acho que nós começamos, nós continuamos. Nossas perspectivas de trabalho, o que acreditamos ser melhor para a criança

CIDA – O CEI/antes você estava, a orientação é a mesma, não havia diferença das crianças participarem do CEU, de freqüentarem o CEU

CEI – Eu vim pra cá exatamente quando o CEU foi inaugurado.

C – Ah!

CEI – Eu já vim pra cá, comecei junto.

C – Começou junto...

CEI – 5 anos lá, e está fazendo 4 anos; eu falo para todo mundo do espaço, as questões culturais.

– Mas se tratando de educação, acho que é um espaço muito bom que a gente tem/ acho que no Brasil.

– Cida, e essa diferença de 150 para 300 crianças. Você nota diferença para ser gestora? Pela quantidade de crianças.

CEI – Pela quantidade de crianças, não. Até por que...

CIDA – É que foi uma crítica, na época; creche/a gente estava fazendo uma creche muito grande

CEI – Não consigo ver diferença neste aspecto, sabe. As preocupações são as mesmas, as crianças são as mesmas. O importante é ter uma equipe comprometida com o núcleo de crianças que a gente tem. Então se o professor tem consciência que as crianças são de todos e que todos tem que ter um olhar para a criança então você consegue deitar e dormir pelo menos, porque o trabalho está comprometido. Porque o trabalho vai fluir. Até porque a equipe de CEI, é uma coisa que possa falar com propriedade, uma equipe bem qualificada, na maioria jovens, com vontade de crescer, de fazer um bom trabalho, de mostrar o que sabe. A equipe de CEU é magnífica. Tem sangue novo, não é o pessoal que está cansado. Começou com 25 [anos], tem 70; 25 anos de trabalho; teve que fazer o ADI Magistério [Programa ofereceu aos Auxiliares de Desenvolvimento Infantil a formação de professor de Educação Infantil na modalidade Normal, em nível Médio], que teve que abandonar marido, família, pegar ônibus chegar meia noite, esse povo tem uma historia pesada. É uma historia que fez muita gente sofrer, eu acho que sim, que enquanto gestores nós tivemos o papel de incentivar essas pessoas, elas falam pra nós, professora, nem elas acreditam no que aconteceu, que vão se aposentar como professoras

CIDA – A formatura delas foi emocionante.

CEI – Foi maravilhoso e hoje no CEI tem professores que eram pajens, que mudaram para ADI, que hoje é PDI [Professor de Desenvolvimento Infantil], que já está acumulando cargo com a Emef. Isto é muito legal. Acho que elas deviam escrever este processo todo.

CIDA – Maravilhoso.

CEI – Isso é muito legal, mão de obra muito qualificada.

– A gente fala, a Marta é minha e dela [Silvana/Fátima].

– Essa interação é legal, ela cuidava de criança, e na Emef, cuida do pedagógico. Isso é muito legal. Perceber que antes quando se falava de ADI, essa interação, antes quando as pessoas falavam em ADI pensavam que era mero cuidado dar banho. Temos uma coordenadora pedagógica, que dá feed back. Esse feed back é o mais interessante; você saber que as pessoas confiam

– Cida, você está falando de toda uma linha de continuidade, que não houve interrupção, e na mudança você perceber alguma mudança, o momento diferente.

CEI – Você fala na gestão do Pedro, ou no geral, do equipamento?

CIDA – É na gestão, na mudança. Você identifica momentos diferentes na gestão?

– Você fala gestão do equipamento, gestão governo...

CIDA – Gestão governo. Interrompeu proposta, chegou um novo secretário, novas orientações. Teve um impacto. Pedagógico.

– Eu diria que para o CEI não, porque atendemos crianças das 7h00 às 19h00. Então a criança é a mesma, o horário é o mesmo, o PI [Período Integral] já existia, então não houve mudança pesada.

[[risos]]

– Então não houve mudança, a questão...

CEI – Comportamental, não mexe nestas questões, enquanto estrutura é o CEU, enquanto gestão, sim acho que houve ruptura. Agora acabou, vamos fazer outras coisas.

FÁTIMA – Aqui é diferente porque funcionamos como um grupo de resistência

CEI – Sem dúvida, não?

FÁTIMA – Nossas concepções...

CEI – Estou falando, que para o CEI, espaço não/é que o espaço da CEI não mudou, mas o trabalho integrado é outra coisa...

CIDA – Comparação entre as unidades, essa convivência.

– A gente conseguiu fazer coisas que ainda não enxergou. A gente tem hoje uma pessoa que está coordenada com a parte educacional.

FÁTIMA – O trabalho de forma bastante articulada.

CIDA – Antes de cada uma falar da sua parte queria muito que vocês falassem na gestão. A gestão agora está um pouco apartada. A gestão tem um projeto tal. A gestão tem...

GESTOR – Eu já encontrei assim.

CEI – Você está falando de modificações enquanto relações governamentais? De mudança comportamental? Ou de gestão? Para nós é diferente [[risos]]. E nossa relação é de confiança.

CIDA – Eu sei, mas tem a fala da Fátima que falou “a oficina da Gestão”, a oficina não é da gestão, é da Cultura, ou devia ser, é uma coisa estranha, apartada. Para mim soa diferente, esquisito.

FÁTIMA – É uma história

GESTOR – especifica deste CEU.

FÁTIMA – pode continuar, é a minha supervisora, deixa eu ir lá.

– O que de concreto você quer? Porque você está entrevistando...

CIDA – Estou fazendo uma tese na Alemanha, num Instituto que acompanha projetos inovadores na educação, o objeto de estudo é o CEU e a principal pergunta é sobre a continuidade do CEU. Porque falavam muito mal, mas deram continuidade. Mudaram várias coisas e depois anunciaram que iam dar continuidade. A pesquisa é isso. O que provocou a mudança de idéia no governo.

A pesquisa é sobre isto: O que aconteceu na comunidade que provou está mudança de opinião no governo. A idéia é que vocês contem o processo da mudança, como vocês sentiram a mudança: como, porque hoje... O processo que viveu. Se é mais tranqüilo hoje, do ponto de vista de atividades, porque era muita coisa que a gente fazia. Eu queria que vocês contassem sobre o processo de mudança, como vocês sentiram o ponto de vista das atividades. Ela falou que na CEI não houve uma mudança. Não houve um impacto, a toda uma continuidade pedagógica. E de como vocês vêem a presença da comunidade ou não do espaço.

CEI – É pelo PP, tipo de atendimento nosso.

CIDA – Então... Como vocês vêem a participação da comunidade.

– Eu assumi a direção da Emei em 2005, processo de remoção. Eu não vim pra cá em 2003. Em 2004 eu ainda estava na Coordenadoria. O que a gente percebe: Nossa CP [Coordenadora Pedagógica] se removeu este ano, mas ela estava, atuou inclusive como, no núcleo educacional, era coordenadora de educação aqui do CEU, e o que ela me trazia é que pedagogicamente houve duas alterações de impacto... A primeira delas o que a gente sentiu foi a questão do período integral que implicou uma mexida, numa mudança de rotina, de dinâmica até mesmo de se ajustar, de distribuição de papéis, isto deu uma balançada grande. Em 2005 quando isto foi implantado eu não estava, peguei 2006 em diante e lembro bem, eu e a Fátima, a gente estávamos tendo “N” dificuldades a ponto de fazer um relatório para a nossa coordenadora solicitando orientações. Isso acabou virando um processo de averiguação preliminar, porque achavam que nós estávamos boicotando o período integral. Na verdade nós discutíamos tudo sobre a responsabilidade entre a distribuição entre osicineiros e as unidades educacionais, então o período integral foi uma dificuldade.

CIDA – Um aparte, o período integral.

EMEI – A EMEI funciona em 6 horas e a aí a criança tinha que ficar mais 2 horas sem atendimento, com esses oficineiros. As crianças saíam às 13h00 e ficavam até às 15h00. Ou ela, em vez dela entrar às 13h00 entrava às 11h00, então ela passava a ter 8 horas de atendimento em relação aos demais que tem 6. Isso daí até se ajustar... Hoje eu vejo que se chegou a um mecanismo de distribuição.

– Amélia é a assistente.

– Então, isso foi uma questão. Que trouxe um grande impacto, sim foi o PI, o período integral. Então o que estou falando. Hoje, agora, acho que a gente chegou num mecanismo, depois de dois anos, a um mecanismo de funcionamento, de procedimentos mesmo de organização: deslocamento para outro espaço... Pedagogicamente porque também existia isso, oficinas totalmente diversas dos projetos pedagógicos das unidades, então e o que chegava num funcionamento.

– A implantação do período integral trouxe impacto sim.

– E outra coisa, o próprio processo de formação dos nossos professores. Ele foi rompido, não se tem hoje na administração atual um processo como nós acreditávamos, paradas coletivas, de reflexões nas paradas pedagógicas, nas RGP, recursos para assessoria para as defasagens, para capacitação específica em atuação.

– Ou de outras linguagens, música, arte, dança, teatro, não conseguimos suprir essa necessidade. Porque envolve um conhecimento específico que a gente está impedida de fornecer. Retirarem isso da escola foi impactante, do ponto de vista pedagógico e hoje como eles conduzem o processo de formação dos coordenadores pedagógicos, bastante questionável: rede em rede, uma tendência bem questionável.

– Rede em rede, é uma tendência, A Fátima viu o material que tivemos que avaliar. Uma coisa... É uma tendência extremamente centralizadora, e assim tecnicista, está voltando aí, a expectativa de aprendizagem, no documento que soltaram pra rede e que elenca lá habilidades.

– Pus no meu relatório, e tenho citado aumentou-se a expectativa de aprendizagem, mas diminuiu a faixa etária, que soltaram para a rede, o que se espera dessas crianças, até pus no meu relatório. Do jeito/crianças quase que ficarem sozinhas... Estou falando de crianças do primeiro estágio, está no meu relatório. Estou falando, vou entregar o relatório amanhã.

D – As crianças do 1º estágio têm que registrar os números até 10, e ir aumentando.

– Tem 3 estágios. Eu pego uma cópia pra você ver.

CIDA – A criança pode até chegar a fazer isso, mas de forma natural, se alfabetizar.

– É, mas do jeito que está posto, e isto foi uma das discussões que tivemos na parada pedagógica do dia 6, foi colocado a expectativa de aprendizagem e é isto que estou

questionando no meu relatório é isso: o que vai acontecer a partir do momento que este documento preliminar virar oficial, quando virar orientação qual a expectativa... Ou ele passa a ser o instrumento de orientação pedagógica da unidade, porque dá a entender que pode ter uma avaliação, da possibilidade

CIDA – A provinha Brasil

– Isso.

CIDA – O MEC está colocando o provinha Brasil, está colocado no PDE.

– É já está dando na TV, se não estruturar, não... Corre o risco do trabalho ir pro “saco”.

CIDA – O compromisso dos empresários, o PDE.

FÁTIMA – Você cruza a não continuidade, as atividades de formação para o PRF de educação infantil.

– Tem formação?

– Não. Não, só tem para o coordenador.

B – A concepção é de que o coordenador é o formador, ele é que tem que formar.

CIDA – Só ele se forma e depois tem que multiplicar? Voltou a coisa de ser multiplicador? De duas décadas atrás.

[[todos ao mesmo tempo, não dá para distinguir muito o que falam, só protestam]]

B – A primeira reunião, lá de trás, de 1900...

– Isto é o que estou falando.

– Na educação infantil.

– Na Emef também é a mesma coisa. Eu que sou CP [Coordenador pedagógico] represento o ciclo 2, tenho que representar tudo. Agora eles querem que o CP represente o ciclo 1 ou o ciclo 2, e também se você tem formação num mês, por exemplo, de história, no outro de geografia, você também que fazer esta capacitação específica. Vai fragmentando o conhecimento, a formação.

FÁTIMA – Fragmenta a formação, os diversos documentos que chegam vão tudo, tudo diferente do que a gente pensa. Infância, enfim vai contra tudo o que a gente acredita. Tem uma parte sobre a infância tem uma parte de pedagogia de até 10 anos e aí eles vão de necessidade de hoje ter um outro curso de formação que forme este profissional que trabalhe a criança de 0 a 10 anos.

Você vê que cada pessoa está fazendo um documento, cada um faz uma parte, nem as áreas se conversam. Se você ver a proposta que tem para o 1º ano, letramento... Se você ler o que está proposto para a educação infantil, 3º estágio parece o que eu vi quando entrei na Prefeitura, há 20 anos. Você tinha que ver o 1º estágio, 2º estágio o que ia dar dos 3 aos 4; proposta, que não tem nada a ver com o que você vai dar no 1º ano. Tem que ter uma proposta de infância do 0 a 10 anos.

CIDA – Não tem seqüência curricular. Cada um faz uma parte. Pedagogicamente eu vejo duas questões de impacto.

Pensando mais no atendimento dessas crianças, eu vejo uma grande redução substancial na oferta das atividades culturais para estas crianças/neste espaço. Antes havia uma grande quantidade de peças de teatro, apresentações de danças, vídeos. Sempre tinha atividade e ainda no 1º ano dessa administração ainda tinha algumas coisas. A gente sempre fez programação para as crianças participarem lá em baixo, no teatro, e isso acontecia até de maneira regular, de repente foi cortado, sem explicação, um esvaziamento total. Passamos períodos que você nem ouvia falar que ia ter alguma coisa, teatro ou qualquer coisa do ponto de vista cultural que existia. Isso foi uma quebra muito grande que você era avisado na hora, nem sabia o que ia passar aí neste espaço. A gente nem sabia da apresentação cultural, ninguém falava com a escola. Isto vejo que foi uma perda, que aí fica a idéia que o espaço é só para atividades escolarizadoras.

CIDA – Ficou só para as crianças destas escolas, estou falando, e as outras escolas que vinham participar, elas deixaram de vir, ficou praticamente para as crianças que estudam aqui.

B – Não é pra todas as escolas.

CIDA – Estou falando. Deixaram de participar porque não tem atividades? O CEU ficou então só para os que estão aqui, virou o escolão, que eles tanto falavam?

EQUIPE – Isto, exato, eles não tem o que usar.

CIDA – Na verdade ele virou o escolão.

– Exatamente,

– Se transformou no escolão.

– É verdade, voltando, o CEU não é mais esporte, cultura e educação, ele é educação, é uma escola, é só educação, porque a biblioteca municipal, é biblioteca do CEU. Para você ver, toda a programação, tudo que vai para as bibliotecas da Cultura, não vai para a biblioteca do CEU, para você ver, era tão bom ter contador de história, a educação se quiser tem que mandar. Não tem mais arte educadores...

– Eu cheguei a dar aulas para as crianças aqui na Emei que eram da Emia [Escola Municipal de Iniciação Artística], você percebia a sensibilidade dessas crianças, o desenvolvimento delas. Hoje você tem as ONGs que contratam, contratam [[risos]] pessoas.

– Então o pessoal não é mais da cultura, então não tem mais nada, musicais, vem um ou outro

GESTOR – Eu acho o seguinte, primeiro minha história. Minha história é a seguinte, na gestão anterior eu estava já no CEU, na Coordenadoria do Butantã, participei muito, porque estava ligado ao almoxarifado e trabalhava conjuntamente com o pessoal de bens, tinha que fazer a distribuição de bens e eu acompanhei bastante e conheci o projeto do CEU, a montagem, parte física de logística mesmo, de todas as coisas lá. Se você ver meu cargo, ele está na Emef do CEU Butantã. Por questões/eu acredito até por causa do projeto que era que não é o escolão que virou. Quando mudou a administração, inadvertidamente, provavelmente, muito própria pelo tamanho da secretaria, pelas relações das pessoas que lá estão. A Sonia quando chegou, não trocou as pessoas, me convidou para trabalhar com ela no Projetos Especiais, Fui para a Coordenadoria e aí chegou o projeto *São Paulo é uma escola*, num primeiro momento nos pareceu a continuidade do Cidade educadora, mas não era. O PI que então começava a entrar antes, as 11h00 foi um processo. Todas as EMEFs já eram dois turnos e ninguém pode escolher, nós tivemos que chamar os diretores para aderir, então tivemos que chamar os diretores, e curiosamente sobrou para 3 pessoas darem andamento, era janeiro e a coordenadora estava de férias, e agora, o que fazer? Sobrou pra quem? Para mim, para Denise, que estava substituindo a Sonia, e pra Ana Cecilia. Se você perguntar para Ana Cecilia está história, ela vai te dizer e nós então começamos um trabalho de convencimento, já que o pacote veio pronto e a

gente, o que nós vamos fazer? Tentar preservar pelo menos e a muito custo a gente teve certo critério para escolher as entidades o que era menos ruim, foi difícil. Essa tranqueirada toda...

CIDA – E isso foi para todas as escolas?

GESTOR – No Butantã foi pra todas, e era como a Cristina falou, 2 horas, e depois quando houve aquele movimento dos professores, o repensar SP é uma escola deixou-se de ser compulsório nas escolas e se passou para as coordenadorias fazer os editais de chamamento, pensar em como fazer. Conseguimos colocar 45 minutos, e não 2 horas... Formaram-se oficinas e não compulsórias... Tentar construir um trabalho pedagógico com as oficinas. Judô, um trabalho pedagógico. Mas muita coisa aconteceu porque os pais organizam suas vidas a partir da onde deixar seus filhos, é como a coisa do “Leve Leite” [Programa Leve Leite com objetivo de combater a desnutrição da população infantil da Rede Municipal de ensino] aquilo ficou e agora para tirar vai ser complicado, as pessoas se organizam, e vão trabalhar e precisam deixar os filhos/e acham. Posso me dedicar a outra fonte de renda e ai continuamos a fazer as coisas e ai houve essa mudança aqui em Pirituba e disseram para mim ai me convidaram pra ser o gestor e agora estou aqui a 6 meses e a primeira coisa que me disseram é que as relações entre as unidades escolares não existe. E aí como a gente conhecia, falavam da Fátima então topei a parada e vim para cá. A gente ainda tem muito problema, o que a Cristina falou é verdade, a gente está tentando reorganizar nessas oficinas avançar com este grupo um pouquinho, avançamos uns milímetros, na organização, tentamos fazer as coisas juntos. Mas temos problemas sérios com a competência pelo menos neste CEU. VOCÊ tem uma equipe que está defasada de 4 pessoas, mais uma de férias e as pessoas que estão nas coordenadorias (internas do CEU), elas não são/não conhecem o projeto, desconhecem o CEU, são indicações políticas, e não de liderança e nem de competência. Neste CEU nos finais de semana, logo que cheguei encontrei a quadra sendo usada pelos técnicos do computador, gente até com laptop... Não tem comunidade aqui dentro. Perdeu-se o espaço.

D – Foram postos para fora bem sutil.

G – Foram postos para fora de forma muito sutil, estamos passando por um momento...

D – Deliberada, porque eles têm uma história.

G – A gente, a primeira coisa q eu estou percebendo é, que se perdeu sim a proposta aqui no CEU, estamos correndo atrás para ver se mudamos alguma coisa porque estamos no último ano, A administração sabe que se não voltar a ser alguma coisa do que era antes o embate vai ser muito grande. Estão correndo atrás do atraso, uma curiosidade que me chamou muito a atenção, ainda quando eu estava nos projetos especiais na coordenadoria, foi numa reunião que eu fui... Aí descobri que tinha uma sala CEU, que tinha todos os projetos, que tava tudo aquilo que tinha sido feito, poxa e que não tinham posto nada, não informavam o que tinha em SME. Atualmente estão muito preocupados. Ontem, inclusive, nós fomos numa reunião e eles fizeram um edital, cadastraram e contrataram cerca de 580 espetáculos teatrais e agora vamos ter...

– A pessoa que era coordenadora desse projeto, ligava e falava “desce com as crianças, tem espetáculo, desce com as crianças”, eram espetáculos e você nem sabia o que ia ter só chamava para ter gente. Nem sabia onde estava levando as crianças, e as escolas do entorno nem sabiam. Por isso teve um esvaziamento porque tinha o espetáculo, mas ninguém sabia o que tinha. Não era que a gente não queria era porque a gente não sabia o que ia ter ou estava tendo era para fazer número.

GESTOR – Agora não existe aqui, pelo menos não existe agora, talvez tenha para 2008, é um plano conjunto, um plano educacional.

CIDA – Não tem mais aquele plano de ação, plano pedagógico, não só das unidades, mas entre as escolas? Plano pedagógico de ação.

G – Eles não conheciam nada

CIDA – Não?

FATIMA – Não, coloca um pouco uma história o grupo, uma constatação de todos nós, do grupo é que as pessoas que vieram para cá, da cultura, em 2005, querem reforçar o que o Everton colocou que nitidamente as pessoas não tinham nenhum conhecimento da concepção do CEU. Eles vieram ocupar espaços e ficaram um período até aguardando para ver quais seriam as atividades, o que seria proposto para a comunidade. Nesse período como a EMIA, os projetos que eram voltados para a comunidade acabou parte de 2005, projeto de 2005, o PI foi ocupado pelos alunos do CEU. Todos os espaços que antes eram ocupados pela comunidade, foram ocupados

por alunos do CEU foram usados pelos alunos do CEU que, entre outras, foram privilegiados com esse trabalho do PI. É um dos motivos, acho que isto foi a primeira ruptura com a comunidade, o outro momento da ruptura é que no momento em que as pessoas que trabalham com a cultura, esporte, núcleo da educação não criaram uma relação com a comunidade. A comunidade foi se afastando gradativamente, embora a comunidade aqui desse lugar, do Nardini acompanhou cada tijolinho do CEU, foi colocado neste CEU. Era uma comunidade muito atuante.

– Boa parte desta comunidade não frequenta mais aqui.

– Não tem mais espaço pra eles.

– Você vai ocupar um lugar que não te cabe? Vir num lugar que não tem nada pra fazer?

–Você não tem nada pra fazer...

FATIMA – Vocês sabem melhor do que eu que cheguei em setembro de 2005, que as reuniões do colegiado interno, que ainda permanecem, os técnicos da cultura falavam como é que uma coisa desta foi construída num lugar tão pobre, foi feita no lugar errado!”Falavam isso tranquilamente.

– A primeira vez que eu vim numa Festa, quando eu vim me perguntaram se era para a festa de gente bonita, porque a outra festa era a da comunidade e a gente bonita era os que trabalhavam aqui, que não eram do bairro.

– Agora não tinham nenhuma preocupação, nenhum cuidado em esconder que estavam trabalhando aqui e que não conheciam nada deste lugar, que não conheciam a historia deste lugar, que não tinham o entendimento da concepção e nem trouxeram e acho que o grande vácuo é que de imediato não trouxeram nenhuma proposta, Cida, não trouxeram nenhuma proposta.

– Relacionar o período integral com... Tentam mas não tinha nada a ver... Bom se aqui que tinha todo esse comprometimento com a relação com a comunidade. Isso a relação com as unidades ficou muito comprometida, a relação com as unidades.

– A gente ia às reuniões, mas a gente era vista como a “oposição”.

– Houve. A questão política pegou no inicio, eles (nós) éramos de outra administração política, tudo o que iremos implantar eles não vão fazer. Lá era um bando de petistas,

o começo foi muito difícil até o final do ano passado tivemos muitos embates nos colegiados, internos, muito esporadicamente, se fingia de morto que não ia ter nada, ficou muito tempo esta coisa distanciada, um distanciamento.

– A resposta da comunidade foi muito complicada também em alguns momentos, em 2006, como invadir a piscina, coisa que nunca tinha acontecido, nos finais de semana, de se digladiarem na piscina, porque começaram a estabelecer cada vez mais regras, mais regras, regras, regras.

FATIMA – Algumas pessoas, por exemplo, que nem estão mais na gestão do CEU, nos núcleos chegaram a verbalizar que tinham medo das represálias todas e mesmo que o tempo todo a gente falava “olha a relação com a comunidade, precisa trazer a comunidade, ela precisa estar presente”. Mas paralelo a isso as unidades mantiveram os Conselhos de Escola pelo menos as unidades mantiveram o contato necessário e importante com a comunidade. Hoje, por exemplo, alguns pais do Conselho de Escola são membros do Conselho Gestor. Também nós tentamos, pelo menos manter, via o Conselho de Escola manter esta relação com eles. Muitas falas da comunidade:

1. É a Emef que está fazendo, é a Emei bem então tudo bem, mas se é atividade do núcleo de cultura, do esporte a gente não vem.
2. Vocês vão coordenar isto? Então, senão...

FATIMA – Se não fosse organizado pela escola tinha um esvaziamento grande. Em 2005, para ter um dado quase 90%, tenho 430 crianças, que eu tenho de 1 a 4, quase 90%, não fizeram a adesão para ficar no PI, que naquele momento junto com as escolas houve chamamento, reuniões com os pais que as escolas estavam juntas, aquilo que a gente conversou descaminhos e a desorganização do PI, e começamos a cobrar e a comunidade começou a perceber também e começou a tirar as crianças

– Trabalho das unidades escolares versus da gestão...

FATIMA – E o PI por mais que a gente tivesse tentado, vamos tentar que o entendimento do projeto devesse ser discutido em conjunto das unidades escolares, não aconteceu, totalmente descolado da escola, do projeto pedagógico da escola. Imagina isso se não havia nem o da escola, como construir o PP do CEU.

G – Isso que eu queria falar. Se não houve para a escola imagina para o CEU!

– Qualquer ação.

CI – A ação de caráter pedagógico não conseguiu juntar as unidades, imagine as outras ações!

CEI – Semana do protagonismo Infantil, nós tivemos, somente agora estamos conseguindo fazer uma discussão dessa concepção.

CI – O que é essa semana?

FATIMA – [[risos]] Nós inventamos.

– Desde que eu assumi como diretora e por onde eu passo sempre tenho comentado, da equipe que busca nos momentos variados conseguir. Nossa própria experiência demonstra que na primeira semana de julho ocorre um esvaziamento na frequência das escolas e a tendência das escolas é fazer de conta que é dia letivo e pronto. Nós decidimos aproveitar e isso que é uma característica das escolas e vamos transformar numa proposta de formação. Então já em 2005 a gente fez uma compatibilização de hora trabalho, hora atividade dos professores. Fiz uma pesquisa, e consegui saber que 90% podia vir a noite. Porque havia um acúmulo, e se marcava á noite, e boa parte conseguia vir. Então fizemos o que? Programamos uma série de atividades distintas, oficinas de bonecos... Comunidades, pais, professores que tinham carga ampliada cobriam uma oficina aqui outra ali e á noite trazíamos todos para as palestras sobre um dos eixos que é o protagonismo infantil. Fizemos palestras para os professores e na sexta fechamos o PPP da escola com a comunidade. O pessoal gostou, teve êxito, a avaliação foi muito positiva por parte da equipe e inclusive a gente tinha convidado as escolas vizinhas que gostaram. Já no ano seguinte organizamos de novo, que já foi o ano passado 2006 e ampliamos e em 2007 tínhamos a Emef e o CEI participando juntos. O tema ainda era protagonismo Infantil, Infância, colocamos em pauta a discussão. Por em pauta o debate de ciclos na implantação de 9 anos. E o significado, e o impacto. Oficina, formação á noite, palestras á noite e oficinas durante de dia. Neste ano já avançamos ainda mais, e estruturamos. Como o CEI e a Emei estavam juntas o nome passou a ser Semana do Protagonismo Infanto Juvenil e, então o que aconteceu, o gestor nos apoiou, ai não precisamos inventar oficinas para garantir os dias letivos. Foi bom porque conseguimos estruturar oficinas de manhã e de tarde. Porque pegava os professores das Emeis e da Emef. E um dos eixos, que está pautando o trabalho de ecopedagogia. Nós conseguimos, os professores se inscreviam nas oficinas temáticas de manhã e nas palestras á noite. E na volta do

recesso retomávamos para fazer um balanço e tudo foi discutido como um projeto das unidades.

– É um mecanismo.

G – Como a gente pautou a estrutura teve uma coisa muito positiva, o pessoal do lado de lá, lá de fora, pautou a estrutura. A criança vinha pra cá às 7h00 ou 8h00 tomava café, almoçava e tomava lanche e saia às 15h00, e essa quebra que acontecia lá (gestão) era complicada, porque se havia quebra a gente não conseguia pagar (está falando das oficinas contratadas pelo edital de chamamento), ficava difícil decidir quais oficinas... Pessoas necessárias... Facilidade também era complicada, nós conseguimos fazer, de acordo com as pessoas e qualidades já apontadas. Fizemos duas semanas de atividades, recreio nas férias, o recreio passou a ser das 9h00 às 17h00, mas com a semana do protagonismo, as crianças do PI passaram a ter 3 semanas de atividades, porque nesse momento todas as atividades foram voltadas para o lúdico.

CIDA – E as crianças da CEI, elas se misturavam.

EMEI – Não tinham segmentação etária.

FATIMA – Mesmo no começo tendo vontade de fazer havia muitas proibições, muitos momentos em que a gente queria levar as crianças, não pode, a biblioteca não dá. Nós tínhamos uma limitação enorme para o uso dos espaços. Mas o contrário também acontecia, eles queriam usar nosso espaço, o tempo todo não. Quero fazer uma oficina dentro da sua sala de leitura, eu falava não. Sala de Leitura, não porque o laboratório de informática tem que ficar aberto para a comunidade, não tem. O telecentro está aberto, eu tenho aluno agora lá. Havia uma disputa pelo espaço que era maluca. Felizmente, do ano passado pra cá a gente tem conseguido se apropriar, mesmo dos espaços, esta é a palavra apropriar dos espaços. Vou falar agora da Emef. Em 2003, começo de 2004, os que começaram a chegar aqui. Acho que uma parcela veio porque não teve/ outra veio sem saber e outra veio porque tinha uma idéia de que podia fazer algo diferente aqui.

– 2004? Por remoção.

CIDA – É que os primeiros vieram porque quiseram.

FATIMA – Isso começou aqui em agosto, setembro, um grupo ficou e outro foi embora, mas os que vieram com uma expectativa do espaço, encontram um espaço

diferenciado. Mas em 2005 houve uma quebra interessante do grupo, que não queria fazer um depoimento enquanto professora que trabalhava com o [Programa] Mão na Massa [Incentiva o ensino de ciências nas séries iniciais do ensino fundamental]. Fiquei com uma coordenadora pedagógica daqui da rede e nas escolas pilotos desse projeto, depois fui para a coordenadoria como formadora e o que me colocava como desafio era o laboratório, uma experimentoteca que os alunos nunca haviam usado. E eu queria utilizar este espaço como formação das pessoas e não podia usar por que não tinha feito o inventário do material.

CIDA – mas o material era descartável.

FATIMA – Mas enquanto a coordenadoria; fizemos enquanto junto com a assistente daqui e com uns professores. Fizemos o inventário e aí pudemos começar a usar, quando eu apresentei, a experimentoteca para a equipe das escolas, quem teve mais interesse em conhecer foram as Emeis. Foram as Emeis, acho que por conta da experimentoteca, brinquedoteca.

[[risos]]

FATIMA – E o que dei de formação para Emeis foram com os professores, porque a concepção da formação da gestão anterior era formação com os professores, a gente, assim, era aberto para toda equipe escolar e nós tivemos várias Emeis que vieram ter formação neste laboratório aqui. Eu me removi para cá enquanto professora, por causa do laboratório. Enquanto eu estava na Coordenadoria minha luta era o ensino de ciência para a rede, fiz todos os cursos para o projeto de experimentoteca da USP, e o que o Professor Hambúrguer falava na Estação Ciência é que as experimentotecas da USP eram dos CEUs, fossem pólos assim como a estação Ciência. Nós começamos este projeto na coordenadoria, começamos e até aqui o projeto piloto na rede eu até fiquei a frente com trabalho voluntário fizemos vários empréstimos para as escolas, mas todos os contatos que fizemos com fornecedores, com quem comercializava quem podia produzir, porque São Carlos não produz mais, porque vendeu muitas e não tem reposição. E nós, e eu é que teria que fazer reposição e comprar. Algumas coisas a gente até consegue repor, mas...

CIDA – Mas isto era tarefa da secretaria porque são coisas caras.

FATIMA – Fizemos relatórios informando que era difícil continuar, mas não tivemos retorno. Enquanto professora participei de várias palestras, nas segundas, porque eu acredito neste espaço, espaço para ser pólo de formação.

CIDA – Este era um dos objetivos (do CEU) ser um pólo que irradiasse essa coisa da formação porque você não consegue construir isto em todas as escolas, mas era um dos objetivos ser um espaço de formação.

– A resistência das Emefs, dos professores das Emefs, a Emei convida para mexer com corpo para brincar.

– Ninguém conhecia

– Fazer ginástica.

GESTOR – Dança/ teatro; da moça do teatro municipal que fez um trabalho de dança.

EMEI – O legal é essa semana do protagonismo não está funcionando apenas como momento de formação, elas começam a refletir no projeto pedagógico das unidades e estamos no movimento de construção no projeto do CEU. A gente percebe isso com a mudança de prática. Se num primeiro momento o parque, eu e a Isabel, num primeiro momento [fizemos] investimento para recuperar aquele espaço. Porque não eram adequados estavam quebrados, eram poucos, perdemos uma batalha, e resolvemos fazer a revitalização daquele espaço e posterior a isso a semana propiciou isto. Além da aproximação das unidades, e não só nestes momentos, houve a confraternização no dia dos funcionários no ano passado, a gente fez uma feijoada, e que aí todo mundo junto batendo papo e depois a gente se cruza nas escadas e se cumprimenta.

FATIMA – Precisa usar alguns artifícios.

CIDA – Convivência social.

EMEI – E na semana a gente teve momentos, e aí tivemos um momento de apresentar para os professores da Emef, o projeto pedagógico das Emeis e vice-versa. O que acontece, a gente insistindo no ponto do brincar de agora existir na grade, o uso do parque, momentos reservado para as crianças da Emef. E agora quando eu vejo as crianças do fundamental indo pra aquele espaço é muito bacana porque isto não acontecia.

CIDA – Particular daqui? E a coordenadoria não acompanha, e a supervisão?

TODOS – Não.

GESTOR – Uma coisa que me chamou atenção quando cheguei aqui, porque elas (ONG) tinham uma oficina que contrataram era para o PI, mas as crianças que

ficavam na Emei iam lá usar a brinquedoteca, e ela, a Cristina, não tem mais espaço porque foi transformado em sala de aula, mas tinha espaço na brinquedoteca da (gestão) e porque aí nós pegamos todos os brinquedos, negociamos com a ONG, e levamos todos para lá. Para o espaço da biblioteca, fizemos a brinquedoteca para as crianças da Emei e da Emef.

CIDA – Pelo menos do projeto, vocês estão recuperando criativamente.

– E aprofundamento da percepção do protagonismo infantil, á tarde a gente já tava discutindo por causa da semana, oficinas, ficar lendo texto, tudo a mesma coisa e vamos então pegar aquele texto sobre a rede de proteção sobre a concepção do CEU. A gente citou porque muita gente não conhecia e eu citei que o PP da Emei era baseado neste texto, na concepção do CEU.

CIDA – O regimento da criança, que teve o nome de um supervisor daqui, ele era chato, não lembro o nome

FATIMA – Ele era chato, mas bom... [[risos]]. Agora precisa discutir o cuidar...

CIDA – Isso que você fala demonstra que o CEU até por ser um momento curto, ele não foi apropriado pelas pessoas que não estavam no CEU.

FATIMA – Não foi.

CIDA – Por mais que se falasse, trouxesse para conhecer o espaço, o projeto a compreensão está se dando agora.

– Cida, eu acredito que precisaríamos de mais uma gestão para [isso]. Mais 4 anos.

CIDA – Acredito que este exercício que vocês fizeram foi de compreender a proposta e que não se teve este tempo.

FATIMA – Compreender o espaço significa entender tudo: compreender que falta espaço do almoxarifado para guardar material, o parque, o uso, eles têm arte, eles vão para o parque, criamos o parque, criamos a brinquedoteca, eles vão brincar. A Emei usa o laboratório de informática.

GESTOR – Temos a sala de dança, mas já começou?

– Ainda não, estamos perguntando se dá, se deixar a gente sai correndo para ocupar.

GESTOR – Agora organizando, nós precisamos retomar isto.

FATIMA – O maior cuidado.

– Mais um tempo.

FATIMA – O mais interessante, é que a aproximação das equipes, as oportunidades ímpares acontecem. O ano passado, um grupo de professores, passou em frente ao laboratório de informática e as crianças perceberam o silêncio e perguntaram sobre o espaço, o que era e a professora percebeu o interesse das crianças em estudarem lá. Levamos os professores no laboratório de ciências, conversamos com o professor que explicou e aí, do lado aquele espaço livre...

[[risos]]

– A conversa com as crianças, e depois as crianças fizeram a sistematização, aí mostramos pra você (Fatima) a sensação que as crianças tiveram.

– Eles desenhando o corpo humano, depois dessa aula com o Silvio, com o Danilo, de como se viam, isto é uma oportunidade para a criança, que só é possível se houver integração, só é possível, ou então a professora ia trabalhar só com a sua formação que é mais restrita, não teria esta possibilidade de trabalhar com outros, criando, a gente também conversou com a Silvia e aí isto serviu de subsídio para o trabalho

EMEI – São experiências... Já falei pra Fatima, que estava meio de baixo astral que a gente ia fazer...

CIDA – Preparou. Isto é especial. Concepção deste espaço, vocês já conheciam este espaço da coordenadoria, acompanharam o projeto todo e agora estão aqui, isto faz diferença? Como vocês percebem?

– Você acha que foram perceber depois que começaram a vivenciar o CEU. Na fala dela, da CEI é muito claro porque ela estava aqui desde o começo, o prédio comparado com o outro, da potencialidade depois de comparar com o outro

– E vocês estão percebendo.

– O que vocês podem tirar deste espaço, essa visão do conjunto é por causa da vivência no prédio ou por causa das atividades de antes, na coordenadoria.

EMEI – Eu me removi no cargo, no primeiro processo de remoção, em 2003, em 2004 meu cargo já estava lá. Minimamente até o fim da gestão, eu já tinha claro que estando naquele local de trabalho tinha a chance de desenvolver uma ação mais ampla da educação infantil.

– E em 2005 quando eu vim para cá é lógico que isto se ampliou, mas não está dado. Acreditava nisto. Não estava concretizado

EMEI – Houve uma necessidade de toda uma construção, a gente conseguiu fazer e estamos no nível que estamos aqui, porque acreditei no projeto; eu, dessa forma e a Fátima ao escolher aqui, ela escolheu deliberadamente

FATIMA – Dá mais trabalho.

– Viu Cidinha, quando eu me removi pra cá, a escola em que eu trabalhava tinha um histórico e o professor Hambúrguer me perguntou: você não vai me mandar mais aluno pra cá? Porque gerenciar o projeto da experimentoteca foi meu aluno, que faz física na USP agora. Pelo contrario agora eu tenho que ficar de olho nos CEUs da cidade.

FATIMA – eu vim pelo projeto, acreditando no espaço, nas possibilidades maiores que nas outras escolas. É fato que a gente aqui percebeu outra possibilidade. Percebemos como os outros professores se assustam com o espaço: como isto é grande. Trabalho segurança das crianças, como eles vão circular neste espaço, eles vão se perder! Isto era muito comum.

GESTOR – Eu me lembro do pessoal do CEU Butantã, a gente riu, que as crianças iam cair lá de cima na piscina, que iam morrer, está historia rolou...

– E aqui a grade, é pequena.

– Mesmo sair do espaço da escola, deslocamento interno até a biblioteca, a brinquedoteca, tinha uma resistência enorme. E depois que eu vim pra cá, os professores tinham que permanecer, porque era os que tinham um pouco mais de afinidade com o projeto investimento muito grande para eles permanecerem, este ano é que agente está sentindo o grupo mais consistente.

CIDA – Com esta interação, porque também acho que tem uma pessoa que chega recente...

FATIMA – Não é porque estou na presença do Everton, mas é importante falar do papel do gestor, porque se fizemos um retrato do que foi em 2005, 2006 e 2007, a figura do gestor é fundamental para a articulação ou desarticulação do grupo (trabalho). Hoje a gente pode – Cristina, a gente comentava muito isso, nós duas aqui uma do lado da outra mais a Isabel que é uma pessoa que soma, muito, veio para cá por opção, como é que a gente não conseguia fazer nada juntas, nada! Havia impedimento de todas as ordens. Pensamos em sair, pensamos em sair porque havia uma dificuldade política que parecia que inviabilizava tudo, a gente sofreu uma pressão enorme.

EMEI – E eu falava Fatima, não desanima, a gente vai mostrar, principalmente quando pintou esta averiguação preliminar por causa do PI, Fatima nós vamos mostrar não fazendo discurso, não fazendo nada a não ser pela qualidade do trabalho pedagógico na unidade. É isso que nos segura, o tempo todo. Quando ela falou do trabalho de ciência falei vamos escrever um artigo, que lugar você tem essas possibilidades.

– Nós fomos pra Salvador falar do trabalho

EMEI – O ano passado a mostra cultural foi conjunta, em novembro.

FATIMA – 11 de novembro

EMEI – Fizemos a mostra cultural em conjunto.

FATIMA – Com a mesma temática.

ISABEL – Origem.

EMEI – Na verdade o grupo discutiu a origem do povo brasileiro e o impacto dela no Brasil; e a origem, passava pela origem da língua portuguesa e houve a visita das crianças da Emei na Emef e vice-versa e não só as crianças, mas os professores. E até hoje a professora de história comentando do nosso espaço, do trabalho, o sentido daquilo, isto também mostra para a comunidade, e por isto a confiança, por causa da integração.

– A Amelinha.

EMEI – Foi a primeira reunião com os pais. Sempre que se fala pela escola a comunidade ouve, tem aquele problema da água o dia que a Fatima falou o que

estava acontecendo para todos os pais das unidades (todas as escolas). De uma escola para outra até o gestor atentar pra isso é difícil

– Eu tinha a intenção de fazer um curso junto com a secretaria do meio ambiente que é o que terminaria no projeto de arborização, pedi este tempo. Uma professora de ciências da Emef que fez curso fez o mesmo contato que o Everton estava fazendo, e que terminou trazendo toda esta arborização aqui do entorno.

CIDA – Eu lembro que era muito árido.

– E agora já estamos fazendo um projeto com os professores do ciclo I.

EVERTON – A horta.

CIDA – E as reuniões com os coordenadores, da cultura, esporte, que eram para discutir a integração, o planejamento...

EVERTON – Atualmente eu estou sem dois coordenadores, sem o coordenador de cultura, sem o assistente administrativo, e tem alguns coordenadores, que são muito complicados, e se quisesse nas reuniões de colegiado, fica muito estranho, eles estão de corpo presente, mas eu tenho um projeto, eles não conhecem, não dá nem pra falar que é má intenção do sujeito é ignorância na concepção da palavra. E aí fica uma conversa...

CIDA – na verdade perdeu o papel de coordenador, de articulador.

FATIMA – Isto por mais que a gente falasse, nos cobrávamos este papel.

CIDA – Se tiver os coordenadores de cultura, esporte, só o gestor para dar conta desta estrutura que vocês montaram, não dá conta.

FATIMA – O coordenador de cultura montou uma estrutura só para o PI, 2005, 2006 e parte de 2007. Estava tudo voltado para o PI, o rapaz do esporte passava a criancinha, muito complicado. Hoje não.

EVERTON – Hoje não.

FATIMA – Mas o que eles faziam era isso, passear, Everton! Tinha um problema político, e eles não.

CIDA – Tem q ter integração com as secretarias.

FATIMA – Não sei se eles tem um problema político. Acho que eles queriam alguma indicação política. Everton, vamos falar a verdade não veio indicado politicamente foi uma indicação da coordenadoria da educação, da Sueli, ela bancou o Everton para além de qualquer situação. O CEU estava há séculos, não tinha nada, a gente estava ficando louco.

CIDA – quanto tempo sem gestor.

TODOS – 11 meses!

CIDA – 11 meses sem gestor?!

FATIMA – [[risos]] Isto. Todo esse tempo sem gestor...

EVERTON- Pelo que me dizem, todos mandavam...

FATIMA – Todos mandavam no núcleo de esportes, faziam o que queriam mandavam em tudo se digladiavam constantemente.

CIDA – então sem nenhuma relação com vocês e com a comunidade...

FATIMA – Impossível, tanto que eu e a Cristina tivemos dúvida da forma do PI, por mais que a forma presente falando, fazendo, falando que não podia ser desse jeito, avisando, resolvemos encaminhar o relatório para a coordenadoria pedindo orientações sobre o que podíamos fazer enquanto unidade e ai respondemos um processo graças a Deus que não deu em nada!

CIDA – Que absurdo.

FATIMA – Ainda bem que não deu em nada.

EMEI – Eles achavam que [iam] por em cima da gente.

CIDA – O professor de 1 a 4 não larga a criança ele se sente responsável, começo a entender os problemas do *São Paulo é uma escola*, não tinha professores nem organização.

FATIMA – Isto mesmo, mas veja hoje. Na verdade você pode imaginar nestes 11 meses o que as pessoas que estavam nos núcleos fizeram. Ficavam ai, foram trocados todos

FATIMA – A Andréia ficou aqui até maio ou junho de 2005, e realmente eles não saíram todos ao mesmo tempo. Foram saindo aos poucos (gestores dos CEUs).

CIDA – Lembro que pedi para eles ficarem e depois de um tempo eles foram saindo.

FATIMA – Isto de lá para cá. Depois veio uma gestora em setembro, então ficou de maio ou junho até setembro sem gestor, veio uma gestora em setembro que ficou até maio do ano seguinte e depois ela saiu em maio, e aí ficou 11 meses sem gestor até que chegou o Everton.

CIDA – E nestas mudanças, mudaram o coordenador cultural, de esporte?

FATIMA – Trocou, trocou.

EMEI - Só uma pessoa permaneceu, o de esportes.

FATIMA – O de esporte é da nossa época.

EMEI – Os outros foram todos trocados, os 3 da cultura, esportes, os 3 da educação, o pessoal de apoio, todos.

FATIMA – todos os assistentes, não o pessoal de apoio.

EVERTON – todos os cargos de comissão foram trocados.

CIDA – E aí?

FATIMA – E aí estamos nesta situação hoje.

FATIMA – Uma equipe totalmente desfalcada.

CIDA – Quem está não tem perfil.

EMEI – Além dos cargos que estão vagos.

FATIMA – Minha assistente aqui vai ser da coordenação de educação, nós fizemos uma troca.

EVERTON – A Fatima que trouxe... [[risos]]

FATIMA – Eu que a trouxe, mas tem um grão de areia aí na nomeação dela.

CIDA – Acho que deve falar com a Marisa Kubo.

FATIMA – A demora da nomeação já está começando a surtir alguns efeitos, as pessoas que acham que ela vai somar, de se movimentar, a gente está aguardando. De fato, Cida, tem muita coisa que a gente percebe no espaço, as possibilidades do espaço e muitas coisas que a gente sabia, as relações do gestor com os diretores como isso se daria, como o gestor deveria fazer a relação das unidades escolares, tentou aqui, lá atrás, mas nesse momento nunca fez, nunca se colocou nesse papel de articular os projetos do CEU e das escolas. Você vê a Semana acontecendo e ninguém do Núcleo de Educação pensou ou quis saber o que era, nem se inscreveram para participar, ficaram a parte.

GESTOR – não conhecem, nem sabem o que estão fazendo no CEU.

FATIMA – A gente cansou de falar.

CIDA – E eles passam o dia fazendo o que?

[[risos e risos]]

– Tem papelada.

CIDA – eles não tentam se integrar de nenhuma forma?

GESTOR – Eu tentei, quando cheguei tinha só duas pessoas na Cultura, uma era uma formiguinha, começamos a perceber que vamos ter que indicar para coordenador de núcleo. A coordenadora de Núcleo nem conheci, ela já pediu exoneração. Indiquei esta pessoa porque era trabalhadora, era quem estava aqui e eu achei melhor indicar, aí recebo um telefonema bem de manhã, em casa ainda, falando que havia sido indicada outra pessoa, o coordenador ligou. Fui até conversar com a Coordenadora regional perguntar e ela também disse que foi pega de surpresa, nem a coordenadora é avisada.

CIDA – Não há negociação em torno do nome? Porque negociação política é normal, se costuma negociar em torno de um nome, mas de avaliá-lo, composição com os perfis adequados

GESTOR – Está sendo indicada e tem um interino para tocar as coisas, mas com a relação desgastada, como a Cristina falou é um leão por dia. A primeira coisa a fazer no lugar dela, (depois de saber da nomeação) era pegar o boné e ir embora, mas não tivemos que negociar outro local, ver uma escola, aí você viu com muito jeito a

coordenadora conseguiu colocar ela numa outra coordenadoria. É um processo muito demorado, muito centralizado...

FATIMA – Na maioria dos CEUs tem esse problema de pessoal, não tem nem interesse político, até ser indicado, nomeado, demora...

CIDA – Então consigo entender o que você falou de “correr atrás do tempo perdido”...

GESTOR – Isso é uma leitura muito minha...

CIDA – Não, tem outros CEUs, que as pessoas estão falando isso, que eles estão percebendo que precisam fazer algo, que estão tentando retomar, acho que eles devem ter feito pesquisa porque o secretário, o Alexandre me chamou para conversar e ele queira saber o que era o CEU. Me perguntou o que fazíamos, porque aonde ele vai as pessoas falam: “ Ah! O Sr tinha que ter visto como era antes!....”

GESTOR – Esse secretário é diferente. Esta é uma fala dele. O que me passa, é que ele está tentando recuperar, porque estava um caos.

CIDA – Pelo que vocês falaram aqui, as secretarias não se articularam, as pessoas não se articulavam.

FATIMA –Ele tem essa preocupação, ele tem demonstrado isso, mas vai saber no que vai dar isto....

CIDA – Pelo menos ele demonstra uma preocupação política.

FATIMA – Isso. Uma preocupação política, por exemplo, ele demonstrou uma preocupação com o numero excessivo de ONG, ele começou por ai, teve uma fala dele por ai, não que ele tenha falado que é contra o PI, mas, por exemplo, a escola poder aderir e não ser obrigada a ter. Isso já é uma resposta considerável. Depois teve aquela greve, o movimento... Isso foi muito forte. Isso foi uma resposta positiva. A preocupação nas coordenadorias com esses oficineiros que vem, com as entidades que estão sendo contratadas, estão sendo mais cobradas...

GESTOR – Vamos contar o caso daquela que teve aqui...

FATIMA – É você que sabe.

GESTOR – Por exemplo.

FATIMA – Esse movimento começou com ele, mas não tenho dúvida de que é uma percepção política, uso político

CIDA – Eu vejo semelhança de programas implantados agora que lembram projetos antigos. O PROPIC que foi implantado pelo Pinotti no estado, lembro quando fui trabalhar na gestão do Chopin e vimos a quantidade de processos trabalhistas que os funcionários moveram. Vocês lembram? O PROPIC estendia o período de aula nas duas primeiras séries em duas horas e autorizava as APM a contratar pessoal. E outras iniciativas que foram abandonadas lá atrás, não sabem o que aconteceu... Porque há pessoas que conhecem a Educação, trabalharam no MEC na gestão do Paulo Renato... O que entrou de processo trabalhista, porque eles cumpriam horário, tinham trabalho determinado pela secretaria, foi abandonado, porque não deu resultado na qualidade só trouxe desgaste junto aos funcionários. O PROPIC é de 20 anos atrás!!! Foi abandonado. Eu acompanhei porque trabalhei na Secretaria estadual nesta época. Ele (Pinotti) ficou desatualizado.

FATIMA – Tem a formação do CP “Ler e escrever” para o ciclo I, tem outras duas que fazem a formação do Ler e escrever para o Ciclo II e tem mais formação do EJA, mas esta formação não passa.... Não sei, tem acho que mais duas que fazem formação para educação infantil, a diferença este ano ainda no Ler e escrever, é a matemática para o 2º ano do ciclo I. As coordenadoras estão tendo formação em matemática também. Foi feita uma sondagem e é assim, elas ficam o tempo todo correndo atrás de sondagem, hoje a CP, sondagem, a gente tem que levar sondagens o tempo todo. Agora vai ter as matrizes que são resultados das sondagens, um documento que eles estão chamando de expectativas de aprendizagem: “na 5ª série, no primeiro ano do ciclo II o aluno tem que ter estas e estas habilidades”...

GESTOR - Qual a fundamentação teórica?

CIDA – Eu conheço pouco, tive contato com o CEALE, de Minas, que falam dos exames, trabalham bem com os conteúdos, mas não é fácil, vi uma aplicação, de uma prova para o Brasil Alfabetizado... Eles dialogam, eles trabalham com matrizes, mas é difícil, eles levaram 1 ano e meio para construir as prova do BA. As pessoas contam, tentam raciocínio, as crianças também, a gente não percebe, mas tem que ficar atento...

FATIMA – Aqui está muito aquém disto que você está contando... Eu acho que se está se preocupando muito com o resultado, temos que trabalhar sim com a avaliação, com resultados, mas para corrigir o rumo. O discursos que eu tenho feito para os

professores, por outra é as sondagens com os alunos que estão sendo feitas que eu acredito nisto. É muito limitado, não tem um referencial teórico, pra gente estudar, compreender, não tem aqui as provas para você aplicar, o professor da 4ª série tem um referencial teórico, essa prática de fazer a sondagem da leitura e escrita, é pouca, mas ele sabe. O PROFA [Programa de Professores Alfabetizadores] foi bem aproveitado, eles aprenderam, pouco, a fazer o diagnóstico. Foi interessante a sondagem que se teve que fazer no semestre passado... A dificuldade para os professores fazerem a correção deste texto, como o aluno se vê no texto a compreensão... Foi altas brigas, no bom sentido.

GESTOR – Agora eles trouxeram a Esmeralda.

FATIMA – Tem um grupo agora aqui na Coordenadoria de Pirituba foi proposta por um grupo fora do horário de trabalho uma formação que é o PROFA, mas por iniciativa deles. Todo mundo que o Vivências Culturais, você conversa com professores mais de vanguarda.

GESTOR – O prêmio Paulo Freire da Câmara Municipal foi para um professor do... que desenvolveu um projeto todo com base no Vivências, o Luiz, João Luiz. Lá do Butantã.

FATIMA – A gente estava disponibilizando para as professoras do EJA [Educação de Jovens e Adultos] os portfólios para ver os projetos, o que pode ser feito, e uma das professoras, bem quadradinha, me perguntou o que foi feito daqueles portfólios do Vivências. Nossa eu queria saber o que foi feito, nós mandamos todos para as Coordenadorias. Eu respondi que não, eu estava na Coordenadoria falei que deve ter ido para a secretaria, porque eu não conhecia.

CIDA – Acho que ela está falando dos projetos de final do curso. Foram todos enviados para o Tomie Ohtake que preparou uma exposição, linda, no mesmo formato para todos os trabalhos, e depois de expostos os professores podiam retirar, quem não foi buscar... Os projetos foram encaminhados para o centro de Memória

FATIMA – Então era disso que ela estava falando...

CIDA – ficou muito bonito, a exposição ficou um mês lá no Tomie, para que outras pessoas tomassem conhecimento, não só para os professores.....

FATIMA – Eu estou falando para todos os professores juntar todos os documentos, fotos de projetos para que possamos, se precisar produzir um relatório. A

coordenadora já avisou que o Alexandre, acho que no dia 27 deste mês, vai fazer..... Também tem a reestruturação de carreira, que ele quer fazer... O Claudio Fonseca, do Sindicato está acompanhando, acha que o secretario vai apresentar o projeto para os diretores, e o sindicato quer acompanhar..... Parece que ele tem uma proposta para repor os 81%, lembra da ação da época da Erundina...

FATIMA – Também tem previsto uma avaliação dos alunos da rede municipal.

CIDA – Mas nos moldes do Prova Brasil? Pra que se já tem uma nacional e participam todas as escolas?

FATIMA – Não sei, mas o próprio secretário quer fazer uma que também avalie a segunda série, está programada, não sabemos quando ira acontecer...

CIDA – Só se ele estiver pensando na implantação dos 9 anos.

Normas utilizadas na transcrição:

Ocorrências	Sinais
Identificação de segmentos	[]
Truncamento, interrupção de fala	/
Pausas longas	...
Comentários descritivos do transcritor	[[minúsculas]]